



**Universidade Católica Portuguesa**

**Faculdade de Teologia**

**Instituto Universitário de Ciências Religiosas**

**Mestrado em Ciências Religiosas**

**Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica**

**JOSÉ LUÍS PEREIRA DE FIGUEIREDO**

**Só o amor constrói e dignifica a pessoa**

O contributo da Educação Moral e Religiosa Católica para a  
dignificação da pessoa humana

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada,  
sob orientação de:**

**Professor Doutor Armindo dos Santos Vaz**

**Mestre Juan Francisco Garcia Ambrosio**

**Lisboa**

**2017**



## **Agradecimentos**

Agradeço a todos os que tornaram possível a elaboração deste trabalho. Quero expressar um muito obrigado a todos os professores que me acompanharam e orientaram, durante este percurso, na Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, Núcleo Regional de Lisboa, principalmente aos meus orientadores, Professor Doutor Armindo dos Santos Vaz e ao Mestre Juan Francisco Garcia Ambrosio.

Incluo, também, nestes agradecimentos, a minha esposa Mónica e filha Margarida, pelo amor e compreensão que demonstraram durante o tempo que levei a elaborar este trabalho.

Recordo, ainda, as pessoas que mais me ajudaram a crescer nos valores humanos e cristãos: os meus pais, irmãos, sogros e congregação religiosa dos Irmãos das Escolas Cristãs do Colégio La Salle de Barcelos. A todos o meu muito obrigado!

## **Resumo**

A Unidade Letiva do sexto ano, “A Pessoa Humana” foi lecionada na Prática de Ensino Supervisionada e aprofundada neste trabalho. No meu entender, ao abordar todas as dimensões da pessoa, esta unidade letiva tem a preocupação de proporcionar uma formação integral do aluno.

No primeiro capítulo, foi referida a prática pedagógica realizada na Escola Salesiana de Manique. Deste capítulo, fazem parte os seguintes pontos: a caracterização da escola, destacando alguns elementos do seu projeto educativo, inspirado na pedagogia de São João Bosco; a caracterização da turma que acompanhei ao longo do ano letivo; a experiência letiva e as dificuldades que os alunos apresentaram na compreensão dos conteúdos.

No segundo capítulo, foi feito o levantamento da categoria “Pessoa” na unidade letiva em estudo e o cruzamento com outras unidades letivas do primeiro, segundo e terceiro ciclos, chegando-se à conclusão de que a temática desta unidade é de tal maneira significativa que aparece referida no percurso proposto pelo programa de EMRC do ensino básico. Ao lecionar a unidade letiva, verifiquei que o texto bíblico da carta de São João 1 Jo 4, 7-21 era pouco explorada, quer pelo programa quer pelo manual.

No terceiro capítulo, o núcleo central do trabalho, a interpretação do texto bíblico da carta de São João 1 Jo 4, 7-21, é realizada em dois momentos. No primeiro momento hermenêutico, estudei o contexto em que o autor viveu. Verifiquei nele que as seitas gnósticas queriam conhecer Deus, mas não viam em Jesus o Cristo encarnado. Para o autor da carta, o conhecimento de Deus dado pela fé só faz sentido se existir amor pelo próximo. No segundo momento hermenêutico, fiz a adaptação da mensagem texto bíblico para a vida concreta do aluno. O autor da carta apela para o leitor promover a dignidade humana através da prática do amor. Apela também para o perigo de viver uma religiosidade fechada no “eu”, ignorando os outros. Segundo o texto bíblico a carta de São João 1Jo 4, 7-21, a “Pessoa” como ser uno só desenvolve as suas dimensões através da abertura a Deus e aos outros.

No quarto capítulo, tentei demonstrar a pertinência da EMRC como uma disciplina promotora da dignidade humana. Seguidamente, fiz uma proposta de duas aulas para realizar a exegese da carta de São João 1 Jo 4, 7-21 de um modo mais aprofundado, com dois momentos hermêuticos, dando destaque à adaptação do texto para a vida dos alunos.

**Palavras - Chave:** Amor; Pessoa; Dignidade; Coerência; Autenticidade; Gnosticismo; Seita; Nova Era; Espiritualidade; Religiosidade; Corpo; Espírito; Liberdade; Fraternidade; Caridade.

## **Abstract**

The sixth grade Teaching Unit, “The Human Person”, was taught at the Supervised Teaching Practice in this final report. The way I see it, when we try to approach a person’s several dimensions, this unit tends to provide the student’s unabridged training.

In the first chapter, it was mentioned the teaching practise used in Salesiana de Manique School. In this chapter, these are the aspects to consider: the school’s description, where I mention some of its educational project aspects, inspired by São João Bosco’s pedagogy; the description of the class that I followed during the year; the teaching experience and the students’ difficulties regarding the contents comprehension.

In the second chapter, I approached the “Person” category in the respective teaching unit, and also the cross over between this unit and some of the first, second and third chapter units. I came to the conclusion that this unit’s subject has such an importance that it is studied in the proposed EMRC (Religious Education) contents. When I taught this unit, I realized that 1 Jo 4, 7-21 letter wasn’t really explored, neither by the subject’s curriculum nor by its book.

In the third chapter, there is the main object of study, which is the exploration of 1 Jo 4, 7-21, done in two different moments. In the first hermeneutic moment, I studied the environment in which the author lived. I have realized that the gnostic sects wanted to know God, however they didn’t see Jesus as the incarnated Christ. For the letter’s author, God’s acknowledgement by faith only makes sense if there is love for others. In the second hermeneutic moment, I have done the biblical text adaptation. The letter’s author appeals to the reader to promote human dignity through love. He also appeals for the danger of living in a closed religiosity, ignoring others. According to 1 Jo 4, 7-21, the “Person” as a whole being only develops itself by letting in God and others.

In the fourth chapter, I tried to show the importance of EMRC (Religious Education) as a subject where we can promote human dignity. Then, I proposed two lessons in order to do the 1 Jo 4, 7-21 letter of explanation in a more profound way, with two hermeneutical moments, emphasizing the text adaptation for the students’ life.

**Keywords:** Love; Person; Dignity; Coherence; Authenticity; Gnosticism; Cult; New Age; Spirituality; Religiosity; Body; Unity; Spirit; Freedom; Fraternity; Charity.

## Índice

<b>Introdução</b> -----	3
<b>Capítulo I – Caracterização da Escola e da Turma</b> -----	6
1. Caracterização da Escola-----	6
2. Caracterização da Turma-----	14
3. Experiência pedagógica ao lecionar a Unidade Letiva “A Pessoa Humana”-----	16
Conclusão do Capítulo I-----	22
<b>Capítulo II – A Categoria “Pessoa” no Programa de EMRC</b> -----	23
1. Referências à categoria “Pessoa” no Programa de EMRC do Ensino Básico-----	23
1.1. Primeiro Ciclo do Ensino Básico-----	25
1.2. Segundo Ciclo do Ensino Básico-----	27
1.3. Terceiro Ciclo do Ensino Básico-----	31
2. Categoria “Pessoa” no Programa e no Manual - Unidade Letiva Um do sexto ano “A Pessoa Humana”-----	38
2.1. A Categoria “Pessoa” no Programa-----	38
2.2. A Categoria “Pessoa” no Manual-----	42
3. Interpelações ao Programa e ao Manual - Unidade Letiva Um do sexto ano “A Pessoa Humana”-----	44
Conclusão ao Capítulo II-----	47
<b>Capítulo III – A “Pessoa” na primeira carta de São João 1 Jo 4, 7-21</b> -----	48
1. “Pessoa” no Mundo Greco-Romano-----	48
2. A “Pessoa” na 1 Jo 4, 7-21-----	51
2.1. Exegese do Texto Bíblico 1 Jo 4, 7-21 – Primeiro Momento Hermenêutico-----	52
2.1.1. O contexto no qual foi escrita a 1 Jo 4, 7-21-----	53
2.1.2. Linguagem simbólica presente na 1 Jo4, 7-21-----	54
2.1.3. Só o Amor santifica – 1 Jo 4, 7-21-----	56
2.1.4. O Amor revelado na morte de Cristo – 1 Jo 4, 7-12-----	58
2.1.5. A morte de Cristo testemunhada pelo Espírito – 1 Jo 4, 13-16-----	60

2.1.6. O Amor ilimina o medo e dá confiança – 1 Jo 4, 16-18-----	61
2.1.7. O Amor de Deus impele à fraternidade – 1 Jo 4, 19-21-----	62
2.2. Atualização do texto bíblico 1 Jo 4, 7-21 – Segundo Momento Hermenêutico-----	63
2.2.1. O nascimento de novos movimentos de espiritualidade-----	63
2.2.2. Diferença entre espiritual/espiritualidade e religião/espiritualidade-----	65
2.2.3. A resposta aos novos movimentos de espiritualidade-----	68
2.2.4. Só Amor fraterno liberta e dignifica a “Pessoa”-----	71
3. A categoria de “Pessoa” e as suas dimensões à luz da 1 Jo 4, 7-21-----	76
3.1. A “Pessoa” como uma unidade de Corpo e Espírito-----	76
3.2. A dimensão corporal da “Pessoa”-----	78
3.3. A dimensão social e relacional da “Pessoa”-----	80
3.4. A Dimensão espiritual da “Pessoa”-----	81
4. Ser “Pessoa” à luz de Deus “Pessoa”-----	85
Conclusão Capítulo III-----	87
<b>Capítulo IV – A EMRC e a tarefa de dignificar a “Pessoa”-----</b>	<b>88</b>
1. A Unidade Letiva “A Pessoa Humana” como tarefa de dignificar a “Pessoa”-----	88
1.1. A impotância do texto religioso nomeadamente do texto bíblico na escola-----	92
1.2. A EMRC como promotora do diálogo e da paz na escola e na sociedade-----	94
2. Como trabalhar a 1 Jo 4, 7-21 na aula no sentido de dignificar a “Pessoa”-----	98
2.1. Planificações nível I, II e III-----	99
2.2. I Momento Hermenêutico-----	107
2.3. II Momento Hermenêutico-----	119
<b>Conclusão-----</b>	<b>129</b>
<b>Campo Bibliográfico-----</b>	<b>133</b>

## **Introdução**

A Unidade Letiva um do sexto ano, “A Pessoa Humana”, será objeto de estudo no âmbito da realização deste trabalho, porque foi a lecionada na Prática de Ensino Supervisionada em que surgiram situações sobre as quais vou procurar refletir e elaborar uma proposta de trabalho que permita aos alunos tirar maior proveito para as suas vidas concretas. No meu entender, ao abordar todas as dimensões da pessoa, esta unidade letiva tem a preocupação de proporcionar uma formação integral do aluno, apresentando-lhe três questões fundamentais sobre o sentido da sua existência: “Quem é a pessoa humana?”, “Quem sou eu?” e “Quem é Deus?”. Esta unidade ajuda o professor e os alunos a perceber que a questão “Quem é Deus” implica a questão de “Quem é o homem”. Diante da procura de sentido da vida, julgo que o estudo da unidade letiva um, do sexto ano, “A Pessoa Humana”, contribui para que o aluno não cresça fechado em si mesmo, mas que o faça aberto à relação com Deus e com os outros.

A temática desta unidade é de tal modo central que aparece referida, de modo direto ou indireto, no percurso proposto nos programas de EMRC desde o primeiro ciclo até ao secundário. Por isso, neste trabalho, serão estudadas a visão e o conceito de pessoa humana presentes na unidade e ainda os pontos de contacto que existem com outras unidades letivas do primeiro, segundo e terceiro ciclos.

Neste trabalho, a reflexão sobre a pergunta “Quem é a pessoa?”, que nos apresenta o programa da disciplina, será feita com a hermenêutica de um excerto da primeira carta de São João (1 Jo 4, 7-21), proposto pelo programa para esta unidade letiva, sendo transversal a todos os conteúdos e abordagens da unidade letiva “A pessoa humana” e a partir do qual será estudado o conceito de “pessoa”. Para São João, a pessoa constrói-se através da relação de amor com Deus e com os outros, tornando-se evidente que, nesta perpetiva, só amor dá sentido à vida e realiza a pessoa humana, fazendo-a sair de si para se abrir à relação. O “eu” existe porque existe um “tu”, que é Deus, e um “tu”, que são os outros.

Ao analisar o texto 1 Jo 4, 7-21, verificamos que o autor da carta teve de enfrentar as seitas gnósticas do seu tempo que incorporavam elementos da filosofia grega e que influenciavam negativamente os cristãos. A pessoa tinha a sua realização ao libertar-se do corpo como uma realidade negativa, passando para a dimensão espiritual, que se situava num patamar superior à dimensão corporal. Embora a teologia cristã tenha recebido influência do dualismo de algumas correntes do pensamento grego, é importante referir que prevalece, sobretudo na Igreja católica, a perspectiva unitária da pessoa.

No entanto, o gnosticismo continua ativo no nosso tempo e no nosso contexto. Atualmente, muitas pessoas procuram dar sentido à sua existência. Para muita gente, essa procura de sentido é feita fora das religiões institucionalizadas, nomeadamente fora do âmbito da Igreja. Esse caminho leva à busca do próprio “eu” e de um Deus feito à medida

de cada um. O amor que cada um procura viver é apenas a busca da sua satisfação pessoal, sem pensar em sair de si para se dar aos outros.

Perante estas novas formas de viver o religioso, o facto de o estudo da Unidade Letiva “A Pessoa Humana” partir do texto bíblico (1Jo 4, 7-21) será uma incontestável oportunidade para que o aluno possa, através da dinâmica da aula, procurar o verdadeiro sentido para a sua vida. A EMRC deve ajudar o aluno a crescer como pessoa ao desenvolver todas as suas dimensões, nomeadamente a espiritual. Neste sentido, é possível que através da dimensão religiosa, pode proporcionar-se a experiência religiosa de encontro com o Deus pessoal. O aluno pode sentir que o amor de Deus o compromete a sair de si para se dar aos outros, nomeadamente àqueles cuja dignidade não é sequer respeitada.

Neste sentido, irei fazer referência ao documento do Pontifício Conselho para a Cultura, “*Jesus Cristo, Portador da Água Viva*”, no qual se reflete sobre os novos movimentos de espiritualidade difusa que influenciam negativamente a nossa sociedade e, de um modo especial, os alunos. O referido documento dá resposta a estes movimentos que promovem uma busca de sentido baseada na valorização do “eu” e na procura do divino, que apenas se apresenta como imanente ao ser humano. Esta visão da vida e da religião que exalta o “próprio ego”<sup>1</sup> não leva à verdadeira construção da pessoa, levando-a, antes, a fechar-se perante a necessidade de dignificar os outros.

Os movimentos culturais e difusos da *Nova Era* revelam-se como novas formas de gnosticismo que mostram uma visão diferente de entender a pessoa, o mundo e Deus. A resposta a estes novos movimentos através da disciplina de EMRC deve ser uma visão da pessoa que se realiza plenamente na relação de amor a Deus e aos outros.

Para ajudar a estudar a unidade letiva e para aprofundar mais a primeira carta de São João 1 Jo 4 7-21, irei fazer referência à Carta Encíclica de Bento XVI *Deus Caritas Est*, que faz o estudo sobre o amor. A Encíclica estuda o amor gratuito dado por Deus que, através de Jesus, se torna amor oblativo e de entrega por cada pessoa para a dignificar e para dar sentido à sua existência. A reflexão sobre o amor, realizada na Encíclica, acompanha os conteúdos da unidade letiva “A Pessoa Humana”, primeiro na procura do conceito filosófico e antropológico de pessoa como ser único e uno; depois, no estudo do texto bíblico 1 Jo 4, 7-21. Assim, se nos detivermos numa reflexão atenta sobre a Encíclica, constatamos que, efetivamente, o amor gratuito é a única fonte de sentido para a pessoa. Por último, na última parte da unidade, refere-se que é tarefa de cada ser humano dignificar os outros que vivem ao seu lado. A Encíclica *Deus Caritas Est* apresenta a dignidade da pessoa como tarefa não só de cada pessoa, mas sobretudo como tarefa de todos, nomeadamente da Igreja, através da sua Doutrina Social.

No meu entender, o texto bíblico 1 Jo 4, 7-21 que será aprofundado, constitui o ponto central da Unidade Letiva “A Pessoa Humana” e marca a passagem de uma reflexão sobre a pessoa com uma linguagem mais filosófica e abstrata para uma linguagem mais

---

<sup>1</sup> Cf. Pontifício Conselho da Cultura, *Jesus Cristo Portador da Água Viva*, Paulinas, Lisboa, 2003, p. 34.

antropológica, existencial e relacional. O foco central do texto é o amor, tornando-se perceptível que a relação com o transcendente é inseparável da relação de amor para com os outros.

Sobre a importância dos textos religiosos, nomeadamente a Bíblia, escreve o professor Armindo Vaz que, “para captar a sua mensagem, há que compreender as linguagens em que os seus autores se exprimiram”<sup>2</sup> e tirar as consequências para a vida presente.

O texto é muito rico, mas, tanto no programa como no manual, acaba por não ser convenientemente explorado. Durante a experiência da Prática de Supervisão Pedagógica, o texto foi estudado apenas numa aula, o que se revelou insuficiente para aprofundar e para realizar os dois momentos hermenêuticos da exegese. É pretendida uma abordagem do texto mais profunda, que dê pistas para a vida concreta do aluno, sobretudo para o compromisso de dignificar os outros através do amor “oblativo”, gratuito e generoso. Para o efeito, serão propostas duas aulas para explorar mais pormenorizadamente a sua mensagem. As aulas serão integradas na planificação da unidade letiva um. Na primeira aula, será lido o texto e ocorrerá o primeiro momento hermenêutico, dando destaque quer à linguagem simbólica quer à descoberta da mensagem. Na segunda aula, será feito o segundo momento hermenêutico, onde se destacará o compromisso de cada aluno para amar os outros, sobretudo perante as situações de falta de dignidade humana.

A disciplina de EMRC, ao abordar esta unidade letiva, procura proporcionar ao aluno uma experiência mais humana que lhe permita construir a sua personalidade e que lhe permita, simultaneamente, construir-se como pessoa. No entanto, as aulas de EMRC, para além de serem, por eleição, um espaço de reflexão, devem constituir-se também como espaços propícios para fomentar a relação humana, onde o aluno se sinta respeitado na sua dignidade. Ao longo da unidade letiva em estudo, o aluno descobre a relação existente entre direitos e deveres que o comprometem com a tarefa de viver para dignificar as pessoas que vivem ao seu lado.

A disciplina de EMRC deve propor e dar a conhecer Jesus, que ajudou o ser humano a perceber que só se é feliz vivendo para os outros. Jesus viveu em grupo para nos mostrar que o encontro e a relação com Deus acontecem no encontro com os outros. Jesus dá-nos a imagem de Deus-amor, porque amava profundamente as pessoas.

O presente trabalho também debate o impacto que a disciplina de EMRC deve ter na escola, pois, embora não sendo uma disciplina de carácter obrigatório, pode tornar a escola mais humana, levando a comunidade educativa a olhar para a pessoa como um ser absoluto e preocupada em promover uma escola inclusiva que dignifique e que ame a pessoa.

---

<sup>2</sup> Cf. Armindo dos Santos VAZ, *Palavra Viva, Escritura Poderosa – A Bíblia e as suas linguagens*, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2013, p. 7.

## **Capítulo I - Caracterização da Escola e da Turma.**

O primeiro capítulo deste trabalho é dedicado ao contexto social, económico, religioso e geográfico da Escola Salesiana de Manique, onde realizei, ao longo do ano letivo de dois mil e dezasseis e dois mil e dezassete, a Prática de Ensino Supervisionada. Por ser uma Escola Católica, o seu projeto educativo está marcado pela espiritualidade Salesiana, baseada na pedagogia do seu fundador, D. Bosco. A caracterização da escola será feita tendo em conta o lema do ano pastoral da Escola Salesiana de Manique: “Desafia-te - Fazer Maravilhas”.

Em seguida, é feita a caracterização da turma, onde surge, de modo mais concreto, o contexto social, geográfico e familiar da turma do sexto ano A, na qual lecionei. Cada aluno desta turma não foi, este ano, um mero número, mas uma pessoa a olhar no coração e a desafiar para fazer maravilhas na sua vida e na dos outros.

É a partir do processo de caracterização da escola e da turma, que o professor edifica um sólido conhecimento das necessidades efetivas dos alunos, assim como das eventuais potencialidades, o que lhe permite preparar melhor as aulas tendo em conta o contexto específico no qual se encontram.

### **1. Caracterização da Escola**

Para S. João Bosco “A educação é uma questão do coração”. Na escola da vida, o amor é a única lição que é fundamental aprender. Só o amor transforma positiva e construtivamente a vida das pessoas. Quem educa no amor aponta caminhos sem impor, anima e motiva à partida, acompanha durante a viagem e acolhe no final da jornada. Uma casa salesiana tem a missão de estimular e de motivar os jovens a sonhar mais alto. O primeiro passo é olhar para si mesmo, encontrar-se, percorrer o caminho da interioridade, encontrarmo-nos aí com Deus que nos desafia, que nos surpreende, que suscita, que provoca, que desinstala, que entusiasma, que fascina, que acompanha e que orienta.

A pedagogia da Escola Salesiana de Manique é inspirada no modelo educativo de S. João Bosco – o Sistema Preventivo –, sendo que a Escola Salesiana procura ser “casa que acolhe, paróquia que evangeliza, escola que forma para a vida e lugar de encontro entre amigos que sabem viver em alegria”. A pedagogia de D. Bosco é baseada no “Sistema Preventivo”, que, neste sentido, valoriza a "personalização" das “relações educativas mediante a presença dos educadores no meio dos alunos, a sua participação na vida dos jovens e a sua disponibilidade para estar com eles”. Para isso, muito contribuem três pilares fundamentais: a razão, a religião e a amabilidade, que se traduzem em atitude acolhedora, simples e natural, que favorece a confiança; em espírito de família, que facilita a compreensão e o convívio; em otimismo e alegria, que imprimem a todas as relações pessoais um estilo juvenil; em amizade educativa, marcada pela presença constante do educador entre os alunos.

Segundo Richard Arends, ensinar é uma arte que depende da criatividade dos agentes educativos, sendo que não pode ser apenas norteada pelo conhecimento científico, pois depende de um conjunto complexo de julgamentos individuais, baseados em experiências pessoais.

Vivemos numa sociedade multicultural, que não pode ser esquecida pelo professor, quando prepara e quando leciona as suas aulas. “A aprendizagem é uma atividade cultural e social, na qual, através do conhecimento, os alunos constroem significados”<sup>3</sup>. Para que tenhamos salas de aula ativas, é necessário que o professor conheça a realidade sociocultural dos seus alunos, pois, só assim, estes serão envolvidos ativamente em experiências relevantes, em que lhes é dada oportunidade de dialogar, para que os significados possam ser desenvolvidos e construídos. A aprendizagem deve proporcionar comunidades caracterizadas por um elevado grau de participação e de envolvimento.

A Escola Salesiana de Manique, sendo uma escola inclusiva, é marcada por uma elevada tendência de alargar as suas oportunidades educativas, abrindo os seus horizontes a alunos provenientes de diferentes etnias e de diferentes culturas. Neste sentido, o professor deve apostar na pedagogia diferenciada, atendendo aos diferentes estilos de aprendizagem (as estratégias devem interligar os vários estilos de aprendizagem). Será sempre importante o professor fazer ligações a conhecimentos adquiridos anteriormente, ou partir da realidade dos alunos para ajudar a fazer ligações do que já sabem e do que vão ainda aprender. Claro que isto só será possível, se o professor conhecer bem o contexto externo e interno da escola na qual está integrado.

É extremamente importante que o professor tenha a capacidade de ir ao encontro do aluno, para que, deste modo, seja possível maximizar o processo de ensino-aprendizagem. O professor deve apostar em todos os seus alunos, independentemente das suas características culturais e étnicas, de forma a corresponder às suas aspirações e às suas necessidades<sup>4</sup>. Deve ser possuidor de um reportório de estratégias e de métodos adequados à diversidade.

Para um melhor conhecimento do meio sócio-cultural, foi recolhida informação no Plano de Desenvolvimento Curricular<sup>5</sup> e no Projeto Educativo<sup>6</sup>, a partir dos quais se pôde facilmente apurar que este é constituído por uma população heterogénea, com bairros habitados por pessoas desfavorecidas ao lado de bairros com população de um nível cultural e económico médio-alto. A Escola Salesiana de Manique (ESM) abrange a população de Manique, uma parte da Adroana, do Bairro de 16 de novembro e dos bairros sociais do Miradouro, dos Bem Lembrados, da Cres e da Estrada, com muitas famílias

---

<sup>3</sup> Cf. Richard ARENDS, *Aprender a Ensinar*, McGraw-Hill Interamericana de España, S.A.U., Madrid, 2008, p. 12.

<sup>4</sup> Cf. *Ibidem*, p.83.

<sup>5</sup> Cf. Escola Salesiana de Manique, *Plano de Desenvolvimento Curricular Salesianos de Manique, Desafiate a fazer maravilhas*, 2016, <http://www.manique.salesianos.pt/>, 22/04/2017

<sup>6</sup> Cf. Escola Salesiana de Manique, *Projeto Educativo 2010-2014*. <http://www.manique.salesianos.pt/>, 22/04/2017

realojadas, provenientes dos PALOP e de outras nacionalidades, que apresentam problemas de desemprego, de pobreza e, por vezes, de marginalidade. Para contrastar com esta realidade social problemática, muito próximo da escola tem aumentado também a construção de moradias e de condomínios com uma população de nível socioeconómico médio-alto. Aberta a estas realidades sociais tão distintas, a Escola Salesiana de Manique não exclui ninguém, procurando fazer com que, não obstante a diversidade, o aluno se sinta uma pessoa única e igual aos outros, assim como se sinta respeitado na sua dignidade.

Assim sendo, entre a sua população, registam-se padrões de comportamento e de valores muito diversificados, muitas vezes difíceis de uma caracterização própria, o que dá origem a grandes contrastes de ordem sociocultural e familiar, assim como a situações de difícil interação. Daqui resulta que as motivações, as necessidades, as expectativas dos alunos e dos seus grupos familiares exigem da ESM uma intervenção atenta à diversidade. Consciente desta realidade, a Comunidade Educativa potencia os recursos materiais e humanos de modo que todos tenham a oportunidade de se socializar, de descobrir que podem ser felizes e que podem alcançar os objetivos a que se proponham no âmbito do seu desenvolvimento e do seu crescimento pessoal. Deste modo, a escola está aberta a todos e promove um ensino de qualidade junto da comunidade. Como Escola inclusiva que é, recebe os alunos da zona atribuída pelo Ministério da Educação ao abrigo do Contrato de Associação celebrado com o Estado, que integra alunos provenientes dos bairros com realidades sociais heterogéneas com variados níveis culturais e económicos diferentes. No sentido de responder a todos aqueles que, não fazendo parte desta zona, tenham interesse no Projeto Educativo, existe a possibilidade de estes frequentarem a Escola através da lecionação paga.

A escola dos Salesianos de Manique no ano letivo 2016/2017 é frequentada por 1564 alunos abrangidos pelo contrato de associação e comporta turmas que vão do 5.º ao 12.º ano. No âmbito da lecionação paga, frequentam a escola um total de 362 alunos, que abrangem turmas do 5.º ao 11.º anos.

Nesta escola, trabalham 120 professores, que são auxiliados na sua ação educativa por 98 funcionários. Também fazem parte da estrutura dos recursos humanos um professor no núcleo de apoios educativos, dois psicólogos para acompanhamento dos alunos, uma associação de pais, composta por 130 associados e 13 elementos dos corpos diretivos, e uma associação de estudantes.

Quanto às estruturas físicas, edifício e equipamentos, a Escola dos Salesianos de Manique é composta pelos edifícios A, B, C, D, E, F, G e H.

O edifício A contém Serviços de Receção/Telefonista; Secretaria; Reprografia/Papelaria; Administração e Direção Pedagógica; bem como o 5.º ano do 2.º Ciclo, cujas salas estão equipadas com ar-condicionado, com televisão e com vídeo/ leitores de DVD; o Gabinete do Coordenador de Ano e a Capela. Funciona também no primeiro piso a Biblioteca da Escola, composta por duas salas contíguas: uma de leitura e outra de pesquisa, com alguns

computadores ligados à *internet*, para efetuar consultas rápidas, bem como outra, para a realização de trabalhos.

O edifício B é ocupado pelo 6.º ano do 2.º Ciclo e pelo 7.º ano do 3.º ciclo, por salas de Professores, por Gabinetes da coordenadora do 2.º Ciclo e por gabinetes das coordenações de ano (6.º e 7.º anos), por um Gabinete da Coordenação de Departamentos, por Laboratórios, por salas de Informática, por salas equipadas com quadros interativos, pelo Gabinete do Técnico de Informática, por Gabinetes de Vigilância, por uma sala de Audiovisuais, por um Ginásio, por Balneários, por uma Sala de Ténis de Mesa, por dois Auditórios, por salas de Música e pelo Centro Musical D. Bosco.

O edifício C é ocupado pelo 8º e pelo 9º anos do 3º Ciclo e pelo Ensino Secundário, pelas salas de Professores, pelo Gabinete do Diretor Pedagógico Colegial, pelos Gabinetes dos Diretores de Ciclo e pelos Coordenadores de Ano, pelos Laboratórios e pelos Gabinetes de Vigilância. Neste Edifício, a maioria das salas dispõe de instalações de Projetores de Vídeo, de televisão e de vídeo/ leitores de DVD, de uma sala da Associação de Estudantes, do Gabinete dos Exames Nacionais do Ensino Básico (ENEB) e do Gabinete dos Exames Nacionais do Ensino Secundário (ENES).

Os edifícios anteriormente referidos possuem as necessárias infraestruturas de apoio, bem como acessos de elevador, permitindo a frequência de todos, pois a escola é feita a pensar na humanização da pessoa.

A cantina situa-se no edifício D, instalada num edifício próprio, com a cozinha anexa e com despensas, servindo um número significativo de almoços diários.

O edifício E, no primeiro piso, é onde funcionam os Serviços de Psicologia e Orientação, o Núcleo de Apoios Educativos, o Gabinete da Pastoral, as salas de Catequese, as salas de atendimento aos Encarregados de Educação e o Grupo de Escuteiros. No rés-do-chão estão instaladas a Sala de Educação Musical do terceiro ciclo e a Sala de Dança.

Nos Edifícios B, C e E existem cacifos à disposição dos alunos, resultantes do esforço organizador da Associação de Pais e Encarregados de Educação da Escola.

O edifício F é o Pavilhão Gimnodesportivo, que foi homologado com um alvará de licença de utilização passado pela Câmara Municipal de Cascais, para os seguintes desportos: Voleibol, Basquetebol, Badmington, Futsal e Andebol e que inclui um campo de jogos, um posto médico, uma sala de troféus, seis balneários, oito instalações sanitárias (duas para deficientes), uma sala de aulas teóricas, uma sala de equipamentos desportivos e uma sala de apoio à *Academia do Sporting Clube de Portugal*. Para além disso, contém os seguintes campos anexos: uma pista de salto em comprimento; dois *courts* de ténis com relva sintética; três campos de *futsal* com relva sintética; um círculo de lançamento de peso; vários campos de futebol, de basquetebol e de andebol; uma Pista Simplificada de Atletismo, resultado da parceria com a Câmara Municipal de Cascais e premiando os sucessos da Equipa de Atletismo da Escola.

O edifício G é constituído pelo gabinete do Vigilante, pelas salas de Educação Visual, por três salas de aula, pelo Clube das Artes e pelas oficinas. Está localizada também neste bloco a Lavandaria.

Finalmente, o edifício H tem uma piscina coberta, onde os alunos e a população local podem usufruir da prática da natação.

O Projeto Educativo de Escola é definido como o documento que consagra a orientação educativa do agrupamento de escolas ou da escola não agrupada, sendo elaborado e aprovado pelos seus órgãos de administração e gestão para um horizonte de quatro anos, no qual se explicitam os princípios, os valores, as metas e as estratégias, segundo os quais o agrupamento de escolas ou escola não agrupada se propõe cumprir a sua função educativa. Este Projeto Educativo foi elaborado pela Comunidade Educativa Salesiana e submetido à aprovação do Conselho Pedagógico e Entidade Titular, procura traduzir a identidade da Escola Salesiana de Manique cuja missão é a promoção integral da pessoa, onde se procura o crescimento e o amadurecimento de cada aluno em todas as suas dimensões, através de uma educação que se caracteriza pelo espírito de família, pelo clima de alegria, pelo sentido de festa e pela participação criativa, utilizando o ambiente educativo como veículo e como proposta de valores. Este Projeto Educativo, de acordo com os princípios estabelecidos nos currículos nacionais, valoriza a integração dos diversos parceiros na Escola, dos recursos e a sua articulação com o meio envolvente<sup>7</sup>.

A partir da análise do Projeto Educativo, é possível determinar os seguintes eixos para uma apresentação consubstanciadora das ideias principais defendidas pela instituição na sua missão educativa junto das comunidades do seu meio envolvente: Ideário Salesiano; Missão; Princípios; Valores e atitudes.

A Escola Salesiana de Manique é uma escola particular, com regime misto, onde coexistem o contrato de associação com o Ministério da Educação e o contrato simples (lecionação paga), numa proposta educativa que acolhe alunos que frequentam o 2º e o 3º Ciclos do Ensino Básico e o Ensino Secundário, num total de 67 turmas, com base na informação recolhida no Projeto Educativo 2012/2014.

A entidade titular é o Centro Educativo Salesiano – IPSS, com sede na Rua dos Salesianos, 1 Manique de Baixo - Alcabideche, que se faz representar pelo seu Presidente, o qual, juntamente com outros Salesianos colaboradores, é o garante da identidade salesiana da escola.

Enquanto Escola Salesiana, a ESM educa evangelizando e evangeliza educando, isto é, harmoniza o desenvolvimento humano com o crescimento cristão, constituindo um espaço privilegiado de educação e de evangelização dos jovens. Reúne em si uma síntese coerente e desenvolvida dos princípios evangélicos, das orientações do magistério da Igreja e das orientações legislativas em vigor, num estilo peculiar baseado no método pedagógico de S. João Bosco, anteriormente referido de Sistema Preventivo. Por isso, a

---

<sup>7</sup> Cf. *Ibidem*, p. 3.

identidade salesiana da ESM exige a convergência de intenções e de ação por parte de todos os seus membros que participam no processo educativo, dando origem a uma Comunidade Educativo-Pastoral (CEP), que é, ao mesmo tempo, sujeito e ambiente de educação e na qual o jovem pode encontrar uma outra casa.

A ESM também é uma escola aberta, popular e inclusiva. Para além das relações com o Ministério da tutela, com outras escolas salesianas e com escolas da zona na qual está inserida, colabora ainda com diversas instituições da área geográfica, onde está situada, criando contactos, pondo à disposição espaços e recursos, promovendo uma cultura de solidariedade e a dignidade da pessoa humana.

A missão da ESM e a sua proposta educativa são influenciadas pelo pluralismo da sociedade e pela diversidade existente entre as múltiplas conceções da pessoa, da vida e do mundo. Por outro lado, são muitos os autores que defendem que a escola dos dias de hoje necessita de centrar os seus modelos de ensino-aprendizagem e de organização em processos que possibilitem dar resposta aos desafios da atualidade, através da promoção de práticas que desencadeiem situações de verdadeira aprendizagem, às quais os alunos atribuam significado, desenvolvam competências, minimizando as resistências geradoras de conflitos que condicionam o processo de ensino-aprendizagem<sup>8</sup>.

A ESM procura educar não só para o êxito académico, mas também para o desenvolvimento integral dos alunos e para a sua participação na construção responsável da sociedade e da Igreja do dia de amanhã.

A ESM, fiel às orientações das escolas salesianas e à legislação em vigor, constitui uma proposta de educação diversificada, de qualidade e para a excelência sintetizada na expressão “bons cristãos e honestos cidadãos”, promovendo um processo de humanização, que visa o crescimento integral dos destinatários e a construção de uma sociedade justa e solidária.

Esta missão não é da responsabilidade só do professor, mas de todos os intervenientes no processo educativo: alunos, professores, famílias e instituições.

Como professor estagiário, tenho estudado os documentos da escola, sobretudo o projeto educativo, o plano de desenvolvimento curricular e a página de *internet* da escola. Como professor de Educação Moral e Religiosa Católica, sinto-me identificado com a missão da Escola Salesiana de Manique.

Fiel ao seu ideário e missão, tomando como referentes os pressupostos da Lei de Bases do Sistema Educativo, a ESM deseja nortear a sua ação educativa de acordo com os seguintes princípios: o aluno está no centro do ato educativo, favorecendo uma formação integral e uma aprendizagem de saberes e de princípios em função da sua vida; toda a comunidade educativa vive em ambiente de família, de modo que todos colaborem e se encontrem na escola como na sua própria casa; os educadores participam na vida dos jovens e disponibilizam-se para estar com eles, dentro e fora da sala de aula e a proximidade educativa do educador ajuda o educando a superar situações que possam incidir negativamente no crescimento integral da sua personalidade; todos os elementos

---

<sup>8</sup> Cf. *Ibidem*, p. 5.

da comunidade educativa são responsáveis pela atividade educativa, favorecendo a solidariedade e a cooperação, no respeito pelas tarefas próprias de cada um e do princípio da subsidiariedade; segue de perto as orientações do sistema preventivo promovido por Dom Bosco, privilegiando as experiências positivas, antecipando o aparecimento de situações ou de hábitos negativos, desenvolvendo positivamente as forças interiores da pessoa, criando um ambiente que estimule, que sustente e que desenvolva o gosto pelo bem; ultrapassar todas as formas de discriminação, favorecendo um ambiente de tolerância informada e crítica, respeitando a diferença e favorecendo a inclusão; respeito pelas normas e orientações dos órgãos educativos, cumprimento dos programas, uso de materiais educativos oportunos, promoção de aprendizagens significativas.

Durante a experiência educativa da Prática de Ensino Supervisionado, procurei assimilar e pôr em prática estes princípios da ESM. Tenho valorizado e promovido a dignidade de cada aluno, ao procurar uma maior proximidade e valorizando positivamente o que de positivo existe em cada um. Para este efeito, tentei estar o mais tempo possível na escola e procurar entrar em contacto com os alunos dentro e fora da sala de aula. Tanto eu como o restante núcleo de estágio procuramos participar em todas as atividades da escola, para que nos possamos integrar na comunidade educativa e para que possamos estar próximo dos alunos e dos restantes professores.

A ESM não é só um lugar de transmissão de saberes, mas, acima de tudo, assume-se como uma instituição de ensino preocupada, acima de tudo, com a formação integral da pessoa. Com a formação científica e intelectual, a ESM promove valores e atitudes que privilegiam a construção da dignidade individual e do respeito pelo social.

No que diz respeito aos valores, podemos salientar os seguintes: a confiança, a autoconfiança, que se traduz na convicção de que todos têm capacidades que devem ser desenvolvidas, e a heteroconfiança, que é a capacidade de confiar nos outros e parte da assunção de que toda a pessoa é, na sua génese, boa; a alegria de viver com sentido de gratidão, mesmo na adversidade; a liberdade, que promove o desenvolvimento da autonomia; a autenticidade, mesmo quando se é sujeito a pressões externas e aos impulsos da moda ou do momento. O valor da autenticidade é estudado com relevo na unidade letiva em estudo “A Pessoa Humana”; salientando-se a tolerância e o respeito por convicções diferentes e a não imposição coerciva de crenças ou de formas. A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica não impõe, mas faz propostas ao aluno, respeitando a sua liberdade de pensamento e a sua orientação religiosa. É importante reconhecer que, acima de todas as diferenças, está o ser humano, sujeito de dignidade e autonomia de decisão sobre os seus projetos de vida<sup>9</sup>.

Continuando ainda com os valores da ESM, saliento também os seguintes: a cidadania, que promove o sentido de pertença de um indivíduo a uma comunidade organizada, que lhe atribui um conjunto de direitos e obrigações; a verdade, a transmissão transparente e

---

<sup>9</sup> Cf. *Ibidem*, p. 7.

fiel daquilo que é verdadeiro e verificável, consolidando relacionamentos humanizantes e construtivos; a justiça que procura a igualdade social; o trabalho como meio de desenvolvimento e de realização pessoal; a paz e a convicção da inutilidade e do horror da guerra; a cooperação, o acolhimento e o encontro entre educadores, alunos e famílias; a solidariedade, que leva ao compromisso pelo bem comum, reconhecendo e aceitando o outro como pessoa, respeitando a sua dignidade.

O Programa da disciplina de EMRC, na unidade letiva “A Pessoa Humana”, procura transmitir e propor nos seus conteúdos todos estes valores.

No que concerne às atitudes, a ESM promove as seguintes: a escuta dos outros, reconhecendo que o outro é digno de confiança ou não; a autoestima, ao desenvolver uma atitude de amor e de respeito por si próprio, tendo confiança nas suas capacidades; o sentido crítico e de humor sobre si próprio e o mundo; a esperança para ver o melhor da vida; a autonomia, ao desenvolver a capacidade de fazer tarefas por si próprio, de tomar decisões, evidenciando um sentido de auto-orientação responsável; o sentido de responsabilidade, assumindo as suas escolhas como as melhores para o próprio e para os outros; o respeito pela dignidade da pessoa humana e estabelecer uma saudável convivência interpessoal, resultante também de uma pacificação interior. Esta atitude é aprofundada de um modo especial na unidade letiva em estudo “A Pessoa Humana”; aceitar e respeitar o outro por ser diferente, nomeadamente as diferenças culturais e ideológicas; o cumprimento das regras como base fundamental de uma sociedade democrática e justa, onde a convivência pacífica e harmoniosa entre as pessoas seja possível<sup>10</sup>. Esta atitude vai também ao encontro da unidade letiva em estudo “A Pessoa Humana”, em que se reconhece que as regras são importantes para a vida em grupo e para respeitar os direitos dos outros; a disciplina através do reconhecimento da autoridade dos educadores que se alcançará sobretudo pela pedagogia do exemplo, em termos de empatia, de generosidade e de respeito recíprocos; a atitude proactiva, em que cada um desempenhe o papel de participação ativa que lhe cabe na sociedade, com direitos e com deveres; ajudar a estabelecer e a definir objetivos de vida, exigentes mas tangíveis; consciente que o cumprimento do dever passa pelo desempenho de tarefas que são próprias para a sua idade, e valorizar o papel que cada aluno desempenha na sociedade (como estudar, aprender, ser cooperante com os colegas); desenvolver a capacidade de perdoar, que passa pela compreensão que o ser humano, na sua fragilidade, também erra, mas que deve ter sempre a oportunidade de se arrepender e de melhorar; ajudar a estabelecer relações interpessoais baseadas na amizade sem necessidade de retribuição. A Unidade letiva em estudo define “pessoa” como ser aberto à relação; desenvolver um ambiente de entreajuda em que o companheirismo deve prevalecer. A Unidade letiva “A Pessoa Humana” procura que os alunos aprendam a partilhar, a crescer juntos e preocupados com o amor mútuo; criação de uma escola - comunidade que envolve os alunos, os pais e os educadores, em clima de família; promover a comunicação, a partilha

---

<sup>10</sup> Cf. Escola Salesiana de Manique, *Projeto Educativo 2010-2014*. p. 8.  
<http://www.manique.salesianos.pt/>, 22/04/2017.

e as relações entre educadores e educandos, privilegiando a descoberta do melhor que existe nos educandos, que são os agentes e os protagonistas da sua própria educação; promover a partilha e o sentido da gratuidade e da atenção aos outros, preferencialmente aos alunos, às famílias e aos setores sociais mais necessitados.

As atitudes presentes no projeto educativo da ESM foram trabalhadas durante a lecionação da unidade letiva “A Pessoa Humana”, assim como também nas outras unidades. No centro está o ser humano e tudo do que precisa para crescer como pessoa: o respeito, estar aberto à relação, ser capaz de se abrir livremente ao transcendente; de se sentir amado por um Deus pessoal; de sentir que é amado pela família, pelo grupo e ao mesmo tempo amar os outros gratuitamente.

## **2. Caracterização da Turma**

A caracterização da turma constitui-se como um elemento importante para um melhor conhecimento dos alunos e da realidade que os envolve, nomeadamente no que concerne ao seu percurso escolar, ao seu meio familiar, às suas áreas de interesse, entre outros aspetos. Com este conhecimento, é possível melhorar a nossa ação pedagógica, uma vez que esta poderá ser mais adaptada à turma e às suas características individuais. Recolhemos estas informações a partir dos documentos já existentes na escola, facilitados pela Diretora de Turma, que se revelaram bastante completos, evitando, assim, uma duplicação de tarefas que iria acontecer com o novo preenchimento de questionários.

A turma é constituída por vinte e seis elementos, doze raparigas e catorze rapazes. Até dezembro de 2016, vinte e um alunos tinham onze anos de idade; dois alunos contavam com doze anos de idade; registam-se ainda dois alunos com treze anos de idade e um aluno com catorze anos de idade. Todos os alunos são naturais de Portugal.

A turma do sexto ano A é composta por alunos que estão ao abrigo do contrato de associação. Alguns alunos vêm de famílias com dificuldades económicas e que a Escola Salesiana de Manique apoia.

No que respeita ao percurso escolar dos alunos, registam-se três alunos com uma retenção no 1.º ciclo, um aluno com uma retenção no 2.º ciclo e um aluno com uma retenção no 1.º e dupla retenção no 2.º ciclo. No entanto, nenhum dos alunos se encontra a repetir o sexto ano de escolaridade. Dois alunos têm um Programa Educativo Individual, previsto por lei, onde a escola deve encontrar diferentes tipos de estratégias que permitam responder às suas necessidades educativas<sup>11</sup>. Deste modo, a escola inclusiva pressupõe a personalização das estratégias educativas, com o objetivo de promover competências universais que permitam a autonomia e o acesso à condução plena, por parte de todos os alunos da cidadania baseada no amor.

---

<sup>11</sup> Cf. *Decreto-Lei n.º 3/2008*, de 7 de Janeiro.

Relativamente ao grau de parentesco do Encarregado de Educação, constatamos que nove alunos têm a mãe como encarregado de educação e apenas um tem o pai. Há dezasseis alunos em que o Encarregado de Educação não é o pai nem a mãe, sendo que, nestes casos, esta função é desempenhada por outros familiares. A faixa etária dos pais situa-se, maioritariamente, entre os quarenta e os quarenta e nove anos, destacando-se a situação de um aluno em que o pai já faleceu. No que concerne às habilitações literárias dos pais, podemos concluir que, metade concluiu o ensino secundário e os restantes têm uma habilitação superior.

Ainda relativamente às questões familiares, assinalamos que oito alunos são filhos únicos, tendo os restantes maioritariamente um irmão.

Nos dados que nos foram facultados são também referidos os hábitos de descanso e de alimentação ao pequeno-almoço, dados que têm influência no desempenho escolar dos alunos. Concluímos que os alunos descansam um número de horas adequado e que todos tomam o pequeno-almoço em casa. Relativamente a questões de saúde identificadas, assinalamos dois alunos com perturbação de hiperatividade e com défice de atenção, estando medicados para melhorar a sua concentração.

No que concerne a apoios sociais, seis dos alunos são abrangidos pelo apoio social escolar (ASE). A maioria dos alunos habita no meio envolvente à escola. No entanto, apenas três se deslocam a pé para a escola, nove utilizam transportes públicos e dezassete deslocam-se de carro.

Os alunos da turma ocupam os seus tempos livres a ver desenhos animados, filmes, futebol, telenovelas e documentários, a utilizar o computador, a brincar, a ajudar os pais ou a ouvir música. Os alunos referem que usam o computador para fazer os trabalhos, *internet*, jogos didáticos e jogos de diversão. Mais de metade dos alunos da turma afirmam possuir hábitos de leitura, assim como praticam desporto com regularidade, nomeadamente, natação, ténis, *surf*, futebol, dança, karaté, ginástica rítmica e acrobática, judo e boxe. Como outras atividades de tempos livres, os alunos indicaram que saem com os amigos, que brincam e que têm “práticas religiosas” como participar nos sacramentos, nomeadamente na eucaristia dominical.

Tendo em conta o ano letivo transato, as disciplinas de Inglês, de Matemática, de Português e de História e Geografia de Portugal foram as áreas disciplinares nas quais foram registadas maiores dificuldades nos alunos da turma. Um aluno referiu que a matéria de Educação Moral e Religiosa Católica é muito complexa para si.

No que respeita às expectativas profissionais, a maioria dos alunos refere que pretende prosseguir os seus estudos no ensino secundário. No que concerne às profissões que os alunos ambicionam ter, foram focadas algumas, a saber: jornalista, paleontólogo, osteopata, biólogo, futebolista, cientista, engenheiro civil, veterinário, investigador, massagista e surfista.

O espaço de sala de aula é pequeno para o número de alunos que a turma tem. As mesas dos alunos estão muito juntas e não favorecem a circulação do professor pela sala nem a realização de trabalhos de grupo. No entanto, a sala tem uma boa iluminação e um ar acolhedor que lhe foi dado pela decoração realizada, pelos alunos e pelo professor, no painel da sala, construindo cartazes e imagens alusivas aos conteúdos lecionados ao longo da unidade letiva “A Pessoa Humana” e também às outras unidades letivas.

### **3. Experiência pedagógica na turma sobre a Unidade Letiva “A Pessoa Humana”.**

Olhando para o ano letivo de 2016/2017 e recordando as minhas expectativas ao iniciar o ano, vejo que foram superadas e que a experiência da PES foi muito positiva e importante para a minha vida pessoal e profissional. Eu e os meus colegas do núcleo de PES participamos nas atividades mais significativas da ESM que decorreram ao longo do ano, envolvendo-nos na dinâmica e no Projeto Educativo da Escola. O trabalho individual e de grupo foi realizado com êxito, e tudo fiz para promover uma boa relação com as demais pessoas com quem trabalhei ao longo deste ano letivo: alunos, colegas, orientadores e professores.

O lema do Projeto Educativo da Escola Salesiana de Manique, para este ano letivo, foi “Desafia-te”. Eu também o assumi como meu, uma vez que fiz parte, este ano, desse projeto e tive pela frente o desafio de me superar a mim mesmo e de ajudar os outros a fazer o mesmo.

Para S. João Bosco “A educação é uma questão do coração. Na escola da vida, o amor é a única lição que é fundamental aprender. Só o amor transforma positiva e construtivamente a vida das pessoas. Quem educa no amor aponta caminhos sem impor, anima e motiva à partida, acompanha durante a viagem e acolhe no final da jornada”<sup>12</sup>. A pedagogia de S. João Bosco está relacionada com a unidade letiva “A Pessoa Humana”, onde é visível que só o amor dignifica as pessoas, tornando-as felizes e levando-as ao encontro com Deus e com os outros.

Faço também referência aos princípios do Projeto Educativo da ESM, pois, com eles refleti que “o aluno está no centro do ato educativo, favorecendo uma formação integral e uma aprendizagem de saberes e de valores em função da sua vida”; a escola e a sua comunidade educativa devem viver “em ambiente de família, de modo a que todos, alunos, pais, professores, pessoal auxiliar, salesianos, colaborem e se encontrem na escola como na sua própria casa”. Por outro lado, um dos aspetos mais relevantes que já referi, é a proximidade educativa que os educadores devem ter dos educandos. Ao longo deste ano letivo, voltei a refletir sobre o facto de que o professor de EMRC é, acima de tudo, educador e não apenas professor.

---

<sup>12</sup> Cf. Escola Salesiana de Manique, *Projeto Educativo 2010/2014*, <http://www.manique.salesianos.pt/>, 26/05/2017.

Ao lecionar a unidade letiva “A Pessoa Humana” na turma A do 6º ano, foram aprofundadas várias atitudes e vários valores que estão presentes no projeto educativo da ESM, a saber: escutar os outros, reconhecendo que são dignos de confiança; a partilha; o sentido de humor; o respeito pelos outros e a aceitação da diferença; a procura da dignidade da pessoa humana, sobretudo dos mais necessitados.

Tenho plena consciência de que a disciplina de EMRC é aberta a crentes e a não crentes e, por isso, tenho o cuidado e a preocupação de dizer muitas vezes aos alunos que os conteúdos abordados são apenas propostas. Creio que a EMRC reúne as condições necessárias para potenciar aprendizagens num ambiente rico de estímulos e que asseguram testemunhas reais e espaços vitais, assim como a aproximação e a experiência da vivência do religioso. A partir destes encontros e destas reflexões, a partir destas partilhas, surge a possibilidade de os alunos se interrogarem, de procurarem respostas para as suas preocupações, de se conhecerem melhor e de melhor conhecerem o outro, seu semelhante. A grande mais-valia da EMRC para os alunos é, sem dúvida, educar para o pleno sentido da vida, para a interioridade e para a alteridade, no pressuposto de que é dentro do processo de socialização que se inicia a assimilação de valores culturais e de referências identitárias que darão o suporte para a necessidade humana de dignificar o mundo e a vida.

Através da EMRC, o aluno compreenderá mais facilmente a tradição cultural da sociedade na qual está inserido, conseguindo, efetivamente, reconhecer os princípios e os significados relativos à visão da vida e à vivência do cristianismo. É inegável que, sempre que a identidade religiosa aproxima os alunos de determinadas representações simbólicas, propaga múltiplos significados sobre a História, propondo uma hierarquização de verdades e de valores, atribuindo um sentido particular à vida e à morte. Por isso, neste contexto, a disciplina de EMRC traduz-se como uma proposta educativa que não abrange apenas a esfera individual do aluno.

Este ano, ao lecionar a unidade letiva “A Pessoa Humana”, tive a oportunidade de aprofundar a tarefa de ajudar o aluno a dar passos na construção de ser pessoa. O “eu” só se constrói como “Pessoa” na abertura e na relação com o outro e no amor que dignifica. A “Pessoa” não é apenas a soma das dimensões fisiológica, social e espiritual, mas a relação entre as três.

A unidade letiva, em estudo, tem como objetivo responder à pergunta “Quem é a Pessoa?”<sup>13</sup>. No entanto, partindo da experiência pedagógica, fui percebendo que os alunos sentiram alguma dificuldade em compreender a pessoa a partir da linguagem apresentada na unidade, uma vez que esta usa uma linguagem mais “essencialista”. Ao iniciar a unidade letiva acrescentei outras perguntas “quem sou eu?”, “quem és tu?” e então os alunos acharam-nas mais concretas e com uma linguagem mais “personalista”. É de

---

<sup>13</sup> Cf. Secretariado Nacional de Educação Crista, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Fundação SNEC, Lisboa, 2014, p. 63.

salientar que a pergunta inicial da unidade deveria ser respondida com a ajuda do texto bíblico proposto no programa, retirado da primeira carta de João (1 Jo 4, 7-21). Este texto abarca todas as questões relativas à pessoa humana, em que o amor se apresenta como centro da reflexão.

A unidade letiva “A Pessoa Humana” é muito rica nas suas temáticas e, apesar de a ter dado em nove aulas, senti que precisaria de mais uma ou duas lições para transmitir os conceitos, aos alunos, com mais profundidade e com uma maior oferta de atividades práticas. Durante o decorrer das aulas, muitas foram as questões colocadas aos alunos e pelos alunos: “O que significa ser pessoa?”, “Qual o lugar onde efetivamente nos tornamos pessoas?”, “Somos de tal modo independentes e autónomos que possamos dispensar os outros?”, “Sou pessoa de forma exclusivamente autónoma e centrada apenas em mim e nas minhas próprias vivências pessoais?”, “Basto-me exclusivamente a mim próprio?”, “Posso ser feliz sozinho?”. Estas perguntas exigem respostas que, por vezes, não podem ser dadas num curto período de tempo. Educar significa, em primeira instância, aperfeiçoar as faculdades humanas; significa, também, guiar, trazer para o exterior, ou desenvolver. Tudo isso foi sendo feito no decurso do ano letivo nas aulas da disciplina de EMRC.

Sendo esta unidade letiva objeto de estudo deste relatório final, foi minha intenção que todos os alunos também crescessem como pessoas. Nas aulas existiu espaço para a partilha, tendo eu sentido que todos se respeitaram, que aceitaram as opiniões dos outros e que a turma cresceu na amizade. Os alunos perceberam que o outro não é seu concorrente, mas é alguém em quem podem confiar e a quem podem ajudar. Senti que, ao longo da unidade letiva, bem como ao longo do ano, todos se respeitaram como pessoas. Os alunos foram descobrindo que respeitar a dignidade do outro é um dever de cada pessoa. No final da unidade, os alunos comprometeram-se num manifesto da turma a promover a dignidade do outro e a ter uma vida autêntica e coerente entre aquilo que se diz e o que efetivamente se faz.

Durante esta experiência pedagógica, foi muito importante usar símbolos e aprofundar a linguagem simbólica que levou o aluno a captar a mensagem de um modo mais simples e profundo. No entanto, poderia ter usado mais símbolos, nomeadamente para os alunos perceberem as dimensões da pessoa.

Foram aprofundados textos bíblicos nas aulas, nomeadamente o Salmo 139 (138). Porém, apesar de ser apropriado à temática, este Salmo é muito extenso e com uma linguagem complexa. Por isso, proponho que seja mais abreviado (mas sem o falsificar) e com uma linguagem mais adaptada à realidade dos alunos.

A primeira carta de João 1 Jo 4, 7-21 é um texto muito rico e com muita linguagem simbólica. Para a aprofundar melhor, recorri ao uso de vários símbolos, dentre os quais destaquei a máscara, a lupa, o presente e o jarro de vidro transparente, para transmitir a mensagem de que a pessoa deve ser coerente e autêntica. Os alunos perceberam melhor

o texto ao usar os símbolos e ao aprofundar a linguagem simbólica, o que provocou neles uma maior apetência e uma maior vontade de perceber a linguagem do autor e a proposta de Jesus. O autor da carta fala do amor como sendo a única fonte de sentido e de dignidade para a vida da pessoa.

Na unidade letiva em estudo, escolhi a 1Jo 4, 7-21 como ponto central do trabalho. É um texto de uma riqueza extraordinária e encerra em si toda a unidade letiva. Deste modo, acho que o texto no Manual deveria ser muito mais explorado, assim como considero que o Programa devia ser mais concreto quanto ao estudo deste texto bíblico e à sua relação com a vida dos alunos. Quando estudei o texto, usei apenas uma aula que já estava prevista na planificação da unidade letiva. Como o texto é extenso para ser explorado apenas durante uma aula, não foi estudado na íntegra, embora tenha tido o cuidado de seleccionar as partes que me pareciam ser mais relevantes. No entanto, com a experiência letiva, senti que o texto merece outro aprofundamento e que deverá ser estudado na sua totalidade.

Por isso, o meu relatório final propõe o estudo de toda a unidade letiva a partir do texto bíblico 1 Jo 4, 7-21. Depois, apresentarei como proposta duas aulas em que se poderá fazer uma exploração mais aprofundada da primeira carta de São João 1 Jo 4, 7-21. Numa primeira aula, será analisado o texto na íntegra, eu que o aluno, com a ajuda de símbolos possa, descobrir realmente a importância de ter uma vida coerente, baseada na verdade e a descoberta do amor como fonte de sentido para a vida e de toda a dignidade da pessoa humana. Na segunda aula serão apenas recordadas as partes mais relevantes do texto e da sua linguagem simbólica para tirar conclusões e compromissos práticos para a vida do aluno.

O texto bíblico ajuda a descobrir que o amor evangélico é gratuito e incondicional, sendo dado generosamente por Deus e recebido como dom pelo ser humano. Neste sentido, a pessoa só sabe o que é o amor quando ama, uma vez que é o amor que lhe possibilita a abertura ao transcendente (Deus amor) e a descoberta de ser criada e amada por Deus. Deus manifestou o seu amor quando enviou Jesus ao mundo, para nos mostrar o verdadeiro rosto de Deus. Em Jesus, a sua palavra e a sua ação identificam-se e, por isso, Ele é autêntico e coerente e provou que qualquer ser humano, para se realizar como pessoa, deve também ser coerente. Em Jesus, aprendemos que só amamos e conhecemos realmente Deus quando amamos os outros. A vida e a fé são, pois, inseparáveis.

O programa aborda a autenticidade, mas, no meu entender, poderia ir mais longe e partir da 1 Jo 4, 7-21 e da sua linguagem simbólica para ajudar o aluno a perceber melhor o que significa ser autêntico e ser verdadeiro. O autor da 1 Jo 4, 7-21 recorre à linguagem simbólica para se insurgir contra as seitas gnósticas que surgiram no seu tempo. Ao atualizar este texto, este pode ser aproveitado para refletir e para alertar os alunos para o facto de, atualmente, a sociedade ser influenciada por movimentos culturais de espiritualidade difusa como a *New Age*. Alguns alunos, nas aulas, já trazem consigo muita desta linguagem e do sincretismo da *Nova Era*, em que se promove o egocentrismo e a recusa das instituições, nomeadamente da Igreja.

Para ajudar na reflexão sobre o amor, que é o tema central desta unidade, o Manual apresenta um excerto da Carta Encíclica *Deus Caritas Est* do papa Bento XVI, que reflete sobre o amor oblato, em vez do amor centrado no “eu”.

Ao longo deste ano, durante a experiência letiva da PES, aproveitei para aprofundar melhor o Programa de EMRC de 2014 e para refletir sobre as metas que estão previstas para a unidade letiva “A Pessoa Humana”.

A meta B, “construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história”<sup>14</sup>, foi atingida, pois os alunos perceberam a pessoa como um ser único que vive em relação com os outros. Compreenderam que a pessoa tem várias dimensões, entre as quais a dimensão espiritual, que nos faz crescer como pessoas e que abarca outras dimensões, como a dimensão religiosa, que é a capacidade de abertura a Deus.

O Programa aborda todas as dimensões da pessoa. Ao lecionar estas dimensões tal como estão no Programa, deparei-me com a dificuldade da parte dos alunos em perceber a linguagem usada pelo programa. No entanto, através do Manual, os alunos percebem melhor, uma vez que este simplifica as dimensões da pessoa ao resumir-las a três: dimensão biológica, social e espiritual (que engloba outras dimensões). Os alunos perceberam que a dimensão espiritual abrange outras dimensões, nomeadamente a capacidade de o ser humano se abrir ao transcendente através da dimensão religiosa.

A meta G, “Identificar os valores evangélicos”,<sup>15</sup> foi atingida ao ler e ao analisar a 1 Jo 4, 7-21, que aprofunda conteúdos sobre a autenticidade, a verdade, a liberdade e o amor, que dignificam a pessoa e que a levam ao caminho da sua verdadeira vocação, que é a felicidade. No entanto, o Programa e o Manual podem explorá-lo melhor, tendo em conta a vida concreta do aluno. Ao mesmo tempo, ao refletir sobre a história dos direitos humanos, os alunos perceberam que, apesar de estarem apoiados em valores influenciados pelo cristianismo.

A conquista da liberdade humana acompanha a história dos direitos humanos. É dever do professor ajudar o aluno a perceber o verdadeiro sentido da liberdade que nos torna responsáveis pelos nossos atos e também pela dignidade e felicidade dos outros. É importante que os alunos percebam que o cristianismo influenciou o pensamento ocidental (e não só) e que a conquista da liberdade e de outros direitos são defendidos pelo Evangelho. A liberdade é a condição necessária para a realização da pessoa.

A meta I, “Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade”<sup>16</sup> foi atingida, pois foram lidos na aula alguns excertos dos documentos do magistério da Igreja, que defendem os direitos humanos, em geral, e os das crianças, em

---

<sup>14</sup> Cf. *Ibidem*, p. 62

<sup>15</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>16</sup> Cf. *Ibidem*.

particular. Foram também estudadas e referidas instituições da Igreja, como a Cáritas, que procuram defender os direitos humanos e promover a dignidade da pessoa humana.

Esta unidade aborda temas como a Declaração Universal dos Direitos Humanos, os Direitos da Criança, as dimensões da pessoa e as instituições que dignificam a pessoa, que, para além de fazer parte dos interesses dos alunos, são propícios para trabalhar na aula, usando várias estratégias, nomeadamente o trabalho cooperativo. Esta unidade pode proporcionar aos alunos realizar trabalhos de grupo sobre instituições nacionais e internacionais que promovem o ser humano, culminando com um apelo feito aos alunos e ao professor para que se comprometam na transformação social, na luta pelos direitos humanos através de pequenos gestos na vida de cada um ou na colaboração gratuita e voluntária com as instituições existentes. Esse percurso culmina com o compromisso de cada um em procurar dignificar a pessoa tendo como ponto de partida a descoberta de um Deus pessoal que nos faz pessoas com dignidade.

A meta E, “Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo”<sup>17</sup>, foi atingida, pois os alunos perceberam que Deus é pessoa, entra em relação com o ser humano e chama cada um pelo seu nome. A cada aluno foi proposto e feito o convite de estar aberto à relação com Deus. Alguns alunos disseram que não sentiam que tinham uma relação com Deus e isso foi respeitado pelos colegas e por mim. O Salmo 139 (138), que foi estudado na aula, dá a imagem de um Deus presente na vida da pessoa e sempre preocupado com o ser humano. Os alunos tiveram dificuldade em perceber algum do vocabulário presente no Salmo, mas a sua mensagem foi percebida: Deus não é alguém em abstrato, mas tem um rosto.

Na meta O, “Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo”<sup>18</sup>, a turma foi convidada a fazer um compromisso através de um manifesto, em que, individualmente e em grupo, os alunos se comprometeram a dar condições aos outros para que tenham uma vida digna. Todos os alunos participaram na elaboração do compromisso, tendo a consciência não somente dos seus direitos, mas também dos seus deveres para com os outros.

---

<sup>17</sup> Cf. *Ibidem*, p. 64.

<sup>18</sup> Cf. *Ibidem*.

## **Conclusão do Capítulo I**

Neste primeiro capítulo, ficou conhecido o contexto social, económico e religioso, em que se insere a Escola Salesiana de Manique onde ocorreu a minha experiência pedagógica da PES. Tivemos a oportunidade de conhecer o seu Projeto Educativo, que promove a dignidade humana e onde a disciplina de EMRC tem um papel decisivo no crescimento integral da pessoa humana. No centro da missão da Escola Salesiana de Manique e da minha atividade letiva, como professor de EMRC, está a “Pessoa”. Abordar a unidade letiva “A Pessoa Humana” foi uma oportunidade para refletir que só através do amor (1Jo 4, 7-21) podemos promover a dignidade da “Pessoa”.

No segundo capítulo, será feito um estudo transversal do programa da disciplina de EMRC para o ensino básico. Veremos que a categoria “Pessoa Humana” está sempre presente. A finalidade da disciplina é a busca da dignidade humana que se encontra aliada à verdade, felicidade, autenticidade e ao amor gratuito e generoso pelos outros.

## Capítulo II – A categoria “Pessoa” no Programa de EMRC

### 1.Referências à Categoria de “Pessoa” no Programa de EMRC do Ensino Básico.

Ao realizar este estudo, vou fazer referência às metas comuns entre a unidade Letiva um do sexto ano “A Pessoa Humana” e as outras unidades Letivas do programa do ensino básico.

#### 1.1. Primeiro Ciclo do Ensino Básico.

No primeiro ano, a unidade letiva um, “Ter um Coração Bondoso”<sup>19</sup>, apresenta a meta B, “construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história”. Para esta meta foi traçado o objetivo de “reconhecer o valor da vida da pessoa”(seria mais correto dizer reconhecer a vida da pessoa como um princípio) que, com os conteúdos, “viver é uma experiência boa”, “a vida é bela e valiosa”, “Deus dá-nos a vida”, “vivemos uns com os outros”, “ter um coração bondoso faz a nossa vida melhor”, pretende ajudar o aluno a descobrir que a vida é um dom de Deus e que deve ser vivida com alegria, que ninguém consegue viver sozinho e que a relação com os outros ajuda a crescer como pessoas. Apresenta ainda a meta G, “Identificar os valores evangélicos” (seria mais correto dizer identificar os princípios evangélicos), e a meta N, “promover o bem comum e o cuidado do outro”. Para estas duas metas, foi traçado o objetivo de “assumir atitudes de bondade para com os outros”. Estas com os conteúdos “cuidamos de todas as pessoas (parábola da ovelha perdida, Lc 15, 4-7)”, “como estar atento a quem precisa” e “o que é e como se é prestável”, ajudam o aluno a gostar de todos, a sair de si, a não ficar indiferente perante quem precisa de ajuda e a ter gestos e atitudes para ajudar a dignificar os outros, em casa ou na escola.

A unidade letiva dois do primeiro ano, “Jesus Nasceu”<sup>20</sup>, apresenta a meta E, “identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo”. Para a referida meta foi traçado o objetivo “descobrir que a festa de Natal é a celebração do nascimento de Jesus”. Com o conteúdo “a história no Natal, relatos bíblicos do nascimento de Jesus: Lc 2, 1-20; Mt 2, 1-12”, leva o aluno a perceber que Deus enviou o seu Filho Jesus ao mundo, tornando-se carne e assumindo a condição humana para que o homem seja melhor. Através da vida de entrega que Jesus teve, o ser humano conheceu realmente que Deus é amor e que cada pessoa é convidada a sair de si para amar os outros.

Esta unidade letiva, não tendo mais metas em comum com a unidade letiva do sexto ano “A Pessoa Humana”, apresenta a meta P, “identificar o fundamento religioso da moral cristã”. No meu entender, está relacionada com a unidade letiva em estudo. Para a meta P foi traçado o objetivo de “descobrir que Jesus nos ensina a ser bondosos”. Com os conteúdos “Jesus, aquele que nos veio dizer que Deus é amor e que devemos amar os outros” quer ajudar o aluno a perceber que, através do bem que Jesus fez, o ser humano

---

<sup>19</sup> Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Fundação SNEC, Lisboa, 2014, p. 22-23.

<sup>20</sup> Cf. *Ibidem*.

conheceu realmente que Deus é amor e que cada pessoa se realiza ao sair de si para amar e para dignificar os outros.

Na unidade letiva três do primeiro ano, “Crescer em Família”<sup>21</sup>, os conteúdos: “Jesus, aquele que nos veio dizer que Deus é amor e que devemos amar os outros”, ajuda a perceber que Deus ama tanto o ser humano que enviou Jesus ao mundo; “a importância do bom relacionamento com os irmãos e com outros elementos da família”, o aluno sente que é nela onde se sente amado pela primeira vez e aprende a relacionar-se com os outros.

No segundo ano, a unidade letiva um, “Ser Amigo”<sup>22</sup>, apresenta a meta N, “promover o bem comum e o cuidado do outro”. Embora não esteja presente na unidade letiva em estudo “A Pessoa Humana” do sexto ano, apresenta o objetivo de “reconhecer o valor da amizade” e é trabalho nos conteúdos com a descoberta do “que significa ser verdadeiro amigo”. A amizade abre a pessoa à relação e promove a dimensão social e relacional da pessoa através da valorização positiva das relações humanas baseadas na verdade e na solidariedade. No segundo ano, temos ainda uma meta em comum com a unidade letiva em estudo, a meta G, “identificar os valores evangélicos” (seria mais correto dizer identificar os princípios evangélicos). Foi elaborado o objetivo de “descobrir Jesus como alguém que é amigo de todas as pessoas”, que aborda os conteúdos muito ligados ao tema deste trabalho, a saber: “Jesus é amigo de todos, mesmo daqueles que são esquecidos”, “Jesus pede-nos para amarmos os outros como Deus o amou e como Ele nos ama (Jo 15, 9-10.12)” e “a Fraternidade universal: Jesus vem ensinar-nos a viver como irmãos”.

A unidade letiva dois do segundo ano, “A Mãe de Jesus”<sup>23</sup>, apresenta a meta E, “identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo”. Foi traçado o objetivo de “admirar o exemplo de Maria: responder sim a Deus”. Trabalha os seguintes conteúdos, apelando a responder “sim” ao convite de Deus em cada momento: “Maria responde «sim» a Deus. O relato da anunciação: Lc 1, 26 -33); “Tal como pediu a Maria, Deus pede-nos disponibilidade e generosidade”; “Como Maria, também sou chamado a amar os outros”.

Na unidade letiva três do segundo ano, “A Páscoa dos Cristãos”<sup>24</sup>, a meta E, “Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo”, tem como objetivo “reconhecer, nos acontecimentos da Páscoa, o Amor de Deus pela humanidade”. Os conteúdos estão em sintonia com o tema central deste trabalho, onde só o amor a Deus e ao próximo dá sentido à vida e dignifica a pessoa. A unidade letiva refere os últimos acontecimentos da vida de Jesus em que se destacam os conteúdos “Jesus anuncia uma boa notícia: Deus ama todas as pessoas” e “Deus, o Pai de Jesus, porque o amava, deu-lhe a vida para sempre”.

---

<sup>21</sup> Cf. *Ibidem*, p. 24-25.

<sup>22</sup> Cf. *Ibidem*, p. 26-27.

<sup>23</sup> Cf. *Ibidem*, p. 28-29.

<sup>24</sup> Cf. *Ibidem*, p. 30-31.

Na unidade letiva quatro do segundo ano, “Deus é amor”<sup>25</sup>, a meta G, “Identificar os valores evangélicos” (seria mais correto dizer indentificar os princípios evangélicos), vai também ao encontro do tema central deste trabalho, em que viver o amor nos torna felizes. A procura da realização pessoal e do sentido para a vida está presente na formulação do objetivo “compreender que os cristãos vivem o Amor de Deus na relação com os outros”, sendo ainda concretizada nos conteúdos: “os amigos de Jesus amam os outros, como Jesus ama (Jo 15, 9-17)”; “cada um de nós deve praticar o bem e crescer no coração”; “todos nós temos algo para dar aos outros (parábola dos talentos Mt 25, 14-29)”.

No terceiro ano, a unidade letiva um, “A Dignidade das Crianças”<sup>26</sup>, tem uma relação direta com a unidade letiva em estudo e com o tema do trabalho. Só através do amor se podem defender os direitos humanos e se pode promover a dignidade da pessoa humana, nomeadamente das crianças, que são o grupo mais vulnerável. A meta O tem essa finalidade: “amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo”. O objetivo delineado, “identificar a ação que as crianças podem ter no mundo”, é explicitado nos conteúdos que fazem a criança assumir que o seu papel na família e na sociedade só ela o pode realizar tal como referem os conteúdos “dar amor, prestar colaboração e escutar e fazer companhia”.

Na unidade letiva dois do terceiro ano, “Ser Solidário”<sup>27</sup>, a meta Q, “reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana”, não aparece na unidade letiva do sexto ano “A Pessoa Humana”. No entanto, parece pertinente e deveria constar no programa do sexto ano na unidade letiva um “A Pessoa Humana”. Junto com a meta Q está a meta G, que surge na unidade letiva em estudo: “identificar os valores evangélicos”. Estas duas metas partilham o mesmo objetivo: “tomar consciência da dignidade de todo o ser humano”. Os conteúdos correspondentes a este objetivo vão ser explorados e aprofundados neste trabalho: “Deus criou-nos por amor, à sua imagem e semelhança (Gn 1, 27.31)”; “todas as pessoas têm dignidade (própria e não valorativa), por isso têm direito a viver uma vida feliz e construtiva”; “o que torna a nossa vida feliz, a alegria está no dar (At 20,35)”.

A unidade letiva três do terceiro ano, “Diálogo com Deus”<sup>28</sup>, apresenta a meta B, “construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história”. Para esta meta, foi delineado o objetivo de “reconhecer a dimensão espiritual da pessoa humana”. O conteúdo “a pessoa na sua dimensão espiritual: capacidade e necessidade de se relacionar com Deus”, usa uma linguagem ambígua. A expressão “dimensão espiritual” surge na unidade letiva um do sexto ano “A Pessoa Humana” (principalmente no manual) como “dimensão religiosa”. No meu ponto de vista, a dimensão religiosa, está inserida na dimensão espiritual. Mas, “espiritual” não implica diretamente relacionar-se com Deus. Proponho que o programa seja revisto e se use uma uniformidade na linguagem. Onde

---

<sup>25</sup> Cf. *Ibidem*, p. 32-33.

<sup>26</sup> Cf. *Ibidem*, p. 34-35.

<sup>27</sup> Cf. *Ibidem*, p. 36-37.

<sup>28</sup> Cf. *Ibidem*, p. 38-39.

consta “dimensão espiritual”, na unidade três do terceiro ano, deveria constar “dimensão religiosa”. Estes conteúdos são muito importantes no estudo da compreensão da pessoa humana como ser é constituído por várias dimensões. Por outro lado, o conteúdo “Deus pensa em cada um de nós e quer relacionar-se com cada um, como amigo”, está em linha com a compreensão antropológica cristã da pessoa. Deus é um ser pessoal e cada pessoa é criada à imagem e semelhança de Deus (Gn 1, 27.31) e está aberta à relação com Deus e com os outros.

A unidade letiva quatro do terceiro ano, “A Igreja”<sup>29</sup>, apresenta a meta E, “identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo”. Para a referida meta, foi delineado o objetivo: “descobrir a fé das comunidades cristãs”. Ao estudar o conteúdo, “as comunidades dos cristãos vivem a fé através da prática da caridade e comunhão entre os seus membros”, esta unidade vai de encontro à mensagem do texto bíblico da primeira carta de São João 1 Jo 4, 7-21: a fé em Deus só é verdadeira quando se vive a caridade, o amor oblato e quando se vive em comunhão e em relação com os outros.

No quarto ano a unidade letiva um, “Ser verdadeiro”<sup>30</sup>, apresenta a meta B, “Construir uma chave de leitura da pessoa, da vida e da história”, para a qual foi delineado o objetivo de “reconhecer a importância de escutar a consciência (religiosa)”. O conteúdo “na sua consciência o cristão encontra-se com Deus, que reprova a mentira e ama a verdade” relaciona a consciência com a dimensão religiosa e apresenta-se como o caminho para a experiência religiosa de cada pessoa. Por outro lado, é a “consciência religiosa”, essa voz que é a mais interior de cada pessoa onde se encontra com o transcendente (Deus), que nos apela a viver na coerência e na verdade. Todo aquele que se guia pela consciência e escuta o apelo de Deus a ser verdadeiro torna-se mais livre, ao “dizer: a verdade liberta-nos”.

Na unidade letiva dois do quarto ano, “Crescer na Diversidade”<sup>31</sup>, temos a meta G, “identificar os valores evangélicos” (seria mais correto dizer identificar os princípios evangélicos), com o objetivo “reconhecer que a diversidade enriquece a pessoa”. O conteúdo, correspondente a este objetivo, “a diversidade como fator de enriquecimento pessoal e social” leva o aluno a perceber que cada ser humano é único e irrepetível e que as diferenças entre as pessoas são fator de riqueza para o grupo e para as relações humanas. Este conteúdo está de acordo com a unidade letiva “A Pessoa Humana” do sexto ano. Sublinha que a dignidade da pessoa está em ser criada à imagem e semelhança de Deus. Por isso, deve ser respeitada na sua dignidade.

Na unidade letiva três do quarto ano, “O Perdão”<sup>32</sup>, temos a meta G, “identificar os valores evangélicos” (seria mais correto dizer identificar os princípios evangélicos), com o seguinte objetivo: “reconhecer as dificuldades que surgem nas relações humanas”. Os

---

<sup>29</sup> Cf. *Ibidem*, p. 40-41.

<sup>30</sup> Cf. *Ibidem*, p. 42-43.

<sup>31</sup> Cf. *Ibidem*, p. 44-45.

<sup>32</sup> Cf. *Ibidem*, p. 46-47.

conteúdos abordados, “a quebra da solidariedade, a inveja, a mentira, o egoísmo, o desentendimento e o conflito”, são situações onde as relações podem estar em risco. A pessoa é um ser em relação, e sem relação, não existe pessoa. Os alunos, com estes conteúdos, aprendem que o perdão é a solução para voltar a restabelecer as relações humanas.

## **1.2. Segundo Ciclo do Ensino Básico.**

No quinto ano, a unidade letiva um, “Viver Juntos”<sup>33</sup>, apresenta a meta B, “construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história”. Nesta unidade letiva, o cumprimento do objetivo “valorizar a mudança como condição do crescimento humano”, com o conteúdo “a mudança, uma constante na vida”, ajuda o aluno a aceitar e a superar as mudanças que existem na sua vida que, sendo positivas ou negativas, o ajudam a crescer como pessoa. O objetivo “identificar a figura bíblica de Abraão, modelo de uma pessoa em caminho” relaciona-se com o conteúdo “Abraão, modelo de pessoa em caminho de mudança e crescimento interior (Gn 12, 1-8)”, levando o aluno a entender que, em qualquer idade ou etapa da vida, o ser humano está sujeito à mudança que acarreta opções e decisões. O objetivo “valorizar a diversidade dos membros de um grupo como um fator de enriquecimento” procura mostrar a importância da vida em grupo para o crescimento e formação da pessoa. Tal como Deus faz aliança com o Povo de Deus, também nós devemos fazer alianças com os outros, com regras baseadas no respeito pela dignidade própria e do outro. O aluno descobre que só pode ser feliz com os outros e a viver para os outros; vivendo não fechado em si, mas aberto ao amor oblato.

A meta G, “identificar os valores evangélicos” (seria mais correto dizer identificar os princípios evangélicos), tem como objetivo “reconhecer as implicações da Aliança na vida quotidiana”. Os seus conteúdos dão relevo à base das relações entre as pessoas. Apresenta a relação humana como condição para ser e para crescer como pessoa onde os princípios para a convivência são: “colaboração; aceitação dos outros e das suas características pessoais; disponibilidade para ouvir; respeito; paz; verdade; justiça; bondade”. Apresenta, ainda, a “necessidade de estabelecer regras que promovem o respeito pelos direitos dos outros e ter consciência que a cada direito corresponde um dever, tal como é sublinhado na unidade letiva em estudo, “a pessoa humana”.

A unidade letiva dois do quinto ano, “Advento e Natal”<sup>34</sup>, apresenta a meta G, “identificar os valores evangélicos” (seria mais correto dizer identificar os princípios evangélicos), com o objetivo “reconhecer Jesus a nova Aliança de Deus Com a humanidade”. Apresenta, ainda, os conteúdos “o nascimento de Jesus: a Palavra e o amor de Deus que chegam até nós (Mt 1, 18-25)” e “Jesus encarna numa realidade histórica (J 1, 1-4.14)”. Os mesmos, vão ao encontro de alguns pontos em estudo na primeira carta de São João 1Jo 4, 7-21, estudada na unidade letiva “A Pessoa Humana”. Deus amou de tal modo a

---

<sup>33</sup> Cf. *Ibidem*, p. 52-55.

<sup>34</sup> Cf. *Ibidem*, p. 56-57.

humanidade que enviou o seu Filho Jesus, o Cristo, que encarnou para nos mostrar o amor gratuito de Deus por cada pessoa. Ao longo da sua vida, Jesus mostrou que só se conhece realmente Deus quando se ama os outros. Jesus mostra a nova forma de fazer alianças através do amor desinteressado pelos outros.

A unidade letiva três do quinto ano, “Família, Comunidade de Amor”<sup>35</sup>, mesmo não tendo metas em comum com a unidade letiva em estudo, tem ligação à unidade letiva “A Pessoa Humana”. É na família (quando for mesmo uma família unida e feliz) que o ser humano aprende a amar e a ser amado, que é acolhido e reconhecido como pessoa e que aprende a viver com os outros e para a os outros.

A Unidade letiva quatro do quinto ano, “Construir a Fraternidade”<sup>36</sup>, apresenta a meta G, “identificar os valores evangélicos” (seria mais correto dizer identificar os princípios evangélicos) com dois objetivos. Sendo o primeiro, “reconhecer como modelo de vida a forma de viver das primeiras comunidades cristãs” em que através dos conteúdos é estudada a relação entre os primeiros cristãos baseada no amor fraterno oblato, tal como refere a mensagem da 1 Jo 4, 7-21, na unidade letiva em estudo, “A Pessoa Humana”. O segundo objetivo, para a meta G, “verificar quais são as fragilidades e as ameaças à fraternidade” vai ao encontro dos inúmeros atentados aos direitos humanos e à dignidade da pessoa humana. Isso é sublinhado através do conteúdo em que se reflete sobre as “ameaças à fraternidade, que vão contra a dignidade e a felicidade da pessoa”.

Esta unidade sobre a fraternidade apresenta objetivos e conteúdos que vão ao encontro da preocupação pela dignidade humana. Todos têm direito a uma vida digna e a viver fraternalmente como irmãos. Esta unidade vai ao encontro da 1 Jo 4, 7-21. Só o amor fraterno dignifica a pessoa. A fraternidade é fruto do bom relacionamento entre as pessoas. O aluno do quinto ano deve perceber que, perante os outros colegas, tem a mesma dignidade e que, com eles, deve construir relações de amizade. Se Deus, como Pai, ama todas as pessoas, também os cristãos devem amar os outros e criar relações de concórdia com eles.

No sexto ano, a unidade letiva um, “A Pessoa Humana”<sup>37</sup>, por ser objeto de estudo deste trabalho, será explorada no fim deste capítulo.

A unidade letiva dois do sexto ano, “Jesus, um Homem Para os Outros”<sup>38</sup>, é fundamental para uma reflexão sobre o texto bíblico, explorado neste trabalho, 1 Jo 4, 7-21. Jesus é aquele que revela a face de Deus, que é puro amor gratuito e oblato. O facto de Jesus ter encarnado dá mais dignidade ao ser humano. A humanização de Deus permite ao ser humano a sua divinização e a sua perfeição. Jesus viveu com os outros e para os outros. A sua vida foi pura relação de amor com os outros para a promoção da dignidade humana. Para Jesus, o centro é a pessoa e a sua felicidade. Esta unidade letiva, tanto nos seus objetivos como nos seus conteúdos, vem no encadeamento da unidade letiva “A Pessoa

---

<sup>35</sup> Cf. *Ibidem*, p. 58-59.

<sup>36</sup> Cf. *Ibidem*, p. 60-61.

<sup>37</sup> Cf. *Ibidem*, p. 62-65.

<sup>38</sup> Cf. *Ibidem*, p. 66-67.

Humana”, fazendo-nos facilmente perceber que Jesus foi uma “Pessoa” em plenitude e indicando-nos o caminho para sermos também plenamente “Pessoa”. Jesus vem sublinhar o que refere a unidade letiva em estudo: ser pessoa é ser único e diferente, mas só se constrói na relação e abertura aos outros. Só o amor gratuito e oblato dá sentido e dignifica a pessoa.

Tendo em conta as metas que coincidem com as da unidade letiva em estudo, temos a meta E, “identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo”. Para a referida meta, foi delineado o objetivo de “reconhecer a relação com Jesus de Nazaré como o centro da identidade cristã”. O conteúdo “Quem é Jesus de Nazaré?”, aborda o amor de Deus pela humanidade, ao enviar ao mundo Jesus para mostrar que o amor e o bem são a única saída para mudar o mundo. A pergunta “Quem é Jesus de Nazaré?” remete para a pergunta “Quem é a pessoa?”, que começa o programa da unidade letiva “A Pessoa Humana”. Jesus, através da sua vida coerente de entrega e de amor a Deus e aos outros, dá resposta à pergunta “quem é a pessoa?”. Deus, apesar de ser transcendente, “estabelece com o ser humano uma relação pessoal” que comunica com cada pessoa no mais íntimo de cada ser.

A meta B “construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história”, apresenta o objetivo “compreender, pela interpretação de textos bíblicos, qual foi a missão de Jesus, o Filho de Deus”. Este objetivo está também relacionado com a 1 Jo 4, 7-21, onde se refere a missão de Jesus, o Cristo. Os conteúdos “a interpelação aos poderosos” e “a paixão e morte de Jesus” mostram que Deus encarnou em Jesus, o Cristo, que, por denunciar as injustiças e os atentados à dignidade da pessoa, deu a sua vida por amor para salvar a humanidade.

A meta B tem ainda o objetivo de “reconhecer a Ressurreição de Jesus como vitória da Vida sobre a morte”. Este objetivo vai ao encontro da dimensão religiosa estudada na unidade “A Pessoa Humana”, uma vez que o ser humano tem a capacidade de se abrir a um Deus pessoal que o acompanha e que lhe chama pelo nome. Na 1 Jo 4, 7-21, Jesus está presente na vida de cada pessoa que ama a Deus e os outros. Jesus deu a vida na cruz como um sacrifício para atrair todos os homens a Deus. Em Jesus, todos somos irmãos. O autor da 1 Jo 4, 7-21 condena as seitas gnósticas que não acreditam na encarnação de Jesus. No entanto, são muitos os alunos que, atualmente, são influenciados por correntes como a *Nova Era* que deixam de acreditar na ressurreição, na vida, para acreditar em outras correntes individualistas, e muitas vezes, motivadas por uma cultura de morte. A aula de EMRC é um momento importante para, através do diálogo, ajudar o aluno a ver em Jesus o Cristo vivo. Promover a dignidade humana é defender a vida e lutar para que ela seja respeitada.

Esta unidade letiva apresenta muitos textos bíblicos que são de muita importância para ajudar o aluno a conhecer Jesus. No entanto, a 1 Jo 4, 7-21, presente na unidade letiva “A Pessoa Humana”, é de uma riqueza enorme, pois o autor refere-se a Jesus, o Cristo, o Filho de Deus, que deu a vida por amor. Por isso, Deus o ressuscitou e está presente na Igreja através da eucaristia, mas sobretudo no amor e na caridade ao próximo. Os textos

bíblicos, nomeadamente a 1 Jo 4, 7-21, permitem ao aluno conhecer a proposta de Jesus e aderir ou não a ela.

Juan Martín Velasco refere que tal como os apóstolos tiveram a experiência religiosa do encontro com Jesus Ressuscitado, na atualidade, deve ser proposta ao crente, e ao não crente, a experiência do encontro com Jesus Cristo ressuscitado.

Ganha sentido “a experiência de que em Jesus, com a sua vida, a sua paixão, a sua morte, fez-se presente para os apóstolos Deus e a sua salvação; que, em Jesus, se inaugurou o reino de Deus”. Uma experiência possível, porque os discípulos, “agraciados com a efusão do Espírito, ajudados com a meditação da Escritura, guiados pelo ensino de Jesus durante o seu ministério, iluminados por algum tipo de cristofania, reconheceram Jesus como o Senhor presente no meio deles, sentiram-se amados e correspondidos com o seu amor, converteram-se e acreditaram em Jesus”<sup>39</sup>.

A unidade letiva três do sexto ano, “A Partilha do Pão”<sup>40</sup>, também vem na sequência da unidade letiva um, “A Pessoa Humana”, e alguns dos seus conteúdos expressam a preocupação de dignificar a pessoa humana, principalmente os mais desfavorecidos. No entanto, esta unidade sublinha o compromisso e a tarefa de cada pessoa na promoção da dignidade humana e na luta pelos direitos humanos, dando facilmente a entender que o ser humano é criado à imagem e semelhança de Deus, e, por isso, é igual em dignidade e em direitos. Neste sentido, o aluno deve refletir sobre os motivos que levam à injustiça e à falta de dignidade e à falta de direitos. Para os cristãos, é inconcebível que, a partir de Jesus, os cristãos sejam uma fraternidade que não vive de acordo nem sejam coerentes entre o que dizem e o que fazem. Não existe coerência entre o amor que os cristãos dizem ter a Deus e a falta de atenção e de amor pelos outros.

Para a meta O, “amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo”, foram traçados vários objetivos relacionados com os atentados à dignidade humana, como é o caso do objetivo “reconhecer situações sociais nas quais esteja patente a injusta repartição de bens e onde existam atentados aos direitos humanos como os que são explorados nos seguintes conteúdos: “a produção e comércio dos alimentos; a fome e a subnutrição; a pobreza, a distribuição injusta dos bens de primeira necessidade”. Na unidade letiva “A Pessoa Humana” também são estudadas instituições da Igreja e outras que se dedicam a promover a dignidade humana. Na unidade “a partilha do pão”, através do objetivo “reconhecer o valor da solidariedade”, apela-se à prática da caridade e ao amor fraterno gratuito aos outros, tal como referem os conteúdos “solidariedade e voluntariado, fraternidade e amor partilhado, a vida em comum e a partilha dos bens nas comunidades dos primeiros cristãos (Act 2, 42-47)”. Tal como refere a unidade letiva “A Pessoa Humana” na 1 Jo 4, 7-21, o ser humano é responsável pela dignidade dos outros. Tal como Jesus, enviado por Deus se entregou pela humanidade, cada cristão deve ser pão para os outros, ao entregar a sua vida em gestos de amor.

---

<sup>39</sup> Juan Martín VELASCO, *La experiencia Cristiana de Dios*, Editorial Trotta, Madrid, 2001, p. 80.

<sup>40</sup> Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Fundação SNEC, Lisboa, 2014, p. 68-69.

### 1.3. Terceiro Ciclo do Ensino Básico.

Desde o primeiro ciclo, o programa surge numa espiral, onde se aprofunda cada vez mais os temas que levam o aluno a crescer como pessoa. No terceiro ciclo, é mais notória a relação íntima entre o amor a Deus e o amor ao próximo (1 Jo 4, 7-21). Só posso conhecer, realmente, Deus, se amo os outros e Jesus é o caminho para chegar a Deus.

No sétimo ano a unidade letiva um, “As Origens”<sup>41</sup>, a meta B, “construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história”, tem como objetivo “questionar o destino e o sentido do universo e do ser humano” (destino não é o termo mais correto). Os conteúdos “a leitura religiosa sobre o sentido da vida e da existência humana e a sua relação com os dados da ciência”, remetem para a pergunta da unidade letiva um do sexto ano, “quem é a pessoa?”, e para a finalidade da sua existência. Os conteúdos referem ainda “a grandeza do ser humano” que, por ser criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1, 26-27), torna-se um ser pleno no amor.

A meta G, “identificar os valores evangélicos” (seria mais correto dizer identificar os princípios evangélicos), apresenta o objetivo “desenvolver uma atitude de respeito e admiração pela obra da criação”. Os conteúdos apresentam o “cântico das criaturas, de S. Francisco de Assis”, em que o autor louva todo o mundo criado por Deus, que deve ser amado, pois dele depende o bem-estar e a realização da pessoa humana, que também é uma criatura de Deus.

A meta O, “amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo”, apresenta o objetivo “assumir comportamentos responsáveis em situações vitais no quotidiano que implicam o cuidado da criação”. Os conteúdos “como se colabora com Deus na obra da criação” são uma tarefa especial para o ser humano como guardião da criação e não um explorador ou destruidor. As pessoas devem respeitar o mundo criado, pois dele dependem a vida humana, a felicidade e o equilíbrio da “Pessoa”. Quando dignificamos as outras pessoas e respeitamos a criação, estamos a colaborar com a obra criadora de Deus.

Na unidade letiva dois do sétimo ano, “As Religiões”<sup>42</sup> a meta B, “construir uma chave de leitura religiosa da pessoa da vida e da história”, tem como objetivo “questionar a dimensão religiosa do ser humano”. Neste objetivo, podemos ver que a linguagem usada é mais coerente ao referir “dimensão religiosa”, enquanto na unidade letiva um, do sexto ano, “A Pessoa Humana”, a linguagem é mais ambígua, não havendo a separação da “dimensão espiritual”. O conteúdo “o que é ser religioso” permite ao aluno optar ou não por fazer a sua experiência religiosa, uma vez que o ser humano é dotado de uma dimensão religiosa. Neste conteúdo podemos referir o amor da primeira carta de São João 1 Jo 4, 7-21. A experiência religiosa é uma experiência de amor, de se sentir amado por

---

<sup>41</sup> Cf. *Ibidem*, p. 72-73.

<sup>42</sup> Cf. *Ibidem*, p. 74-77.

Deus e de amar os outros. O conteúdo explícito na pergunta “ser religioso faz sentido?” pode ser respondido com a afirmação de que só o amor dá sentido à vida da pessoa. A abertura ao transcendente, na experiência religiosa, humaniza e diviniza a pessoa. Deus amou-nos primeiro e, por isso, o nosso amor é sempre uma resposta ao amor de Deus. Esta unidade letiva refere os símbolos das várias religiões. A relação com o transcendente está cheia de símbolos e de simbologia. A 1 Jo 4, 7-21, em estudo neste trabalho, está toda escrita com linguagem simbólica, que permite ao ser humano relacionar-se com o transcendente.

A meta E, “identificar o núcleo central do cristianismo”, tem o objetivo de “reconhecer a mensagem essencial do cristianismo, através da interpretação de textos bíblicos”. O objetivo e os conteúdos vão ao encontro do presente trabalho, que pretende estudar a unidade letiva “A Pessoa Humana”, através da hermenêutica do texto bíblico 1 Jo 4, 7-21. No que se refere aos conteúdos, presentes no programa desta unidade letiva do sétimo ano, “as religiões”, o conteúdo “O Deus de Jesus Cristo” revela que Jesus viveu e sofreu para nos salvar, mostrando-nos o verdadeiro rosto de Deus: “Deus de salvação, misericórdia, inequivocamente bom (Rm 3, 25-26. 29-30. Lc 23, 34)”; Deus que ama todo o ser humano de forma incondicional (Lc 7.36-50)”; Deus que convida à conversão pela via do amor (Rm 5, 5)”. Estes conteúdos estão na linha da 1 Jo 4, 7.21, uma vez que só o amor gratuito e generoso dignifica e dá sentido à vida da pessoa. Os alunos, ao estudarem esta unidade, devem fazer esta descoberta.

A unidade letiva três, do sétimo ano, “Riqueza e Sentido dos Afetos”<sup>43</sup>, apresenta a meta O, “amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa e o mundo”, cujo objetivo, “conhecer as várias dimensões da personalidade humana”, está intimamente ligado ao estudo das dimensões da pessoa, presentes na unidade letiva “A Pessoa Humana”. Dá destaque à adolescência como uma fase de instabilidade em que o aluno vê as suas “dimensões da personalidade” sofrer alterações: “motivacional, intelectual, social, emocional, sexual, moral, religiosa”. Estas alterações criam no aluno conflito consigo próprio e com os outros. Por isso, a disciplina de EMRC deve ajudar o aluno a amar-se a si mesmo e a aceitar-se tal como é, e, ao mesmo tempo, ajudá-lo a abrir-se à relação com os outros para crescer como pessoa.

A meta B, “construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história”, com o objetivo de “descobrir os fatores desenvolvimentais da adolescência” aborda uma etapa problemática na formação da pessoa, em que a permanente instabilidade do pré-adolescente precisa de suportes que lhe são propostos através dos seguintes conteúdos: “a importância da família e da escola na formação da personalidade” como primeiro grupo de pertença, em que aprende a amar e a ser amado; “o valor do estudo e do conhecimento” para crescer na sua dimensão intelectual, em que o seu poder criativo esteja ao serviço do bem-comum e da dignidade humana; “os amigos e a sua influência na personalidade e na

---

<sup>43</sup> Cf. *Ibidem*, p. 78-81.

vida” a felicidade da pessoa, o seu equilíbrio e a sua realização surgem na relação de amor gratuito para com os outros.

Ainda na meta B, o objetivo “identificar as mudanças que ocorrem na pessoa, durante a adolescência”, é fundamental para que o aluno desenvolva todas as suas dimensões de pessoa. Na etapa do sexto ano, em que se aborda a unidade “A Pessoa Humana”, os alunos já se questionam e podemos destacar alguns conteúdos mais relevantes que mudam durante o crescimento: “assumir a responsabilidade de fazer escolhas; mudar a referência social: da família aos amigos; “questionar o religioso e ser por ele questionado; experimentar novas formas de resolver problemas ético-morais: consciência e autonomia moral; o que é a religiosidade: a experiência psicológica do religioso”.

Temos ainda, nesta unidade letiva, a meta G, “identificar os valores evangélicos” (seria mais correto dizer identificar os princípios evangélicos), e o objetivo “conhecer a mensagem cristã sobre a felicidade e a realização pessoal”. Referem que, tal como na unidade letiva “a pessoa humana”, a felicidade é a vocação de toda a pessoa. Tal como a 1 Jo 4, 7-21 apresenta o amor a Deus e ao próximo como a única fonte de sentido e de realização pessoal, a “1 Cor 13, 1-13, hino ao amor”, apresenta o amor como a única razão para viver pois só ele dá a felicidade. O ser humano pode ser altruísta e pode ajudar muitas pessoas e realizar coisas muito belas. No entanto, se não for por amor a quem tem de dignificar e tornar feliz, isso de nada vale, pois o amor olha para o coração e para o interior da pessoa. O próprio Santo agostinho, a partir da 1 Jo, vai elaborar a sua reflexão sobre o amor e sobre a Santíssima Trindade como três Pessoas, onde o Espírito Santo é a presença do amor de Deus. Para Santo Agostinho, na vida do cristão tudo se resume e tudo se torna perfeito no amor. O amor é a vocação da pessoa. E crescer como pessoa é fazer escolhas na perspetiva do amor gratuito e generoso. “O amor procura o bem comum e a dignidade humana. O ser humano é mais feliz na procura da felicidade dos outros e vive uma vida de entrega aos outros”.

A unidade letiva quatro, do sétimo ano, “A Paz Universal”<sup>44</sup>, remete para situações de conflitos sociais em que a falta de paz e de direitos humanos é sempre um atentado à dignidade humana. Só o amor constrói a paz verdadeira e autêntica. Por isso, através da meta O, “amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo”, apela-se à tarefa de cada pessoa construir a paz para que a pessoa se possa realizar. O objetivo “interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais relacionados com a falência da paz” remete para as situações de guerra que são atentados aos direitos e à dignidade humana. Os conteúdos relativos a este objetivo, “a falência da paz”, referem situações onde os direitos humanos e os direitos da criança não são respeitados.

Para a meta E, “identificar o núcleo central do cristianismo”, foi traçado o objetivo “identificar a paz como elemento essencial da identidade cristã a partir de textos bíblicos”. Nos conteúdos apresenta-se a proposta de Jesus para a construção da paz, o amor fraterno e gratuito e o perdão. Tal como na 1 Jo 4, 7-21, o amor gratuito e generoso a Deus e aos outros é a solução para a construção da paz e da pessoa.

---

<sup>44</sup> Cf. *Ibidem*, p. 82-85.

No oitavo ano, a unidade letiva um, “O Amor Humano”<sup>45</sup>, apresenta a meta O, “amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo”, em que, o objetivo “desenvolver uma atitude responsável perante a sexualidade”, leva o aluno a perceber que, tal como na unidade letiva “A Pessoa Humana”, a sexualidade abarca a totalidade do ser humano e todas as suas dimensões e se reflete na capacidade de amar os outros e de ser amado. Os conteúdos abordados são de extrema importância para o crescimento como pessoa: “ser responsável, antecipando as consequências dos próprios atos”; “o respeito pelo corpo, os sentimentos próprios e os dos outros”; “a importância da fidelidade e da doação no amor e na sexualidade”; “podemos sempre adotar uma situação mais responsável, mesmo quando anteriormente agimos sem uma boa reflexão”.

A unidade letiva dois do oitavo ano, “O Ecumenismo”<sup>46</sup>, apresenta a meta E, “identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo”, com o objetivo “identificar o cristianismo como uma comunidade de crentes na história humana”. O cristianismo ajudou a construir a sociedade ocidental, nomeadamente através da vida monástica e dos mosteiros que, ao longo dos tempos, promoveram a dignidade humana: ao ensinar a ler e a escrever, na prática da caridade, na assistência aos doentes, no serviço religioso e no ensino do cultivo da terra. Os cristãos viviam em comunidade, em que a caridade, a fé e o amor fraterno estavam intimamente ligados. No entanto, esta unidade letiva refere as divisões dentro do próprio cristianismo e os momentos de intolerância religiosa, que foram contra os direitos humanos e contra a dignidade humana e que refletiram a falta de amor fraterno.

A meta G “identificar os valores evangélicos” (seria mais correto dizer identificar os princípios evangélicos), apresenta o objetivo “organizar um universo de valores orientado para a unidade entre todos os cristãos, identificando o fundamento religioso do movimento ecuménico”. O movimento ecuménico é um caminho de amor orientado pelo diálogo, onde se tem de descobrir que é muito mais o que une (o amor) do que o que separa. A primeira carta de São João 1 Jo 4, 7-21 apresenta a coerência que os cristãos devem ter entre o amor a Deus e o amor aos irmãos. Só o amor pode unir os cristãos que se dividiram. Os movimentos que surgem nos conteúdos deste objetivo são orientados pela vivência do amor fraterno e pela tarefa de cada pessoa contribuir para a unidade.

A unidade letiva três do oitavo ano, “A Liberdade”<sup>47</sup>, apresenta a meta G, “identificar os valores evangélicos” (seria mais correto dizer identificar os princípios evangélicos), com o objetivo “interpretar a Páscoa como experiência de libertação”. A liberdade é a condição essencial para a realização da pessoa. Pelo que, na unidade letiva “A Pessoa Humana”, indica-se que a conquista dos direitos humanos e da dignidade humana está intimamente ligada à conquista da liberdade. Na 1 Jo 4, 7-21, podemos verificar que Deus enviou o seu Filho ao mundo para assumir verdadeiramente a condição humana, sendo um servo para os outros. Nela podemos verificar, também, que o amor de Jesus Cristo pela

---

<sup>45</sup> Cf. *Ibidem*, p. 86-87.

<sup>46</sup> Cf. *Ibidem*, p. 88-89.

<sup>47</sup> Cf. *Ibidem*, p. 90-91.

humanidade foi até ao limite de morrer na cruz e de ressuscitar para a todos salvar. Os conteúdos deste objetivo estão de acordo com o estudado na unidade letiva “A Pessoa Humana”, em que cada pessoa deve usar bem a sua liberdade, para o bem comum e para dignificar o outro. O preço da nossa liberdade foi a entrega de Jesus na cruz. “O Deus dos cristãos, é um Deus libertador”, que quer dignificar a pessoa. Já no Antigo Testamento, podemos verificar, através dos conteúdos, que era visível a luta pela liberdade “Moisés e a libertação do Egípto, a Páscoa Judaica”. No Novo Testamento, podemos ver nos conteúdos, que “Jesus Cristo e a Páscoa cristã” liberta da morte. Tal como na primeira carta de São João 1 Jo 4, 7-21, Jesus é realmente o Cristo, ao contrário do que diziam as seitas gnósticas que o autor da carta combate. Para São João, Jesus viveu segundo a carne e morreu para nos salvar e para nos libertar do medo e da falta de amor. “Foi para a liberdade que Cristo nos libertou (Gal5,1)”.

Esta unidade letiva aborda a consciência moral do ser humano, que deve usar bem a sua liberdade (o seu livre-arbítrio). Deus respeita a liberdade humana. Na unidade letiva “A Pessoa Humana”, aborda-se a dimensão moral e volitiva pela qual o ser humano deve, no uso da sua liberdade, escolher fazer o bem e evitar fazer o mal.

“A dignidade humana exige que o ser humano atue segundo a sua consciência e livre escolha”<sup>48</sup>. Ser livre é também libertar os outros.

Na unidade letiva quatro do oitavo ano, “Ecologia e Valores”<sup>49</sup>, surge a meta O, “amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo”, com o objetivo “reconhecer o contributo do cristianismo no cuidado da natureza” e que vai ao encontro da mensagem do autor da 1 Jo 4, 7-21, da unidade estudada neste trabalho. O autor da carta escreve contra as seitas gnósticas que desprezavam o corpo e o mundo criado e que só valorizavam o espírito. Ao mesmo tempo, na atualidade, algumas seitas sacralizam o mundo criado. Estes conteúdos permitem perceber que Deus criador ama as suas criaturas e cuida delas, embora não se confunda com elas. Devemos, sim, cuidar do mundo para que possamos ter um mundo saudável e uma vida saudável e digna. O ser humano, ao respeitar as criaturas, ama também o criador e dignifica o ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus.

No nono ano do ensino básico, a unidade letiva um, “A Dignidade da Vida Humana”<sup>50</sup>, está em íntima ligação com a unidade em estudo “A Pessoa Humana”. Em ambas as unidades, o que está em causa é a pessoa que, desde a sua conceção até à sua morte, se assume como um ser com uma dignidade que está acima de tudo. A vida apresenta-se como um dom de Deus, que deve ser amado sempre, até ao limite de dar a vida pelos outros, tal como refere a 1 Jo 4, 7-21. A encarnação de Jesus divinizou e valorizou a vida do ser humano. A meta E, “identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo”,

---

<sup>48</sup> Concílio Ecuménico Vaticano II, *Documentos Conciliares e Pontificios*, Constituição pastoral, *Gaudium et Spes*, 17, Editorial Apostolado da Oração, Braga, 1983.

<sup>49</sup> Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Fundação SNEC, 2014, p. 92-93.

<sup>50</sup> Cf. *Ibidem*, p. 94-97.

com o objetivo “aprofundar a mensagem cristã sobre o amor ao próximo e a dignidade da vida humana”, refere que só o amor oblatoivo pode dignificar e pode dar sentido à vida da pessoa humana.

Para o autor da primeira carata de João 1 Jo 4, 7-21, só se chega ao verdadeiro conhecimento de Deus quando o cristão ama verdadeiramente os outros, com amor gratuito e generoso. O conteúdo deste objetivo, “a parábola do bom samaritano (Lc 10, 25-37), valorizar a vida, tornando-se próximo de quem precisa” é, pois, fundamental. Esta parábola, tal como a 1 Jo 4, 7-21, é um convite e uma proposta de vida para o cristão assumir a tarefa de dignificar a vida dos outros, independentemente de quem quer que ele seja. O amor não escolhe a pessoa a quem amar e a quem dignificar. Por isso, todos são o nosso próximo, a quem devemos amar e a quem devemos dignificar. Em Cristo, todos somos irmãos que, através do amor fraterno, devemos dar condições de vida digna aos outros, nomeadamente aos que mais sofrem. A disciplina de EMRC, através do estudo destes conteúdos, presentes na unidade “a dignidade da vida humana” e “ a pessoa”, propõe ao aluno uma vida disponível e comprometida com a promoção da dignidade da vida humana.

A unidade letiva dois, do nono ano, “Deus, O Grande Mistério”<sup>51</sup>, apresenta a meta B, “construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história”. Esta meta está relacionada com a dimensão religiosa do ser humano, de abertura ao transcendente. A descoberta de um Deus pessoal é referida nos conteúdos da unidade letiva “A Pessoa Humana”, através do Sl 139 (138). E, ao mesmo tempo, na 1 Jo 4, 7-21, o autor revela que Jesus mostrou com a sua vida que Deus se tornou uma pessoa com um rosto e que a sua essência é de puro amor. O objetivo “destacar a bondade e a grandeza de Deus” apresenta conteúdos que se cruzam com o tema de estudo deste trabalho. O amor de Deus é sublinhado no conteúdo “a imensidão e bondade de Deus”. Na primeira carta de São João 1 Jo 4, 7-21, o autor desafia o crente a ter uma “fé com confiança e entrega”, uma fé viva que não vem apenas da tradição, mas essencialmente da prática do amor. A unidade letiva “A Pessoa Humana” aborda a autenticidade e, na 1 Jo 4, 7-21, ser autêntico é ser coerente entre o amor a Deus e o amor aos outros. A fé não está desligada da vida do dia-a-dia, “a coerência entre a fé e as obras (Tg 2, 14-17)”. Na unidade letiva em estudo, “A Pessoa Humana”, ao estudar-se a dimensão religiosa, isso leva a pessoa a procurar “dentro de si” o transcendente. O transcendente é o mistério no qual a pessoa mergulha e, para o cristão este transcendente e este mistério são Deus.

A unidade três do nono ano, “O Projeto de Vida”<sup>52</sup>, faz uma reflexão sobre os projetos de vida da pessoa que se quer construir, sobre a conquista da felicidade baseada no ser e não no ter, elegendo um projeto de sociedade que se quer construir, tendo em conta o bem comum. Este projeto é feito à medida que o homem se relaciona com Deus.

Apresenta a meta G, “identificar os valores evangélicos” (seria mais correto dizer identificar os princípios evangélicos), que, através do objetivo “compreender a construção

---

<sup>51</sup> Cf. *Ibidem*, p. 98-99.

<sup>52</sup> Cf. *Ibidem*, p. 100-101.

de projetos de vida na experiência de encontro com Deus”, vai ao encontro dos conteúdos da unidade letiva “A Pessoa Humana”, que nos mostra um Deus pessoal que, antes do ser humano o procurar na sua dimensão religiosa, já está presente na história de cada pessoa. Na primeira carta de São João 1 Jo 4, 7-21, o autor apresenta o projeto de Deus para cada pessoa, baseado no conhecimento de Deus e na realização de cada pessoa, através do amor a Deus e do amor oblato aos outros. No conteúdo “o projeto de Abraão: a descoberta de um Deus único e relacional (Gn, 12, 1-14;15, 1-7)”, Abraão fez a experiência religiosa do encontro com Deus, que lhe propôs um caminho e um projeto de vida que só ele tinha de percorrer e de realizar. Deus comunica e dialoga com Abraão, mantendo com ele uma relação pessoal. No Novo Testamento, temos também o caso de S. Paulo que, sendo chamado por Deus a mudar radicalmente a sua vida em prol de um projeto que lhe foi confiado no encontro com o próprio Jesus ressuscitado, é visível no conteúdo “o projeto de São Paulo: A descoberta de Cristo como eixo orientador da vida (Act 9, 1-20)”.

Na unidade letiva “A pessoa Humana”, o projeto de Deus para cada um é a felicidade vivida através do amor gratuito e generoso. A vocação de cada pessoa foi revelada por Jesus ao longo da sua vida: amar os outros, promover a felicidade dos outros e promover a sua dignidade. O conteúdo “a parábola dos talentos (Mt 25 14-29)” remete para o facto de todos os seres humanos serem dotados de dons dados por Deus. Como o dom é gratuito, devemos pôr os nossos dons ao serviço gratuito dos outros, sobretudo na promoção da dignidade humana.

Para a meta B, “construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história”, foi traçado o objetivo “reconhecer a fé como elemento constitutivo da experiência de felicidade”. Na unidade letiva em estudo, “A Pessoa Humana”, ao abordar-se a dimensão religiosa, aponta-se para a capacidade que o ser humano tem de, ao fazer a sua experiência religiosa, poder encontrar um caminho de realização pessoal e felicidade. A experiência religiosa e o encontro com o “mistério”, que para o cristão é Deus, só podem enriquecer mais a pessoa. Na primeira carta de São João 1 Jo 4, 7-21, a fé em Deus, leva através da inteligência, ao conhecimento de Deus, que se consegue no amor a Deus e no amor gratuito aos outros. Os conteúdos que se seguem para este objetivo não são exclusivos do cristianismo, pois todas as religiões procuram a dignidade da pessoa, a sua realização e a sua felicidade. No entanto, na unidade letiva “A Pessoa Humana” também se aborda a dimensão religiosa como capacidade de todo o ser humano e não só dos cristãos. O conteúdo “a fé como fonte de felicidade” é possível, porque leva à alegria do amor que faz com que cada ser humano se abra a Deus e aos outros. Assim, sendo, pode facilmente constatar-se que os conteúdos “o princípio da felicidade humana: o amor a Deus e ao próximo” e “o amor aos inimigos”, que nos ajudam a encontrar o caminho para a felicidade, estão bem presentes na primeira carta de São João 1 Jo 4, 72-21.

Como podemos constatar, a preocupação de responder à pergunta inicial “Quem é a Pessoa?”, presente na unidade letiva “A Pessoa Humana”, é transversal a todas as unidades letivas e a todos os ciclos do ensino básico. No entanto, é no programa do sexto ano que a categoria de “Pessoa” é explorada de um modo mais direto, tal como iremos aprofundar no ponto dois.

## **2. A Categoria de “Pessoa” no Programa e no Manual – Unidade Letiva Um do Sexto Ano, “A Pessoa Humana”.**

A unidade letiva um do sexto ano, “A Pessoa Humana”<sup>53</sup>, ajuda o aluno a enquadrar a individualidade humana nas suas diferentes dimensões; a reforçar o seu papel ativo na construção da família e da sociedade; a perceber que o valor da dignidade é a própria dignidade do ser; a estabelecer compromissos.

O Programa de EMRC apresenta equilíbrio nas metas e nos objetivos que fazem a ligação do quinto para o sétimo anos. Dos três domínios do programa de EMRC, “religião e experiência religiosa”; “cultura cristã e visão cristã da vida” e “ética e moral”<sup>54</sup>, o segundo é o que apresenta mais metas, sendo que o primeiro apresenta apenas uma, o que me parece pouco, uma vez que a unidade letiva um do sexto ano, “A Pessoa Humana”, aborda as dimensões do ser humano, sendo que na dimensão religiosa é destacada e abordada a abertura ao transcendente, que humaniza o homem e a mulher e que os constrói como pessoas.

### **2.1. A Categoria “Pessoa” no Programa**

O estudo da unidade é feito a partir das metas que surgem nesta unidade letiva, dos objetivos delineados para as mesmas e dos seus conteúdos.

A meta B, “construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história”<sup>55</sup>, apresenta o objetivo “reconhecer a pessoa como ser único que vive em relação com os outros”<sup>56</sup>. O programa começa com a pergunta inicial “Quem é uma pessoa?”, desenvolvendo depois o caminho e procurando responder cabalmente a esta questão.

Como já foi referido, os alunos têm dificuldade em compreender a pergunta “quem é a pessoa?”. Por esse motivo, comecei a unidade com a pergunta “quem sou eu?”, e os alunos começaram a reflexão de uma forma mais acessível e mais concreta sobre a pessoa.

Para responder à pergunta inicial, o programa começa por abordar a pessoa como ser único e irrepitível e não dividida em corpo e alma. A resposta poderia ser retirada a partir do conceito de pessoa. No entanto, isso seria muito complexo, uma vez que é necessário aprofundar questões filosóficas que, mesmo assim, são referidas, mas apenas de um modo simples. A unidade letiva começa por definir “Pessoa” como um ser constituído por várias dimensões. O objetivo “identificar as diferentes dimensões da pessoa valorizando a relação com a transcendência” é abordado nos conteúdos das diferentes dimensões da pessoa, dando destaque à dimensão religiosa.

---

<sup>53</sup> Cf. *Ibidem*, p. 62-65

<sup>54</sup> Cf. *Ibidem*, p. 8.

<sup>55</sup> Cf. *Ibidem*, p. 63.

<sup>56</sup> Cf. *Ibidem*.

O programa refere, para além da “dimensão física” e da “dimensão social”, a existência de outras dimensões: “a intelectual”, a “moral e volitiva”, a “emocional”, a “sexual” (que abarca a totalidade da pessoa humana, tal como as outras dimensões que são transversais ao ser humano) e a “religiosa”. No entanto, no programa, não aparece explicitado o termo “espiritual”, talvez porque, atualmente, seja utilizado em muitos contextos diferentes e nem sempre esteja associado ao fenómeno religioso. As dimensões “religiosa” e “espiritual” não são a mesma coisa, mesmo que se possam relacionar e interligar. A dimensão espiritual, que é tudo aquilo que nos faz crescer como pessoas e que diz respeito ao interior do ser humano, abarca todas as outras dimensões, nomeadamente a dimensão religiosa, que é a capacidade do ser humano de se abrir e de se relacionar com o transcendente.

Embora com algumas dificuldades decorrentes da complexidade da linguagem usada no programa, o aluno consegue perceber que Deus criou o ser humano com várias dimensões que, para serem desenvolvidas, exigem que este viva em condições dignas. No entanto, o ser humano é um ser único e irrepetível, tanto para Deus como para os outros. O aluno, ao perceber que é único e diferente, começa a ter um maior conhecimento de si próprio, o que o leva a aceitar-se como é, tanto física como psicologicamente.

Para o cristão, é pelo facto de o ser humano ser criado à imagem e semelhança de Deus que a sua dignidade deve ser respeitada, pois só assim se pode tornar um ser livre e feliz. No entanto, a dignidade não deixa de existir se o aluno não for crente, pois esta existe pelo facto de a pessoa possuir direitos inalienáveis. Ao mesmo tempo, o ser humano descobre o transcendente que o habita e que o faz sentir realmente pessoa, quando o Tu divino o faz abrir ao tu humano, que é o outro.

A meta G, “identificar os valores evangélicos” (seria mais correto dizer identificar os princípios evangélicos), tem como primeiro objetivo “promover a autenticidade como fidelidade ao próprio projeto (vocação)”<sup>57</sup>. Os conteúdos “a rutura com o egoísmo e a vivência do amor” permitem o crescimento e a realização plena da pessoa. A reflexão que é proposta do ponto de vista antropológico leva o aluno a perceber que, para se construir como pessoa, deve estar aberto à relação com o outro e à “alteridade”. O outro, que é Deus, também é pessoa e chama-nos pelo nosso nome, dizendo-nos para ir ao encontro do outro, que é uma pessoa como nós, que devemos amar, que nos completa e que nos realiza como pessoas e a quem temos o dever de respeitar.

O programa inclui, nos conteúdos, o texto bíblico da primeira carta de São João 1 Jo 4, 7-21<sup>58</sup>, no qual se verifica que o amor se constitui como fonte de sentido e de dignidade da vida humana. Do mesmo modo, também a Declaração Universal dos Direitos Humanos partilha de princípios que defendem a dignidade humana e que estão presentes no Evangelho. Este texto sobre o amor marca uma viragem na unidade, efetuando a passagem da primeira parte, em que é feita uma abordagem teórica para responder à

---

<sup>57</sup> Cf. *Ibidem*, p. 62.

<sup>58</sup> Cf. *Ibidem*, p. 63.

pergunta “Quem é a Pessoa?”, para a segunda parte, em que o aluno, a partir da palavra de Deus, é convidado a relacionar-se com Deus como um Deus pessoal e a ir ao encontro dos outros, nomeadamente dos que não têm direitos ou daqueles cuja dignidade não é respeitada.

O programa desta unidade apresenta o excerto da primeira carta de São João 1 Jo 4-7-21 sem dar muito destaque e sem explorar o contributo que ela pode ter para a compreensão da pergunta inicial da unidade letiva “Quem é a Pessoa”. No texto bíblico 1 Jo 4, 7-21, tudo no ser humano é uma unidade, a fé está unida à vida, o amor gratuito e generoso não pode separar a relação com Deus e a relação com os outros. O conhecimento de Deus vem pelo facto de aderirmos ao Deus amor que foi revelado em Jesus.

O autor da primeira carta de São João 1 Jo 4, 7-21 combate as seitas gnósticas que eram influenciadas por correntes de filosofia platónica, em que o ser humano era composto por duas dimensões: corpo e alma. Nelas, o corpo era visto de um modo negativo e a alma era vista de um modo positivo, estando encarcerada no corpo e sendo por isso que o objetivo da vida do ser humano era a libertação do corpo. Assim sendo, o cristianismo foi e é influenciado por estas correntes filosóficas, ainda que a sua visão da pessoa seja unitária.

A 1 Jo 4-7-21 é um texto bíblico que encerra em si todas as problemáticas e todos os conteúdos da unidade. O autor da carta apresenta o amor como ponto central para a realização da pessoa. O Amor que nos foi dado gratuitamente por Deus deve ser retribuído aos outros de um modo também gratuito. O amor de Deus pela humanidade teve, segundo a 1 Jo, o ponto máximo no facto de Deus enviar o seu Filho Jesus Cristo, que nos mostrou o rosto amoroso do Pai. Na primeira 1 Jo 4, 7-21, a “Pessoa” surge como ser único onde a fé e a vida são inseparáveis. O amor a Deus e o amor aos outros não se podem separar. O texto apela à coerência e à autenticidade na vida do cristão e de cada pessoa. Só a verdade e a aceitação de si mesmo leva à verdadeira felicidade.

O autor da carta contesta os movimentos gnósticos que achavam que Deus só se atinge pelo conhecimento, desprezando a relação com os outros e desvalorizando o corpo. Na unidade letiva “A Pessoa humana”, torna-se evidente que a “Pessoa é uma unidade irrepitível”<sup>59</sup>. É composta por várias dimensões e só se realiza e se torna realmente feliz, quando sai do seu egoísmo e vai ao encontro dos outros.

A meta G apresenta ainda um segundo objetivo, o de “identificar os direitos fundamentais da pessoa e com especial relevo para a criança, a partir da noção de dignidade humana”, em que os conteúdos “o ser humano é dotado de direitos e deveres, reconhecidos pela sociedade”<sup>60</sup> proporcionam uma reflexão contextualizada sobre a problemática que está relacionada com o incumprimento dos direitos humanos especialmente da criança. O aluno é ajudado a construir uma atitude crítica perante as injustiças sociais, tanto no meio

---

<sup>59</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>60</sup> Cf. *Ibidem*.

envolvente à escola como no país e no mundo, não sendo indiferente e adotando uma atitude de compromisso social para ajudar a dignificar o outro como pessoa.

A meta I, “conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade”, tem patente o objetivo “conhecer organizações católicas que trabalham pela promoção da dignidade humana”<sup>61</sup>. Para abordar os conteúdos, os alunos refletiram sobre o trabalho de “organizações locais que lutam pela construção de um mundo onde todos tenham condições de existência dignas”. Os textos do magistério da Igreja sobre a “defesa dos direitos da criança” são importantes para os alunos terem contacto e conhecimento da posição da Igreja sobre a dignidade da vida humana e da pessoa. No entanto, o programa propõe três textos que se tornam difíceis de abordar na aula, pela falta de tempo. Daí a necessidade de selecionar apenas um texto. Ao estudar “o contributo da Igreja católica nos cuidados: de assistência, de saúde e educação”<sup>62</sup>, foram estudadas na aula instituições como a Cáritas, o Banco Alimentar, as conferências de S. Vicente de Paulo, as escolas católicas, assim como lares de crianças e de idosos.

A meta E, “identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo”, apresenta como objetivo “perceber como o elemento fulcral da mensagem cristã é o carácter pessoal da relação de Deus com cada ser humano”.<sup>63</sup> No meu ponto de vista, esta meta assim como o seu objetivo e o conteúdo intitulado “Deus estabelece com todos uma relação pessoal”, a partir do texto Bíblico Sl 139 (138)<sup>64</sup>, deveriam estar antes da 1 Jo, 4, 7-21 e estar enquadradas depois da dimensão religiosa. A capacidade de abertura a Deus leva o homem e a mulher a descobrir um Deus pessoal, que nos amou primeiro e que nos fez por amor à sua imagem e semelhança. Um Deus que conhece o ser humano desde sempre e que espera pela sua resposta. Este Salmo atribui a Deus características típicas da pessoa e que o próprio Deus assumiu quando se fez carne, através de Jesus Cristo.

A meta O, “amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo”, preconiza o objetivo “promover condições para que se viva como a pessoa que se é”<sup>65</sup>. Os conteúdos propõem que os alunos assumam, como conclusão da unidade letiva, o compromisso de como cada um deve viver para “ser pessoa” e para dar condições para que todos sejam “pessoas”<sup>66</sup>. O compromisso de cada aluno só pode ser o de ser autêntico, o de ser verdadeiro, o de procurar a coerência entre o amor a Deus e o amor aos outros, como refere o autor da 1 Jo 4, 7-21.

---

<sup>61</sup> Cf. *Ibidem*, p. 62.

<sup>62</sup> Cf. *Ibidem*, p. 63.

<sup>63</sup> Cf. *Ibidem*, p. 64.

<sup>64</sup> Cf. *Ibidem*, p. 65.

<sup>65</sup> Cf. *Ibidem*, p. 64.

<sup>66</sup> Cf. *Ibidem*, p. 65.

## 2.2. A Categoria “Pessoa” no Manual

No Manual do sexto ano, a unidade letiva um, “A pessoa Humana”, começa com uma introdução à origem do termo “Pessoa”, em que se faz uma abordagem histórica ao pensamento grego e latino. O termo “pessoa”, que é de origem latina, deriva de *persona*, «máscara de teatro». Por extensão, significa o papel atribuído a essa máscara, a “personagem”. O pensamento cristão, sobretudo a partir de Santo Agostinho, usou a palavra para se referir às três pessoas divinas da Santíssima Trindade: o Pai, o Filho e o Espírito Santo, designando a palavra “pessoa” a capacidade de estabelecer a relação com os outros. Só mais tarde, e ainda no quadro do pensamento cristão, esta palavra se aplica ao ser humano. Esta abordagem, apesar de ter linguagem complexa para a faixa etária, sendo contextualizada, é pertinente, pois permite ao professor explicar aos alunos a influência que a cultura greco-romana teve no cristianismo e na sociedade ocidental.

A reflexão sobre a “Pessoa”, no Manual, começa de um modo “essencialista”, que é uma corrente “filosófica que pensa o *ente* como essência, eliminando da reflexão, como inassimilável ao pensamento conceitual, a existência. A tendência essencialista desvaloriza o momento existencial dos *entes*, de modo a que o *ente* pode ser pensado perfeitamente (dependendo do ente) sem ser pensado como existente”<sup>67</sup>. A resposta à pergunta inicial “Quem é a Pessoa” começa por ser feita de um modo abstrato. No entanto, com o desenvolver da unidade, o manual começa a fazer uma reflexão mais existencialista, “personalista”<sup>68</sup> e concreta da pessoa que deve a sua dignidade ao facto de ser criada à imagem e semelhança de Deus, que chama a cada um pelo nome.

O manual refere que o amor de Deus pela humanidade é pessoal e que se concretiza no envio, por amor, do seu Filho Jesus Cristo, que relevou o amor do Pai em atos e em gestos para dignificar a pessoa (1 Jo 4, 7-21). A pessoa é ser e, assim sendo, está acima de todos os interesses materiais, pelo facto de ter uma vida que deve ser dignificada. O manual sublinha o que foi referido no programa da disciplina, ou seja, que a “Pessoa” é um ser único e irrepitível, composta de duas realidades inseparáveis, corpo e espírito, realizando-se e constringendo-se na sua relação com os outros e na sua abertura a Deus. Para mostrar a visão cristã da pessoa como ser único que apresenta uma unidade de corpo e espírito, apresenta, e bem, um excerto da Encíclica *Deus Caritas Est*, de Bento XVI<sup>69</sup>.

Ao realizar o estudo sobre a categoria “Pessoa”, o aluno tem a oportunidade de estudar as dimensões da pessoa que tornam o homem diferente dos outros seres. O aluno descobre-se como ser único e irrepitível, que o faz responsável e livre de acolher e de respeitar a dignidade do outro na sua diferença. O pré-adolescente começa por construir a sua

---

<sup>67</sup> Celestino PIRES, *Essencialismo*, In *Logos Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia, Volume II*, Verbo, Lisboa 1992, p. 259.

<sup>68</sup> Joaquim de Sousa PINTO, *Personalismo*, In *Logos Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia, Volume IV*, Verbo, Lisboa, 1992, p. 78. “Num sentido lato personalismo é a filosofia que reivindica a dignidade ontológica, gnosiológica, moral e social da pessoa, contra todas as negações imanentistas e materialistas”.

<sup>69</sup> Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Estou Contigo - Manual do 6º ano de EMRC*, Fundação SNEC, Lisboa, 2015, p. 13.

personalidade, reconhecendo-se como um ser com direitos, mas também com deveres para com os outros, que o tornam aberto à relação com o outro e com Deus. Ao mesmo tempo, reconhece que a experiência religiosa o leva a acolher os outros e a trabalhar para dignificar a pessoa humana.

A capacidade criadora do ser humano surge inserida quer na dimensão biológica, através da inteligência presente na nossa capacidade cerebral, como também através das dimensões social e espiritual também ligadas ao cérebro. As invenções científicas e a criação cultural são produto dessa capacidade criadora que só é positiva para o mundo, se se procurar o bem comum e a defesa da dignidade da vida humana. O aluno, nesta unidade, vai perceber que ao longo da sua vida vai fazer escolhas, tais como a profissão, o seu estado civil e outras, que devem contribuir para a sua felicidade, para a defesa dos seus direitos e dos seus deveres, e não para servir apenas o seu egoísmo.

No que diz respeito às dimensões do ser humano, o manual simplifica os conteúdos do programa ao apresentar três dimensões que estão inteligidas: a biológica, a social e a espiritual. O Programa não chega a referir o termo “espiritual”, mas usa as várias dimensões que fazem parte da dimensão espiritual, como a dimensão intelectual, a dimensão moral, a dimensão emocional e a dimensão religiosa, como já foi referido no ponto anterior. O Manual parece fazer transparecer que a dimensão espiritual é o mesmo que a dimensão religiosa, o que não é correto. A espiritualidade pode ser um leque muito vasto de tudo aquilo que o ser humano necessita para crescer como pessoa não tendo propriamente ligação com a religião. A dimensão religiosa é a faculdade do ser humano de sair de si e de se abrir ao transcendente e ao mistério que para o cristão é Deus. No entanto, no meu ponto de vista, a dimensão espiritual é constituída por todas aquelas realidades que estão dentro de nós e que não vemos, e uma delas é a dimensão religiosa, a capacidade de nos relacionarmos com o Deus pessoal e que nos impele a amar os outros. Porém, se nos detivermos numa cuidadosa comparação entre o programa e o manual, podemos facilmente verificar que há um problema que se levanta em termos de linguagem, uma vez que o primeiro não refere a “dimensão espiritual” e o segundo não refere a “dimensão religiosa”, à exceção de uma breve referência na página doze e apenas da seguinte forma: “espiritual/ religiosa”<sup>70</sup>. Neste caso, o professor deve procurar esclarecer os alunos, explicando-lhes que a dimensão espiritual não implica a dimensão religiosa, mas que a dimensão religiosa está inserida na dimensão espiritual.

O Manual, antes de abordar os direitos humanos, faz, e no meu ponto de vista muito bem, uma referência ao percurso histórico, destacando acontecimentos e personagens da História universal sobre a conquista da liberdade humana. Faz também uma análise social das dificuldades existentes no que concerne ao respeito dos direitos humanos. Do debate cultural sobre a pessoa, passa-se para uma reflexão sobre a experiência do homem com Deus, que o torna pessoa livre e com a necessidade de respeitar e de ser respeitado na sua dignidade.

---

<sup>70</sup> Cf. *Ibidem*, p. 12.

No Manual, os textos sobre a ONU e os excertos da Constituição da República Portuguesa dão a conhecer ao aluno que também estas instituições e os governos das nações partilham dos princípios cristãos que, acima de tudo, são universais.

Ao estudar os conteúdos sobre “o contributo da Igreja Católica nos cuidados de assistência, de saúde e de educação” o manual propõe estudar textos do Magistério da Igreja sobre a preocupação da Igreja na promoção da pessoa humana. Apresenta ainda, instituições que promovem os direitos humanos como a Cáritas, o Banco Alimentar, as conferências de S. Vicente de Paulo, as escolas católicas, assim como lares de crianças e de idosos.

Esta unidade letiva proporciona a interação com outras disciplinas, como Ciências da Natureza, História e Geografia de Portugal e com a área curricular não disciplinar de Ética e Cidadania.

Com a disciplina de Ciências da Natureza estabelece-se interdisciplinaridade, quando se aborda a dimensão biológica do ser humano, nomeadamente a herança genética com a transmissão de características físicas de pais para filhos. Mesmo que estes conteúdos só sejam dados na disciplina de Ciências no nono ano, pode ser pedido ao professor de Ciências da Natureza do sexto ano para dar uma breve explicação sobre a matéria para o aluno perceber e apreender melhor os conceitos. Ainda em Ciências da Natureza, os alunos, ao estudarem o corpo humano e o sistema reprodutor, vão ter pontos de contacto com EMRC, uma vez que vão abordar a importância do corpo humano.

Com a área curricular não disciplinar de Ética e Cidadania, os alunos podem conhecer e trabalhar a Declaração Universal dos Direitos Humanos e dos direitos da criança, podendo realizar trabalhos de grupo e podendo explorar os direitos humanos e da criança que lhes parecem mais relevantes. Os trabalhos serão apresentados à turma na forma de cartazes ou na forma de apresentação em multimédia. Ainda em Ética e Cidadania, ao abordar a dimensão sexual e a sexualidade humana, que abrange todo o ser humano, vão também partilhar conhecimentos e conteúdos que podem ter abordado em EMRC.

Com a disciplina de História e Geografia de Portugal é feita uma interdisciplinaridade, quando se aborda, no manual, a arte, o património cultural e religioso, acontecimentos históricos e revoluções, inspiradas nos princípios cristãos e universais, que o homem fez para conquistar a liberdade.

Apesar de o programa e o manual promoverem a dignidade da pessoa, no ponto três veremos alguns aspetos em que podem ainda melhorar.

### **3. Interpelações ao Programa e ao Manual – Unidade Letiva “A pessoa Humana”**

Ao planificar as aulas pelo Programa, usei, em alguns momentos, o manual como um complemento ao Programa. No entanto, o manual apresenta algumas reflexões e algumas atividades de cariz mais catequético. Durante a lecionação da unidade, fui aprendendo a evitar uma linguagem e dinâmicas catequéticas e a fazer da aula de EMRC um momento

de propostas que respeitam a liberdade do aluno. O manual não deve ser totalmente excluído ou posto de lado, pois faculta orientações preciosas de como expor os conteúdos, mesmo que muitas vezes estes disponham de demasiada informação que precisa de ser selecionada.

Como foi referido, o manual começa a reflexão sobre “A Pessoa Humana” de um modo “essencialista” e, depois, parte para uma visão mais “personalista”.

Ao estudar a dimensão biológica, aprofunda conhecimentos do âmbito das Ciências da Natureza relacionados com a “identidade sexual”, presentes no “saber mais” da página dezasseis<sup>71</sup>. Para além de usar linguagem científica que os alunos têm dificuldade em perceber, pois só darão estes conteúdos no terceiro ciclo, não é muito relevante no contexto geral da unidade letiva.

Na dimensão social, ao abordar a linguagem humana que pode ser “verbal” e “não verbal”, faz referência ao episódio da Torre de Babel (Gn 11, 1-9), em que as línguas diferentes são sinal de separação, pois não existe a presença de Deus porque todos quem ser como deuses. No entanto, faz referência ao episódio do Pentecostes na Igreja (At 2, 4), em que a presença de Deus faz com que todos se entendam, apesar de falarem línguas diferentes. Apesar de ser uma comparação interessante, parece que surge como informação que poderia ser evitada, pois requer uma interpretação cuidada. O mito da origem da Torre de Babel deve ser contextualizado, pois o que está em causa não é explicar o surgimento das diferentes línguas, mas o que acontece a uma sociedade que vive como se Deus não existisse e onde não se respeita o outro na sua diferença<sup>72</sup>.

Depois, surge no Manual a história africana “Kanimambo Calunga”, em que se abordam diferentes línguas que representam as diferenças entre as pessoas, sendo que só com a linguagem comum do amor é que é possível existir entendimento e paz. Os autores dos manuais têm a preocupação de introduzir textos de outras culturas, nomeadamente a africana, em que, muitas vezes, os alunos têm preconceitos ao achar que são culturas menos importantes, por não serem países ricos economicamente. A história é interessante, mas parece ter informação a mais e que com o tempo limitado de quarenta e cinco minutos de aula semanal se torna quase impossível de abordar, pois tem muitas informações secundárias. Em seguida, o manual apresenta o “Pai Nosso” em Ronga de um modo descontextualizado, pois na linha abaixo refere os vários tipos de linguagem que surgem na arte<sup>73</sup>.

Ao referir a importância da conquista da liberdade, surge um texto do Dalai Lama, líder do Budismo Tibetano<sup>74</sup>, que, tal como os cristãos, procura a paz e a liberdade. No entanto, como aspeto negativo, o manual não contextualiza o texto nem refere a sua finalidade. O

---

<sup>71</sup> Cf. *Ibidem*, p. 16.

<sup>72</sup> Cf. *Ibidem*, p. 19.

<sup>73</sup> Cf. *Ibidem*, p. 21.

<sup>74</sup> Cf. *Ibidem*, p. 30.

texto poético “Balada da Neve” não parece muito apropriado nem contextualizado à temática, podendo ser substituído por outro mais eloquente<sup>75</sup>.

No programa a formulação das metas e dos objetivos não obedece ao rigor científico no âmbito da filosofia, uma vez que não faz a distinção entre “valor” e “princípio”. Tal verifica-se, por exemplo, aquando do estudo da meta G, na qual se procura “identificar os valores evangélicos”, sendo que seria muito mais correto que lá se considerasse “identificar os princípios evangélicos”. Nesta perspetiva, nesta meta alguns objetivos e conteúdos referem-se à pessoa e à vida humana como um “valor”, no entanto a pessoa é “ser” e não um valor que se possa quantificar.

Como maior fragilidade a destacar do Programa e do manual, surge o facto de ambos explorarem pouco o texto bíblico, a 1 Jo 4, 7-21<sup>76</sup>, sem o enquadrar devidamente, sem o aprofundar muito e sem o contextualizar na vida do aluno. A sua exploração surge com uma linguagem distante do aluno, não relacionando devidamente o texto com o tema da autenticidade e não aproveitando a riqueza da sua linguagem simbólica. O manual refere, depois, a possibilidade de o ser humano falar com Deus e de fazer a sua experiência religiosa. No entanto, não propõe nem proporciona ao aluno essa experiência que o comprometa a ir ao encontro do “próximo” para o amar e para o dignificar.

Na primeira carta de São João 1 Jo 4, 7-21, podemos constatar a dimensão da unidade do corpo e do espírito, uma vez que o autor da carta afirma que Jesus, pelo facto de ter encarnado, nos torna mais dignos e que a dimensão biológica de Jesus é inseparável do Cristo, Filho de Deus. A partir da 1 Jo 4, 7-21, o encontro com o transcendente, que é “Deus”, deverá ser um encontro amoroso que faz o ser humano transcender-se para se encontrar com os que vivem ao seu lado. Na experiência religiosa o ser humano descobre que tem de viver para se dar aos outros, nomeadamente àqueles cuja dignidade está comprometida. Proponho neste trabalho a exploração da 1 Jo 4, 7-21 nas aulas de EMRC, de um modo mais dinâmico e mais contextualizado com a vida concreta dos alunos, podendo ser um contributo para os levar a empenhar-se na sua relação com Deus e em dignificar todos os que vivem ao seu lado. Neste trabalho, ao aprofundar a 1 Jo 4, 7-21, proponho uma interpretação mais aprofundada nas aulas deste texto, para que professor e alunos descubram o amor como fonte de sentido e de dignidade para as suas vidas e para a vida dos outros.

---

<sup>75</sup> CF. *Ibidem*, p. 34.

<sup>76</sup> Cf. *Ibidem*, p. 27-28.

## **Conclusão do Capítulo II**

Como se pode verificar, esta unidade letiva é exigente e rica nos seus conteúdos, proporcionando muitas possibilidades de aprendizagem aos alunos. Pode ser feito um caminho baseado no diálogo cultura/ fé, tendo em conta a transversalidade e os conceitos filosóficos que o professor pode/deve trabalhar e clarificar aos alunos.

Esta unidade está de acordo com as finalidades almejadas pela disciplina, uma vez que tem o nobre objetivo de ajudar a escola na sua missão de proceder à formação integral dos alunos, não descurando qualquer uma das suas dimensões nem qualquer uma das suas inteligências.

O texto bíblico 1 Jo 4, 7-21 é de uma enorme riqueza, pois só o amor dignifica e dá sentido à vida da pessoa e deveria ser o fio condutor de toda a unidade. Como veremos mais adiante, nós podemos e devemos responder à questão “Quem é a Pessoa?” a partir da 1 Jo 4,7-21. O amor que refere a 1 Jo 4, 7-21 é a resposta a todas as questões que são colocadas: a pessoa como ser único e multidimensional realiza-se na relação; a pessoa como ser capaz de realizar a experiência religiosa.

### Capítulo III - A Pessoa na 1 Jo 4, 7-21

#### 1. “Pessoa” no Mundo Greco-Romano

Ao explorar o tema da “Pessoa Humana”, recordo que o termo “Pessoa” surgiu a partir da reflexão feita sobre a Santíssima Trindade. É por este motivo que considero importante uma reflexão sobre “A Pessoa Humana” a partir de um texto Bíblico que refere o mistério da Santíssima Trindade: a presença de Jesus Cristo enviado pelo Pai para salvar a humanidade e que se torna presente na Igreja através do Espírito Santo, que é o próprio amor de Deus comunicado. O amor que só se realiza em cada pessoa em dois sentidos: no amor a Deus e no amor ao próximo. Para Santo Agostinho a Trindade é origem e fonte de todo o amor que é o tema central deste trabalho, por ser o centro, o sentido e o fim último de toda a pessoa humana.

O termo “Pessoa” é de origem latina, deriva de *persona*, «máscara de teatro». Por extensão, significa o papel atribuído a essa máscara, a “personagem”. O pensamento cristão, sobretudo a partir de Santo Agostinho, usou a palavra para se referir às três pessoas divinas da Santíssima Trindade: o Pai, o Filho e o Espírito Santo, designando a palavra “Pessoa” a capacidade de estabelecer a relação com os outros. Só mais tarde, e ainda no quadro do pensamento cristão, esta palavra se aplica ao ser humano.

Duarte da Cunha, na sua reflexão sobre a pessoa, sublinha esta relação estreita entre a “Pessoa” e a reflexão cristológica e trinitária.

“Aquilo que hoje dizemos ser uma “Pessoa” tem na sua origem aquilo que se foi percebendo ser o Mistério da Santíssima Trindade: um só Deus que é Pai, Filho e Espírito Santo, ou seja, uma só Natureza divina e três Pessoas; e o Mistério da Encarnação: Jesus é Deus e é Homem, mas não é duas realidades, embora tenha a verdadeira e completa natureza humana e a verdadeira e completa natureza divina, é um única pessoa, a Pessoa do Verbo eterno de Deus”<sup>77</sup>.

Ao estudar a 1 Jo 4, 7-21 e a reflexão sobre a “Pessoa” humana que este texto bíblico proporciona, recordo o teólogo Juan L. Ruiz de la Peña e a sua obra *Imagem de Deus*, em que faz uma investigação sobre o termo “Pessoa” e onde afirma que, segundo o teólogo alemão Pannenberg, é a partir da captação do divino e da sua relação com ele que o ser humano se autocompreende a si mesmo em primeira instância, de modo que a origem do conceito de “Pessoa” se encontra no campo da experiência religiosa, no encontro com a realidade divina. “Da inviolável majestade de Deus derivou, por participação, a dignidade pessoal do homem”<sup>78</sup>.

Na Bíblia, não surge o termo “Pessoa”. No entanto, o ser humano é apresentado através de uma tríplice relação “de dependência, frente a Deus; de superioridade frente ao mundo;

---

<sup>77</sup> Duarte da CUNHA, *Só o amor gera vida, Pessoa, família, sociedade*, Paulus, Lisboa, 2015, p. 27.

<sup>78</sup> Juan L. Ruiz de la PEÑA, *Imagen de Dios, Antropología teológica fundamental*, Presencia teológica, Sal Terrae, Santander, 1988, p. 154.

de semelhança, frente ao tu humano”<sup>79</sup>. Segundo Juan L. Ruiz de la Peña, através desta tríplice relação frente a um “tu”, o homem bíblico é um ser relacional e, como veremos, a ideia de “Pessoa” tem muito a ver com a relação.

No cristianismo, Boécio define pessoa como substância individual de natureza racional e também refere a etimologia do termo *persona*, que vem de “personare” e que designa a intensificação do som na concavidade da máscara usada nas comédias e tragédias antigas. *Persona* significa a mediação de uma voz mais alta.

Segundo Juan L. Ruiz de la Peña, a terminologia antropológica grega ilustra esta carência do conceito de pessoa; nela são privilegiadas as categorias de essência (*ousia*), de substância (*hypóstasis*) e de natureza (*phýsis*).

*Persona* seria, portanto, o mesmo que o vocábulo grego *prósopon* – máscara que, colocada sobre o rosto e diante dos olhos, oculta a cara, a face. Daqui surge o termo “personagem”, empregue no teatro, e o termo “personalidade”, empregue na vida das pessoas. Segundo esta lógica, o indivíduo para representar e para fazer várias personagens, pode ter de perder a sua personalidade, o que representa uma falta de autenticidade na sua vida, fazer-se passar por aquilo que não é. No mundo oriental, na face personificada da máscara, vemos que toda a fisionomia é uma aparência, invólucro exterior do homem, cuja essência permanece oculta, sugerindo-nos que *Pessoa* é uma personagem no cenário do mundo<sup>80</sup>.

No mundo greco-latino, *prósopon/persona* orienta-nos, igualmente, para a dignidade da pessoa que está “por detrás” do ator. A máscara não serve só para tapar a face do ator, mas para representar algo mais digno. Pessoa em latim, “*per-sona* (de *personare*, ressoar), recorre à função ampliadora da voz dos atores”<sup>81</sup>, significa ainda a figura, a imagem, o ator, a personagem revestida de dignidade. *Persona* em latim, ao ser máscara de teatro, representa a personagem, o carácter, a função, a dignidade da pessoa jurídica que se contrapõe às coisas.

O termo “Pessoa” surge, assim, da mútua influência entre filosofia e teologia, que, na sua origem, tem, como fundo, as controvérsias trinitárias e cristológicas que têm como ponto alto as proposições dogmáticas dos Concílios de Constantinopla I (381), de Calcedónia (451) e de Constantinopla II (553). Deus é uno e trino, uno na natureza ou substância e trino nas hipóstases ou nas pessoas. Cristo possui duas naturezas, a divina e a humana mas é uma só pessoa. “Hipóstase” em grego significa base, fundamento, confiança, presença de ânimo, ousadia. Aristóteles usa-a como realidade objetiva oposta a aparência. Para os cristãos, “hipóstase” significa algo consistente, aplicado à essência divina, significa essência, substância (*ousia*) completa consistente e subsistente por si.

---

<sup>79</sup> *Ibidem*, p. 154.

<sup>80</sup> Cf. *Ibidem*, p. 98.

<sup>81</sup> Juan L. Ruiz de la PEÑA, *Imagen de Dios, Antropología teológica fundamental*, Presencia teológica, Sal Terrae, Santander, 1988, p. 156.

No Ocidente, o termo *prósopon* é incorporado no vocabulário teológico como *persona*. Tertuliano refere «*tres personae una substantia*». No Oriente, existia uma resistência ao vocábulo *prósopon*, pois em Deus havia três modalidades de um único ser. É com a distinção entre *ousia* e *hypóstasis* que se vai lentamente identificar *prósopon* e *hypóstasis*.<sup>82</sup> A *ousia* significa o que há em comum aos indivíduos de uma mesma espécie, a essência ou natureza. Por outro lado, a hipóstase supõe a individualização da *ousia*. Mais tarde, os Padres Gregos já admitem três pessoas em Deus e uma só *ousia* ou natureza. A discussão cristológica vai ajudar a aprofundar a distinção entre “Pessoa” e “natureza”.

Deus é de natureza divina e realizava-se em três sujeitos distintos, sem que se multiplique a natureza, que continua a ser única. Juan L. Ruiz de la Peña refere:

“o que constitui “os sujeitos divinos, o que faz com que Deus seja Pai, Filho e Espírito, não é a natureza, *esse in*, que é comum e único, mas a relação, *esse ad*. Deus não é só *logos*, ideia pura; mas *dia-logos*, capacidade infinita de abertura comunicativa. O ser de Deus realiza-se na medida em que se dá totalmente: o Filho procede da autodoação do Pai, como o Espírito procede da autodoação recíproca do Pai e do Filho”.<sup>83</sup>

A “Pessoa” é então relação sem domínio sobre o outro e sem perder a sua identidade. Sendo dentro do mistério trinitário a reflexão sobre a distinção entre “natureza” e “Pessoa”, a sua aplicação ao ser humano era algo evidente.

Ao abordar a problemática e o mistério da pessoa humana, não podemos deixar de abordar Santo Agostinho, que incorpora no cristianismo a filosofia platónica, em que a dualidade corpo-espírito era sublinhada. Porém, no seu pensamento, o homem é já um ser uno. “Por sua vez, a divisão ternária da alma, ratificada pelo modelo trinitário, procura antes promover o dinamismo do homem que estabelecer divisões insuperáveis”<sup>84</sup>. Com Santo Agostinho, estamos perante um novo homem psicológico, mas também ético, informado e unificado pela dinâmica do amor.

José Maria S. Rosa, na introdução à obra de Santo Agostinho, *De Trinitate* livros IX – XIII e VIII, refere que S. Agostinho já não procura conhecer a Trindade a partir das Escrituras ou da razão, mas sobretudo a partir do amor que é o eco da própria vida divina. Na verdade, “se vês o amor, vês a Trindade”<sup>85</sup> — só a *caritas* em ato tem o poder de desvendar e mostrar a Trindade. Esta fórmula evoca a vida trinitária com rara acuidade e sublinha que a mesma é acessível a todos nós. A vida trinitária exprime-se, com efeito,

---

<sup>82</sup> Cf. Joaquim Sousa TEIXEIRA, *Pessoa*, In *Logos, Enciclopédia Luso-Brasileira de filosofia, Volume 4*, Verbo, Lisboa, 1992, p. 99.

<sup>83</sup> Juan L. Ruiz de la PEÑA, *Imagen de Dios, Antropología teológica fundamental*, Presencia teológica, Sal Terrae, Santander, 1988, p. 156.

<sup>84</sup> J. Cerqueira GONÇALVES, *Santo Agostinho*, In *Logos, Enciclopédia Luso-Brasileira de filosofia, Volume 1*, Verbo, Lisboa, 1992, p. 94.

<sup>85</sup> José M. S. ROSA, *Introdução à obra de Santo Agostinho, De Trinitate / Trindade*, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2008, p. 29, [www.lusosofia.net](http://www.lusosofia.net), 15/06/2017, Estudo feito a partir da tradução da obra de Santo Agostinho, *De Trinitate Livros IX-XIII*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2007.

como uma comunhão de amor entre as três pessoas divinas. Esta comunhão inefável, que é o próprio Deus, já se encontrava presente na partilha da primeira comunidade de Jerusalém.

Para José Maria S. Rosa, é, pois, compreensível que, nesta inflexão metodológica crucial, Santo Agostinho introduza o que se tornará agora a mais importante mediação realizada pelo amor, *caritas*, entre a fé, *fides*, e a inteligência, *intellectus*. Só o amor pode outorgar o conhecimento que o pensar procura em vão: “A menos que o amemos agora, jamais o veremos (...) E que ninguém diga: não sei o que amar. Ame o irmão e ame o próprio amor”<sup>86</sup>. Fazendo o paralelo com a passagem de São João, “Quem não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor” (1 Jo 4, 7-8), Santo Agostinho conduz o seu pensamento a uma verdadeira *ontologia teologal*. “O amor fraterno com que nos amamos uns aos outros não só vem de Deus, mas também é Deus”<sup>87</sup>. Só o amor dá o verdadeiro conhecimento de Deus.

O verdadeiro amor humano é epifania de um acontecimento eterno, do mistério primordial da Trindade que, na mesma circulação amorosa, nos torna capazes de infinito, pois, n’Ele, por Ele e com Ele somos introduzidos na vida trinitária:<sup>88</sup> “Eu e o Pai viremos a ele e faremos d’ele nossa morada” (Jo 14, 23).

## 2. A “Pessoa” na 1 Jo 4, 7-21

O amor que nos vem de Deus e é revelado por Jesus, o Cristo, está presente na reflexão feita no Evangelho e na Primeira Carta de João. No tempo em que 1 Jo 4, 7-21 foi escrita, existia, na Igreja, a preocupação dos líderes das comunidades em manter a fidelidade ao Evangelho, perante aos desvios doutrinários e aos ataques das heresias. Para isso, o autor apresenta, aos crentes, os critérios da vida cristã autêntica, isto é, o caminho da verdadeira comunhão com Deus.

Na atualidade, estas palavras de São João também servem para os crentes que recebem solicitações de movimentos culturais com espiritualidades difusas, que aparecem, hoje, como novas seitas gnósticas. O autor da carta quer afirmar que aquele Jesus, de quem falam os Evangelhos, é o mesmo que vive na Igreja. A sua preocupação não é estar centrada apenas no aspeto histórico de uma pessoa cuja história pertence ao passado, mas no aspeto teológico de uma experiência constante da presença de Cristo na Igreja. A experiência de Cristo na fé está interligada com o Jesus histórico. Esta carta torna-se pertinente nos dias de hoje, pois estamos num debate sobre a questão do Jesus histórico e do Cristo da fé<sup>89</sup>. No entanto a Igreja anuncia Jesus o Cristo o “Emmanuel” o Deus conosco.

---

<sup>86</sup> *Ibidem*, p. 30.

<sup>87</sup> *Ibidem*.

<sup>88</sup> *Ibidem*, p. 31.

<sup>89</sup> Cf. AAVV, *Comentários à Bíblia Litúrgica*, Gráfica de Coimbra 2, Coimbra, 2007, p. 1782.

## 2.1. Exegese do Texto Bíblico 1 Jo 4, 7-21 – I Momento Hermenêutico

Antes de iniciar a exegese bíblica, seguindo os dois momentos, passo a citar o texto bíblico em estudo.

Como nota introdutória, podemos referir que toda a primeira carta de João, de onde é retirado o excerto que iremos estudar, é construída pelo cruzamento de dois temas: um tema ético e lógico (a condição para estar unido a Deus é caminhar na luz e amar os irmãos) e de um tema cristológico (a fé em Jesus Cristo) em que o Espírito de Deus é testemunha da Encarnação<sup>90</sup>.

1 Jo 4, 7-21

“Caríssimos, amemo-nos uns aos outros, porque o amor vem de Deus, e todo aquele que ama nasceu de Deus e chega ao conhecimento de Deus. Aquele que não ama não chegou a conhecer Deus, pois Deus é amor.

E o amor de Deus manifestou-se desta forma no meio de nós: Deus enviou ao mundo o seu filho Unigénito, para que, por Ele, tenhamos a vida. É nisto que está o amor: não fomos nós que amámos a Deus, mas foi Ele mesmo que nos amou e que enviou o seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados.

Caríssimos, se Deus nos amou assim, também nós devemos amar-nos uns aos outros.

A Deus nunca ninguém o viu; se nos amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós e o seu amor chegou à perfeição em nós. Damos conta de que permanecemos nele, e Ele em nós, por nos ter feito participar do seu Espírito.

Nós o contemplámos e damos testemunho de que o Pai enviou o seu Filho como Salvador do mundo.

Quem confessar que Jesus Cristo é o Filho de Deus, Deus permanece nele e ele em Deus. Nós conhecemos o amor que Deus nos tem, pois cremos nele. Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele.

É nisto que em nós o amor se mostra perfeito: em estarmos cheios de confiança no dia do juízo, pelo facto de sermos neste mundo como Ele foi.

No amor não há temor; pelo contrário, o perfeito amor lança fora o temor; de facto, o temor pressupõe castigo, e quem teme não é perfeito no amor.

Nós amamos, porque Ele nos amou primeiro. Se alguém disser: «Eu amo a Deus», mas tiver ódio ao seu irmão, esse é um mentiroso; pois aquele que não ama o seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a que não vê. E nós recebemos dele este mandamento: quem ama a Deus, ame também o seu irmão.”<sup>91</sup>

---

<sup>90</sup> Cf. Teodorico BALLARINI; Giacomo DANESI; Felice MONTAGNINI; Bruno RAM AZZOTTI; Tarcisio STRAMARE, *As Espistolas de João, Introdução à Bíblia*, Volume II, Editora Vozes, Petrópolis 1969, p. 395.

<sup>91</sup> *Bíblia Sagrada*, Difusora Bíblica, Lisboa / Fátima, 2012

O estudo do texto bíblico começa com o primeiro momento hermenêutico, em que a partir da crítica literária é abordado o contexto em que viveu o autor da carta. Depois, será feito o estudo mais profundo do texto, a que chamamos “sentido literal”, em que está incluída linguagem simbólica usada pelo autor.

### 2.1.1. O contexto no qual foi escrita a 1 Jo 4, 7-21

Quanto ao contexto, a primeira carta de João foi escrita na mesma linha do Evangelho de João. Ambos os escritos pressupõem a mesma escola, a mesma mentalidade e os mesmos problemas<sup>92</sup>. Ela é atribuída ao apóstolo João sem, no entanto, deixar de lado outras hipóteses: poderia também ser escrita por um discípulo do apóstolo João, por um membro da sua escola, ou por um porta-voz da comunidade, onde João viveu. A carta dirige-se a um grupo de Igrejas Joânicas da Ásia Menor<sup>93</sup>. Trata-se de comunidades que sofriam influência de doutrinas heréticas, incompatíveis com a revelação cristã. Eram difundidas por seitas gnósticas.

O termo “heresia” vem do grego *hairesis*, que significa “ênfase exagerada num aspeto”. Só mais tarde passou a ser considerado como “erro”. A heresia é uma doutrina errada, mas isso pode não estar tão claro no início, pois ela só enfatiza uma parte da verdade. Entrou no cristianismo quase sem se dar por isso. Depois, adquiriu contornos mais radicais, alterando princípios fundamentais que estão na base do cristianismo e tornando-se uma doutrina diferente. Por isso, João identifica os aspetos doutrinários a combater: relação com Cristo (1Jo 2, 22-23); relação com os irmãos (1Jo 3,10.17); relação com o mundo (1Jo 2, 15).

O termo “gnose” vem do grego *gnosis*, que significa “conhecimento”. Não se deve confundir gnosticismo com “gnosologia”, ou com “teoria do conhecimento”, em filosofia. O gnosticismo é uma espécie de filosofia religiosa que tenta fazer o sincretismo entre a fé cristã e a filosofia grega. Os gnósticos, influenciados pelo dualismo grego, acreditavam e ensinavam que o corpo, matéria impura essencialmente má, era uma prisão em que a parte racional ou espiritual do homem, essencialmente boa, estava encarcerada e da qual precisava de ser libertada pelo conhecimento de Deus (*gnosis*)<sup>94</sup>.

Na doutrina cristológica, os gnósticos, de tendência docetista liderados por Cerinto, negavam a encarnação de Jesus, ou seja, a sua natureza humana e ainda que o Filho de Deus tivesse morrido na cruz, afirmavam que Cristo era um ser celeste que se tinha unido momentaneamente a Jesus e que O tinha acompanhado desde o batismo até ao momento anterior à morte. Antes da paixão e morte abandonou-O, porque o Cristo não podia morrer. Portanto, para eles, a humanidade de Jesus é um facto irrelevante e o que interessa é a mensagem de Cristo celeste, que se serviu do homem Jesus. Essa posição resultou em

---

<sup>92</sup> AAVV, *Comentários à Bíblia Litúrgica*, Gráfica de Coimbra 2, Coimbra, 2007, p. 1779.

<sup>93</sup> CF. *Dehonianos Liturgia*, <http://www.dehonianos.org/porta/liturgia-calendario-geral>, 24/03/2017

<sup>94</sup> Cf. AAVV, *Comentários à Bíblia Litúrgica*, Gráfica de Coimbra 2, Coimbra, 2007, p. 1786.

duas atitudes diferentes em relação ao corpo: ascetismo ou libertinagem. Para os pregadores heréticos, era possível conhecer Deus, sem aceitar Jesus Cristo como o Filho de Deus encarnado e sem amar os irmãos. Na concepção gnóstica, era impossível que o mundo divino pudesse irromper do mundo humano.<sup>95</sup>

Podemos verificar que esta doutrina cristológica dos gnósticos está aliada a uma errada compreensão da “Pessoa” como um ser dual em que o corpo é desvalorizado e em que Jesus nunca poderia ter encarnado nem assumido a condição humana. O Jesus da fé e o Jesus histórico estão separados.

A compreensão do ser humano e da “Pessoa” pelos gnósticos é influenciada pela filosofia grega, que foi marcada pelo pensamento de Platão, segundo o qual o ser humano era composto por duas dimensões: o corpo e a alma. A filosofia de Platão, ao tentar demonstrar a imortalidade da alma, separa-a do corpo.

“Mais do que imortal, a alma é assim preexistente e separada daquela condição corporal e sensível, no que Platão retoma já as tradições pitagóricas do dualismo. A filosofia é conversão e essencialmente um aprender a morrer. A partir de então, o próprio dos filósofos é o deslace e a separação da alma em relação ao corpo, não tendo medo da morte, mas afrontando o trespasse dessa simplificação”<sup>96</sup>.

Este pensamento influenciou várias correntes filosóficas e várias culturas, tendo até chegado ao cristianismo. Ao analisar o contexto onde foi escrita a 1 Jo 4, 7-21, verificamos que o autor da carta teve de enfrentar as seitas gnósticas do seu tempo que incorporavam elementos da filosofia grega e que influenciavam negativamente os cristãos. A pessoa tinha a sua realização ao libertar-se do corpo como uma realidade negativa, passando para a dimensão espiritual, que se situava num patamar superior à dimensão corporal. Embora a teologia cristã tenha recebido influência do dualismo do pensamento grego, é importante referir que prevalece, sobretudo na Igreja católica, a perspetiva unitária da pessoa.

### **2.1.2. Linguagem simbólica presente na 1 Jo 4, 7-21**

Uma das finalidades da disciplina de EMRC é “educar para o simbólico, que permite ao ser humano expressar aquelas realidades últimas a que se sente chamado e que, de certo modo, intui fazerem parte da sua identidade e do seu processo de humanização. A linguagem simbólica é capaz de traduzir e de expressar a dimensão religiosa constitutiva do ser humano”<sup>97</sup>.

---

<sup>95</sup> Cf. *Ibidem*, p. 1792.

<sup>96</sup> Carlos SILVA, *Platão*, In *Logos, Enciclopédia Luso-Brasileira de filosofia*, Volume 4, Verbo, Lisboa, 1992, p. 207.

<sup>97</sup> Juan AMBROSIO, *Identidade e Finalidades da EMRC, Texto de apoio à disciplina de Didática Específica de EMRC*, Documento não publicado, Faculdade de Teologia, Lisboa, 2015, p. 43.

Na primeira carta de S. João, a linguagem simbólica é importante e surge sempre em relação ao seu oposto (antítese), para explicar e demarcar duas posições que existiam na Igreja: os que seguiam o ensino dos apóstolos e os que seguiam os falsos profetas e que eram influenciadas pelas doutrinas hereges. Para os gnósticos, viver com estes contrários era possível, mas, para o cristão, é incompatível viver com estas antíteses.<sup>98</sup> O termo “vida” e a expressão “Jesus é a vida” encontram-se já presentes no quarto Evangelho (Jo 1.4) e são muito usados por João, sendo a antítese de “morte” (1 Jo 3,14). Andam na morte os que não amam e vivem no pecado.

A “verdade” (1 Jo 4, 6) é a antítese de “mentira” (1 Jo 4, 20). Para João, estão na mentira aqueles que negam Cristo como Filho de Deus; que afirmam que Cristo é o Filho de Deus, mas que negam a sua encarnação e a sua morte; que dizem que têm uma fé correta a respeito de Cristo, mas que odeiam os irmãos ou que lhes negam auxílio nas suas necessidades; que amam o “mundo”, que andam segundo o “mundo” e que pecam habitualmente. Temos ainda a expressão “espírito da verdade”, antítese do “espírito do erro” (1 Jo 4, 6) e do “engano” (1Jo 1, 8).

O termo “verdadeiro” está associado a “mandamento novo” (1 Jo 2, 7); a “unção”, que designa o Espírito Santo (1 Jo 2, 27); a “Jesus”, que surge para afirmar a sua divindade (1 Jo 5.20); a “Deus”, que aparece para sublinhar que Jesus é o Cristo, o Deus encarnado (1 Jo 5, 20), contrapondo “falso ou mentiroso”, que é todo aquele que nega a divindade de Jesus (1Jo 2, 22).

“Cristo” manifestou-se para nos tirar do pecado. Ele é a antítese do “pecado”, do “anticristo” (1 Jo 2, 18-22)<sup>99</sup>. O “anticristo” representa aqueles que ensinam doutrinas contrárias à dos apóstolos. Para João, a comunhão com Deus e o amor aos irmãos permite que as pessoas reconheçam, através da “unção” de Deus, a falsa doutrina e o “espírito do anticristo”.

O “Amor” é a antítese do “ódio” e estavam presentes dentro da Igreja, onde João vivia, postulando-se “Amor” como substantivo, e o verbo “Amar” (1 Jo 4, 7-12,16-21). Na primeira epístola, o autor usa o verbo amar em diversas conjugações: “ama”, “ameis”, “amamos”, “amemo-nos”, “amado”, “amados”, “amou”, “amar-nos”, “amo”, “amar”, “ame”, “amemos”. Usa também as expressões tais como “Amor a Deus”, “amor ao irmão” (1 Jo 2, 10) e “quem ama o irmão está na luz”. A antítese do “amor” é o “ódio”. O “ódio do mundo” não se refere ao mundo criado, mas a tudo aquilo que nos leva à falta de amor (1Jo 3,13). Na expressão “amor ao mundo” (1Jo 2, 15), “mundo” não significa o cosmos (o mundo criado), mas um sistema de valores corrompidos, direcionados contra Deus. Temos ainda o “ódio ao irmão”, que é a recusa do amor fraterno (1Jo 2, 11). Quem odeia os irmãos é como um homicida. João refere o Antigo Testamento, quando diz que todos os que odeiam os irmãos são como “Caim”, que matou o seu irmão. Caim foi contra o projeto de Deus, que tem como finalidade o amor fraterno. O “ódio” contra o irmão é sinal de “morte”, de pecado e de rutura com Deus<sup>100</sup>. Para João, Jesus (Novo Testamento)

---

<sup>98</sup> Cf. AAVV, *Comentários à Bíblia Litúrgica*, Gráfica de Coimbra 2, Coimbra, 2007, p. 1784.

<sup>99</sup> Cf. *Ibidem*, p. 1790.

<sup>100</sup> Cf. *Ibidem*, p. 1797.

dá a vida pela humanidade para a salvar e, por isso, é a antítese de Caim. Só o “amor” ao irmão dá “vida.

A “Luz” simboliza tudo o que há de bom e de puro (Jo 3, 19-20). Deus é a “Luz” (1 Jo 5-7) e a comunhão com Ele exige que se caminhe na luz e que se vivam os mandamentos de Deus”: “amar a Deus e os irmãos”. Andar na “luz” é praticar a caridade, a “verdade” e é agir conforme a verdade de Deus revelada em Jesus. A antítese “trevas” simboliza o mal e o pecado.<sup>101</sup> Andam nas “trevas” todos os que dizem que estão com Deus, mas que odeiam os irmãos e não amam (1 Jo 1, 5-6). Só é realmente cristão aquele que sabe amar. Para os gnósticos, era possível ao ser humano viver em ambos os polos, na luz e nas trevas. Para João, são incompatíveis. A atitude gnóstica ainda é mais condenável nos cristãos que são influenciados pelas heresias e que andam nas trevas. Para João, é possível passar de um lado para o outro, das “trevas para a luz”, propondo a conversão, a passagem da “morte para a vida através do amor aos irmãos” (1 Jo 3, 14). O seu cuidado era para que não acontecesse o processo contrário com alguns irmãos que, influenciados pela heresia gnóstica, pudessem passar da verdade para a mentira.

### **2.1.3. Só o Amor santifica - 1 Jo 4, 7-21**

Os hereges gnósticos afirmavam que o essencial da fé residia na vida de comunhão com Deus e negligenciavam as realidades concretas do mundo criado por Deus. Achavam que se podia descobrir “a luz” e estar próximo de Deus, mesmo odiando o próximo (1 Jo 2,9). Separavam o conhecimento de Deus (a religião) e a prática cristã (a moral).<sup>102</sup> Para João, esta forma de pensar e de viver é inadmissível, pois o verdadeiro conhecimento de Deus é alcançado pelo mandamento novo do “amor” dado por Jesus. O amor de Cristo supera todo o conhecimento. A fé não se pode provar pela razão nem se atinge apenas pelo conhecimento de Deus, tal como concebiam os gnósticos. “Acreditar é somente amar, e nada pode e deve ser acreditado sem ser o amor (...) Acreditar é amar, amar absolutamente”<sup>103</sup>.

Na nota da edição pastoral da paulus da Bíblia Sagrada sobre a 1 Jo 4, 7-21, podemos ver como só o amor dá sentido, realiza a pessoa e leva ao verdadeiro conhecimento de Deus:

“O centro da vida é a prática do amor. Esse amor testemunha e concretiza visivelmente o conhecimento e a união com Deus, com o seu Filho e com o Espírito. Deus Pai torna-Se conhecido pelos homens no ato de dar, por amor, o seu Filho ao mundo (Jo 3, 16). O Filho é conhecido pela entrega de Si mesmo, no amor, até ao fim (Jo 13,1). O Espírito gera a memória do Pai e do Filho nos cristãos, isto é, a própria vida do amor. A fé na Trindade é a teoria de uma prática que se exprime no amor concreto aos irmãos, a quem Deus ama. A incoerência fundamental seria afirmar uma fé na Trindade que não corresponde à prática do amor. João

---

<sup>101</sup> Cf. *Ibidem*, p. 1784.

<sup>102</sup> Cf. *Ibidem*, p. 1801.

<sup>103</sup> Hans Urs Von BALTHASAR, *Solo El Amor Es Digno de Fé*, Edições Sigueme, Salamanca, 1971, p. 93.

deixa claro que o julgamento de Deus será feito sobre a prática do amor vivida ou não (cf. Mt 25, 31-46). Por isso, quem ama não teme o julgamento”.<sup>104</sup>

José M. S. Rosa, na sua introdução à obra de Santo Agostinho *De Trinitate*, que é uma reflexão sobre a Santíssima Trindade origem e fonte do amor, cita uma parte do *Livro VI, 10, 12*:

“Na Trindade excelsa, uma pessoa apenas é como as três, e duas não são mais que uma só, pois em si são infinitas. Assim, cada uma delas está em cada uma das outras, e todas em cada uma, e cada uma em todas, e todas em todas — e em todas a unidade”<sup>105</sup>.

A partir do mistério da Trindade o amor perdeu qualquer sentido captativo ou possessivo para se entender como pura e eterna doação. O sentido último do ser exprime-se na confissão trinitária como generosidade ontológica radical de um Deus sempre novo, aberto e fonte do amor. A Trindade é vida oblativa continuamente a brotar. Deus distingue-se ao amar-se a si mesmo. Santo Agostinho faz uma verdadeira descoberta trinitária e pneumatológica quando exprime, pela primeira vez, uma ideia então totalmente estranha à teologia grega, a saber, a Trindade Santa considerada como Amor. Esta beatitude do amor na Trindade, consolação do Paráclito, é o Espírito Santo. Em Santo Agostinho encontramos este esquema de amor: o que ama, o amado e o próprio amor. Só o amor revela verdadeiramente a Trindade.<sup>106</sup>

Na reflexão de Duarte da Cunha sobre a teologia do corpo do Papa João Paulo II, refere-se que se o amor é dom de si mesmo e acolhimento do outro e gera uma comunhão de vida é porque acontece redenção, ou seja, é porque a pessoa não está sozinha mas foi salva por Deus.

Existe uma íntima relação entre dois aspetos fundamentais no amor que estão presentes na 1 Jo 4, 7-21. O “amor dom de si” e “comunhão de pessoas” com os dois dogmas estruturais de toda a doutrina da Igreja: Jesus Cristo, que dá a vida pela salvação dos homens, e a Santíssima Trindade, que é comunhão de Pessoas. Embora sejamos criados à imagem e semelhança de Deus, Jesus Cristo mostrou ao longo da sua vida que Deus é amor e que é possível ser perfeito como Deus quando amamos. Ele revela-nos o significado do amor original e convida-nos a amar como Ele amou. Além disso, ele redime-nos para conseguirmos viver o amor segundo esse plano divino que existe desde o princípio<sup>107</sup>.

---

<sup>104</sup> Nota a 1 Jo 4, 7-21, *Bíblia Sagrada*, Edição Pastoral, Paulus, Lisboa, 1993.

<sup>105</sup> José M. S. ROSA, *Introdução à obra de Santo Agostinho, De Trinitate / Trindade*, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2008, p. 38, [www.lusosofia.net](http://www.lusosofia.net) 15/06/2017, Estudo feito a partir da tradução da obra de Santo Agostinho, *De Trinitate Livros IX-XIII*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2007.

<sup>106</sup> Cf. *Ibidem*, p. 29.

<sup>107</sup> Cf. Duarte da CUNHA, *Só o amor gera vida – Pessoa, família, sociedade*, Paulus, Lisboa, 2015, p. 155.

#### 2.1.4. O amor revelado na morte de Cristo - 1 Jo 4, 7-12

O autor da carta está convicto de que “Deus é amor” (1Jo 4, 8.16). O amor é a essência de Deus<sup>108</sup> e a característica mais marcante do ser de Deus é amar. A prova indelével de que Deus é amor é o facto de Ele ter enviado o seu único Filho ao encontro dos homens, para os libertar do egoísmo, do sofrimento e da morte (1Jo 4, 9).

A fé está em íntima relação com a vida e deve ser posta em prática através dos mandamentos, da prática da justiça, do amor fraterno e da ajuda aos pobres. Tal como faziam os gnósticos, os cristãos não podem separar a fé da vida concreta. Quem desprezar ou prescindir dos princípios éticos e morais, mostra que são falsas todas as pretensões de conhecer Deus e de viver em união com Ele<sup>109</sup>.

Os crentes são “filhos de Deus” e a filiação divina leva ao amor fraterno. Se Deus é amor, o amor deve ser uma realidade sempre presente na vida dos “filhos de Deus. Quem “conhece” Deus (quem vive numa relação próxima e íntima com Deus) tem de manifestar em gestos concretos o “amor de Deus” que o habita (1Jo 4, 8). Os que “nasceram de Deus” e são de Deus devem, pois, amar os irmãos com o mesmo amor incondicional, desinteressado e gratuito que caracteriza o ser de Deus (1Jo 4, 7). O amor aos irmãos não é secundário para o crente, mas é algo de essencial<sup>110</sup>. Ser “filho de Deus” e viver em comunhão com Deus exige que o amor transpareça nos gestos de todos os dias e nas relações que estabelecemos uns com os outros. “Se Deus nos amou, também nós devemos amar-nos uns aos outros” (1Jo 4, 11).

Foi por Deus ter amado primeiro a humanidade que a pessoa acredita que “Deus é amor” e que “aquele que permanece no amor permanece em Deus”. Viver no “amor” é escolher Deus, “permanecer” em Deus, viver em comunhão com Deus. Quando mantemos essa relação com Deus, o Espírito reside em nós e opera, por nosso intermédio, obras grandiosas em favor do homem que dão testemunho do amor de Deus<sup>111</sup>. Se os gnósticos realmente dizem conhecer Deus, deveriam conhecer a essência de Deus que é amor.

Deus amou-nos primeiro e o nosso amor será sempre, por isso, uma resposta, e se nós respondemos com amor a quem já nos ama, quer dizer que podemos estar unidos às Pessoas da Santíssima Trindade por uma autêntica comunhão de vida.

O texto bíblico apela constante e veementemente aos cristãos para que mantenham uma autenticidade entre aquilo que dizem e o que fazem e para que sejam verdadeiros no seu agir e no seu pensar, uma vez que o verdadeiro conhecimento de Deus só é possível quando se ama os outros. Para o autor da carta, quem não é autêntico é “mentiroso” (1 Jo 4, 20), devendo haver coerência entre a palavra e a ação.

---

<sup>108</sup> Karl Hermann SCHLKE, *Teologia do Novo Testamento, Volume 1*, Edições Loyola, S. Paulo 1977, p. 213.

<sup>109</sup> Cf. AAVV, *Comentários à Bíblia Litúrgica*, Gráfica de Coimbra 2, Coimbra, 2007, p. 1781.

<sup>110</sup> Cf. *Dehonianos Liturgia*, <http://www.dehonianos.org/portal/liturgia-calendario-geral> 22/01/2017.

<sup>111</sup> Cf. AAVV, *Comentários à Bíblia Litúrgica*, Gráfica de Coimbra 2, Coimbra, 2007, p. 1780.

Como resposta às heresias gnósticas sobre a natureza humana e divina de Jesus, o centro do ensinamento da carta é o dogma cristológico, ao expressar a confissão cristã da fé que afirma que “Jesus (histórico) é o Cristo, o Filho de Deus” e que foi realmente carne. Estabeleceu a identidade entre “Jesus e Cristo”. João sublinha tanto a divindade quanto a humanidade de Jesus, declarando que Deus entrou completamente na vida humana através d’Ele. Para João, estão na mentira e não conhecem verdadeiramente Deus todos aqueles que negarem que Cristo é o Filho de Deus; que afirmam que Cristo é o Filho de Deus, mas que negam a sua encarnação e morte; que dizem ter uma fé correta a respeito de Cristo, mas que depois odeiam os irmãos ou que lhes negam auxílio nas necessidades; que amam o “mundo” e que andam segundo o “mundo”, que vivem de modo agradável ao “mundo”, pecando habitualmente.

Segundo a Encíclica, *Deus Caritas Est*, 10, Deus ama os homens de tal modo que o seu amor também é *eros* (paixão) e, ao mesmo tempo, *ágape*, amor gratuito que perdoa. Esse amor manifesta-se de forma concreta, real, histórica, em Jesus Cristo – o Deus que desceu até nós e que vestiu a nossa humanidade.

Na última ceia, Jesus antecipa a sua morte e a sua ressurreição, entregando-se, naquela hora, aos seus discípulos no pão e no vinho. Jesus torna-se alimento, para os cristãos, como amor. “A eucaristia arrasta-nos para o ato oblato de Jesus”. A mística do sacramento, que se funda no abaixamento de Deus até nós, é maior do que a mística entre a elevação do homem até Deus<sup>112</sup>, que tanto procuravam os gnósticos. Na comunhão sacramental, o cristão fica unido aos outros comungantes. A comunhão leva o cristão a Jesus e à comunhão com os outros. O amor a Deus e o amor ao próximo estão, agora, verdadeiramente juntos: o Deus encarnado atrai-nos a si<sup>113</sup>.

Deus fez-se visível em Jesus. O encontro com as manifestações visíveis do amor de Deus suscita alegria, que nasce da experiência de ser amado. O reconhecimento de Deus vivo é um caminho para o amor, e o sim da nossa vontade à dele une intelecto, vontade, e sentimento num ato globalizante do amor. No amor, a vontade de Deus deixa de ser estranha para se tornar o mais íntimo de mim mesmo. Assim, torna-se possível amar o próximo como Jesus, “eu amo, em Deus e com Deus, a “Pessoa” que não me agrada ou que nem conheço”<sup>114</sup>.

O amor de Deus não é uma qualidade abstrata, mas manifesta-se de forma clara e concreta no envio de Jesus, o Filho Único (Unigénito), que se tornou um homem como nós, que partilhou a nossa humanidade, que nos ensinou a viver a vida de Deus e, levando ao extremo o seu amor pelos homens, morreu na cruz, concretizando o plano salvador do Pai<sup>115</sup>. A cruz manifesta a “qualidade” do amor de Deus pelos homens: amor gratuito, incondicional, de entrega total, de dom radical, que transforma os homens e os projeta para a vida nova da felicidade sem fim (1Jo 4, 10).

---

<sup>112</sup> Cf. Bento XVI, *Deus Caritas Est*, 13, Paulinas, Prior Velho, 2006.

<sup>113</sup> Cf. *Ibidem*, 14.

<sup>114</sup> Cf. *Ibidem*, 18.

<sup>115</sup> Cf. *Dehonianos Liturgia*, <http://www.dehonianos.org/porta/liturgia-calendario-geral>, 12/01/2017

Deus é pessoa e procura a relação pessoal com cada ser humano para a dignificar e para a santificar. Jesus Cristo, o Filho, cumprindo o plano do Pai, mostrou nos gestos concretos, visíveis, palpáveis, o amor de Deus pelos homens, sobretudo pelos mais pobres, pelos excluídos, pelos marginalizados. Lutou até à morte para libertar os homens da escravidão, da opressão, do egoísmo, do sofrimento (venceu o mundo). Aceitou morrer para nos indicar que o caminho da vida eterna e verdadeira é o caminho do dom da vida, da entrega a Deus e aos irmãos, do amor que se dá completamente sem guardar coisa alguma para si. Existe aqui a linguagem sacrificial do Antigo Testamento que representa a morte de Jesus como um sacrifício voluntário e revelador do seu amor.<sup>116</sup> Quem acredita nisto, “conhece” Deus e vive em comunhão com Ele. Quem não acredita pode querer “conhecer” a Deus, mas está muito longe d’Ele. Jesus é nosso advogado junto ao Pai (1Jo 2, 1), de tal modo que quem pecar, Jesus defende o seu caso (1Jo 4,10).

Para um gnóstico, a visão de Deus era um objetivo último da gnose e os hereges orgulhavam-se de ver Deus e não praticavam o mandamento do amor. No entanto, João diz que Deus ninguém O viu (1 Jo 4, 12) e só O conhecemos e amamos verdadeiramente através do amor gratuito aos irmãos, como fez Jesus.<sup>117</sup>

#### **2.1.5. A morte de Cristo testemunhada pelo Espírito – 1 Jo 4, 13-16**

Na primeira carta de João, o Espírito Santo quer a relação do crente com Cristo (1 Jo 4,13); que os apóstolos fossem testemunhas da realidade da encarnação (1 Jo 4, 2;5.6-8); guiar os crentes a uma completa realização da verdade sobre Jesus para se oporem com sucesso aos heréticos que negam essa verdade (1Jo 2, 20; 4.4).

Para São João:

“ter comunhão com Deus (1Jo 1, 6) não é ter a pretensão de estar na posse de um conhecimento superior de Deus que isente de toda a obediência aos ensinamentos transmitidos e também do pecado, como diziam o hereges gnósticos, mas corresponder às exigências do que significa caminhar na luz e na verdade. Um são exigências de ordem moral, outras de ordem doutrinal”<sup>118</sup>.

Deus permanece na “Pessoa” através da prática do amor fraterno; pela força do Espírito de Deus no interior de cada um; pelo encontro com Jesus Cristo. Os cristãos não devem seguir os mestres gnósticos, mas devem guardar a vida eterna que alcançaram pela fé na pregação dos Apóstolos, firmes no testemunho que o Espírito suscitou neles. Os apóstolos e todos os que viram em Jesus histórico o Cristo, viram n’Ele a glória de Deus e descobriram n’ Ele o Salvador do mundo. Os apóstolos receberam o Espírito de Deus, ao contrário dos falsos profetas que receberam o testemunho dos homens. Reconhecemos, portanto, o amor de Deus e nele acreditamos. Deus é amor, e aquele que permanece no

---

<sup>116</sup> Nota 1 Jo 4, *Bíblia Sagrada*, Difusora Bíblica, Lisboa 2008.

<sup>117</sup> Cf. AAVV, *Comentários à Bíblia Litúrgica*, Gráfica de Coimbra 2, Coimbra, 2007, p. 1802.

<sup>118</sup> Nota 1 Jo 1, 5-6, *Bíblia Sagrada*, Difusora Bíblica, Lisboa, 2008.

amor, permanece em Deus (1Jo 4, 9-12). É no amor aos outros que contemplamos Deus. Deus permanece em nós e seremos morada de Deus (1Jo 4, 11.12).

Os que deixaram de acreditar e aderiram a outras crenças (gnósticas) estão a renegar o testemunho que Deus, pelo Espírito, que é a Verdade, suscitou nos apóstolos. Deus deu-nos a vida eterna e esta vida está no Filho. A vida cristã tem o seu fundamento na fé, que nos leva a acreditar que Jesus é o Filho de Deus (a “Vida”) e que nos faz viver na caridade. Somos chamados a ver e a conhecer a Deus e, por isso, devemos cultivar a vida divina em nós, amando-nos uns aos outros, andando na “luz”. Pelo Espírito que vive em nós, reconhecemos, então, “que permanecemos nele e ele em nós” (1Jo 4,13). Deus deu-nos o seu Espírito, que é o fruto da perfeita caridade e que nos leva à sua maior manifestação: o amor ao próximo.

Jesus veio pelo poder do Espírito para que vivamos a partir do batismo. É o Espírito que disso dá testemunho em nós. Cristo Jesus, com a sua morte, fez com que o Espírito nos purificasse pela Água. Por isso, permanecemos no amor pela observância dos mandamentos. E nisto, reconhecemos que Deus permanece em nós pelo Espírito que nos deu” (3,24; 4,13). Para João, a fé vem pelo batismo, pelo Espírito de Deus que nos faz aderir a Jesus Cristo que se entrega por nós e que se torna presente na Eucaristia.

O autor da carta sublinha que o seu ensino é verdadeiro por ter contemplado e testemunhado que o Pai enviou o seu Filho como Salvador do mundo. Esse é o primeiro fruto que o Espírito produz nos crentes e que amadurece a partir da conversão, pela pregação dos apóstolos que o Espírito levou a reconhecer em Jesus, o Cristo Filho de Deus. Pelo Espírito, os Apóstolos puderam reconhecer o Filho na condição de Senhor e Deus e, pelas suas chagas, que era o Salvador do mundo (1 Jo 4, 14). Quando pelo Espírito, em união com os Apóstolos, reconhecemos em Jesus o Filho de Deus, Deus permanece em nós e nós em Deus (1 Jo 4, 15).

A fé, contudo, é o ponto de partida para chegarmos a permanecer em Deus, nascendo do impulso do Espírito. É o início da caridade que tem o seu desenvolvimento no amor ao irmão, através da purificação dos pecados e da observância dos mandamentos. É também pelo Espírito que “reconhecemos o amor de Deus por nós e nele acreditamos” (1Jo 4,16). Para João, não basta ser batizado para conhecer Deus, pois a fé não é um dado adquirido nem herdado. Ela deve ser fruto de uma adesão racional a Deus. A fé é o ponto de partida para a caridade: o amor fraterno.

#### **2.1.6. O Amor elimina o medo e dá confiança - 1 Jo 4, 16-18**

Nestes versículos, João argumenta mais energicamente que o amor em nós nos torna perfeitos e felizes. Para compreender o argumento, temos de partir da imagem tradicional do juízo final. O ser humano apresenta-se diante de Deus, que é absolutamente transcendente e santo, com o complexo da distância que d’Ele o separa, da sua pequenez, do seu pecado. Antes da sentença do juiz, já se sente condenado sem defesa possível

diante de Deus.<sup>119</sup> Mas, para João, esta visão do juízo final não corresponde à realidade. Por isso, João refere que “somos, neste mundo, como é Jesus” (1 Jo 4, 17), pois o amor torna-nos da mesma essência de Deus, ou seja, o amor com que Deus ama a pessoa e o amor com que cada pessoa ama os outros.

Para João, no juízo final, a pessoa não se apresenta diante do totalmente outro, terrível e transcendente, mas diante de Alguém com quem temos algo em comum: o amor. A confiança no juízo final é resultado da comunhão com Deus, filiação divina, permanência em Deus, amor fraterno. O sentimento de plena confiança é sinal da perfeita caridade que será a falta de temor com que enfrentaremos o julgamento, porque não há temor no amor. (1Jo 4, 18). O amor e o temor excluem-se mutuamente. A comunhão com Deus requer somente o amor.

### **2.1.7. O Amor de Deus impele à fraternidade – 1 Jo 4, 19-21**

Nos últimos versículos, João retoma o mandamento do amor e usa vários argumentos para explicar que o amor a Deus e ao próximo são inseparáveis. Usa vários tipos de argumentos: teológicos, sociológicos, bíblico, de analogia e critério de discernimento dos espíritos<sup>120</sup>. No argumento teológico, o amor cristão não é motivo de glória e de autossuficiência, mas uma resposta à iniciativa de Deus. Não foi o homem que conquistou Deus, mas foi Deus que conquistou o homem através do amor vivido e encarnado na história através de Jesus Cristo. Usa o argumento sociológico<sup>121</sup>. Quem não ama o próximo que vê, não pode amar a Deus que não vê (1Jo 4, 19-21). Este argumento chama à atenção aqueles que seguiam as doutrinas gnósticas, onde se preocupavam só com o conhecimento de Deus, abstraídos do ambiente onde viviam. Os gnósticos queriam penetrar na realidade do divino e deixar de parte tudo o que é humano, incluindo os princípios morais. Esta doutrina estava errada, pois Jesus uniu os dois mandamentos: o amor a Deus e ao próximo. Quem não cumpre o dever mais fácil (o amor ao próximo), com certeza não cumprirá o mais difícil (o amor a Deus)”. Este versículo de S. João deve, antes, ser interpretado no sentido de que o amor, gratuito e generoso, ao próximo é uma estrada para encontrar também Deus. Se, cada um, fechar os olhos diante do próximo, torna-se também cego diante de Deus”<sup>122</sup>.

João usa, ainda, o “argumento bíblico”<sup>123</sup>. A perfeição só é atingida com o cumprimento dos dois mandamentos, que Jesus Cristo uniu inseparavelmente: “quem ama a Deus, ame também os irmãos”. Usa, igualmente, o argumento de analogia. Quem ama o Pai deve amar os seus filhos. O pai e os filhos são inseparáveis. Como os cristãos são filhos de Deus, quem ama a Deus, o Pai deve também amar os seus filhos.

---

<sup>119</sup> Cf. AAVV, *Comentários à Bíblia Litúrgica*, Gráfica de Coimbra 2, Coimbra, 2007, p. 1803.

<sup>120</sup> Cf. *Ibidem* p. 1804.

<sup>121</sup> Cf. *Ibidem* p. 1803.

<sup>122</sup> Bento XVI, *Deus Caritas Est*, 16, Paulinas, Prior Velho, 2006.

<sup>123</sup> Cf. AAVV, *Comentários à Bíblia Litúrgica*, Gráfica de Coimbra 2, Coimbra, 2007, p. 1803.

Usa, do mesmo modo, o argumento do critério do discernimento dos espíritos<sup>124</sup>: Jesus é o Cristo, o Filho de Deus (negado pelos gnósticos). João, na sua carta, passa do campo da fé para o campo do amor. Quem tem fé em Cristo deve amar os irmãos, pois em Cristo somos filhos de Deus. “Quem não ama o próximo que vê, não pode amar a Deus que não vê”. Este argumento surge, agora, ao contrário: amamos os filhos de Deus porque amamos a Deus. Para o cristão, o amor fraterno não nasce somente do humanitarismo, mas no mandamento essencial de Cristo que só se cumpre amando realmente a Deus<sup>125</sup>.

## **2.2. Atualização do texto bíblico 1 Jo 4, 7-21 - II Momento Hermenêutico**

O II momento hermenêutico vai atualização da mensagem do texto bíblico através do método da crítica histórica.

Quem é Deus? Como é que Ele se relaciona com o ser humano? Ele preocupa-Se com a humanidade, ou vive alheado dos problemas dos homens e mulheres que criou? À pergunta “Quem é Deus?”, seguem-se as perguntas “Quem é o homem?” “Quem sou eu?” O autor da 1 Jo responde a todas estas questões com uma afirmação concludente e definitiva: “Deus é amor”. Na 1 Jo 4, 7-21, como em todo o Evangelho, o que está em causa é o ser humano na relação com Deus. Depois da revelação de Deus em Jesus, o ser humano torna-se manifestação de Deus. O processo de divinização torna-nos mais humanos. Jesus encarnou para dignificar a pessoa humana e dar um sentido à sua vida. O amor é o sentido último da vida do ser humano e, na relação com Deus, o “homem” ganha identidade ao ser mais do que aquilo que é.

### **2.2.1. O nascimento de novos movimentos de espiritualidade**

Numa sociedade em que tudo é relativo e descartável, o religioso deixou de orientar a vida das pessoas. No entanto, o religioso não desapareceu, mas encontra-se na sociedade de um modo diferente. Atualmente, dá-se uma “transferência de modos de proceder, de elementos de organização (o crer, a relação com um fundamento de credibilidade e sentido, de ordenação, de sistema ético e de criação de sentido, de produção simbólica, uma polarização emocional e afetiva intensa), do ambiente estrito das religiões para as outras formas de organização social do campo secular”<sup>126</sup>.

As pessoas continuam a procurar o sentido para a sua vida e as novas formas de viver o religioso não são apenas negatividade, mas também um sinal de que muitos seres humanos andam insatisfeitos com a forma como a sociedade vive. No entanto, o problema é que algumas pessoas procuram novas formas de religiosidade ou de espiritualidade para

---

<sup>124</sup> Cf. *Ibidem* p. 1803.

<sup>125</sup> Cf. AAVV, *Comentários à Bíblia Litúrgica*, Gráfica de Coimbra 2, Coimbra, 2007. p. 1805.

<sup>126</sup> Cf. Teresa MESSIAS, *Apontamentos das aulas de Espiritualidade e Culturas Juvenis*, 2017.

compensar a falta de afetividade e de sentido, procurando uma resposta egocêntrica da vida e uma religião à sua medida.

Ao estudar as novas formas do religioso fora das intuições, a professora, Teresa Messias refere que a procura do sagrado não terminou, mas está a sofrer alterações:

“a dinâmica da secularização não corresponde a uma perda de interesse por Deus, pela transcendência, pelo sagrado, mas a uma deslocação do quadro de referência onde se realiza a busca e vivência desse sagrado. Deslocação desde uma vivência, busca e prática da relação com Deus, com o sagrado, anteriormente feita em referência a formas instituídas, estruturadas, históricas e reguladas da religião para uma sacralidade contingente, em que a relação com o transcendente é buscada e encontrada no quotidiano, no secular e no profano, sem que isso signifique necessariamente uma rejeição ostensiva das formas institucionais e estruturadas das religiões tradicionais”.<sup>127</sup>

As novas formas de espiritualidade difusa que incorporam alguns elementos de religiosidade estão mais centradas no sujeito psicológico (do que no sujeito espiritual) e no modo como este dá significado às suas experiências e como seleciona de forma criteriosa elementos que lhe interessam das instituições religiosas tradicionais. Neste sentido, Teresa Messias afirma:

“O modo de crer surge como fruto de uma atividade combinatória ou recombinatória, onde se tem liberdade para construir um quadro de experiência crente, marcado por um estilo *sincrético* (bricolage ou justaposição de várias formas de religiosidade) relativizante, pragmático e experiencial onde ressalta a importância do elemento emotivo-afetivo, da comunicação interpessoal, da expressão corporal, da experiência estética e da comunicação simbólica”.<sup>128</sup>

Atualmente, torna-se importante perceber qual o sentido e as diferenças das noções de “espiritualidade” e de “religioso”. Teresa Messias faz referência a Hervier –Léger e à sua obra *O “Peregrino e o convertido”*, em que refere que o que legitima o crer em si não é o ato de crer mas a legitimação do ato de crer. Segundo a mesma autora, qualquer crença pode ser objeto de uma formulação religiosa, desde que encontre a sua legitimidade na invocação da autoridade de uma tradição. Neste sentido, não tendo a legitimação por parte de uma tradição, podemos concluir que, na sociedade, as formas “híbridas” do religioso secular, as novas formas de dar sentido à vida individual e comunitária, de organização social e de estruturação comunitária não são religião, mas partilham elementos presentes no fenómeno religioso<sup>129</sup>. As crenças contemporâneas não se definem, agora, através das religiões institucionalizadas, mas o sujeito entrega-se a uma alteridade onde espera algo em troca.

---

<sup>127</sup> Teresa MESSIAS, *Espiritualidade Cristã e Identidade Crente nas Culturas Juvenis*, In *Communio XXIX* (2012/1), p. 115.

<sup>128</sup> *Ibidem*, p. 116.

<sup>129</sup> Cf. Teresa MESSIAS, *Apontamentos das aulas de Espiritualidade e Culturas Juvenis*.

### 2.2.2. Diferença entre espiritual/espiritualidade e religião/religiosidade

Ao realizar a comparação entre espiritual (no sentido positivo) e espiritualidade (que é uma vertente mais negativa e difusa, fechada no “eu”), entre religioso (que é algo positivo e legitimado por numa tradição) e religiosidade (que é entendida como a religião à medida de cada um, com elementos de religiosidade difusa pertencentes a religiões tradicionais), poderemos ver em que ponto se enquadram os novos movimentos culturais filosóficos e religiosos que procuram dar sentido à vida das pessoas.

A espiritualidade difusa dos movimentos da *New Age* é mais individual e subjetiva (tendência não institucional) ao contrário da religião que é regulada por uma instituição (autoridade da tradição). A espiritualidade difusa é do âmbito da experiência pessoal (componente emocional-afetiva), pelo contrário na religião existe uma ligação a uma tradição e uma adesão crente a uma doutrina ou a um princípio. Na espiritualidade difusa, existe flexibilidade e fluidez nas escolhas, nos elementos e nas pertenças que levam à construção de identidade; na religião temos um sistema de comunicação simbólica, classificativo e estruturado.<sup>130</sup>

Depois de ver que a religião está mais ligada a uma autoridade que lhe é conferida dentro de uma tradição, a espiritualidade, dos novos movimentos culturais da *Nova Era*, apesar de terem alguns elementos de religiosidade, encontram-se no âmbito mais geral dos movimentos de espiritualidade difusa que englobam vários elementos da sociedade secular.

Para Duarte da Cunha, a *New Age*, que não é mais do que uma proposta gnóstica e sincretista da compreensão da vida e do mundo, que une uma série de elementos de várias religiões numa pretensa super-religião, retoma as propostas de que o conhecimento é libertador e o corpo material não participa na salvação. Se a alma e o corpo estão unidos, mas não participam da mesma luz, o corpo pode fazer o que quiser pois isso não afeta a alma. Segundo a *New Age*, o corpo, sendo a voz da natureza química e mecânica, não deve ser contrariado, para não criar peso na consciência nem qualquer sofrimento psicológico, porque é disso que o “homem espiritual” (da nova era), o neognóstico, se quer libertar<sup>131</sup>.

Para ajudar a perceber como está presente, na sociedade de hoje, o gnosticismo, iremos abordar, neste ponto, o documento “*Jesus Cristo, Portador da Água Viva*” elaborado pelo Conselho Pontifício da Cultura. O referido documento faz um estudo sobre a *Nova Era*, sublinhando o que de negativo esses novos movimentos culturais tem para as pessoas e que é difícil de conciliar com a espiritualidade cristã. Na sociedade ele está inserido em muitos setores e, de uma forma subtil e sem as pessoas repararem, vão influenciando a forma de viver, e de estar perante o outro e perante o sagrado. Segundo o documento, a definição de *Nova Era* é complexa e a sua relação com o religioso ainda mais.

---

<sup>130</sup> Cf. *Ibidem*

<sup>131</sup> Cf. Duarte da CUNHA, *Só o amor gera vida, Pessoa, família, sociedade*, Paulus, Lisboa, 2015, p. 45.

“A expressão «religião da *Nova Era*» é ainda mais controversa, sendo portanto, melhor evitá-la, embora a *Nova Era*, muitas vezes, responda a interrogações e necessidades de carácter religioso e o seu fascínio se exerça em pessoas que procuram descobrir e redescobrir uma dimensão espiritual da sua própria vida”<sup>132</sup>.

No entanto, os novos movimentos de espiritualidade ou de religiosidade são um desafio positivo para a Igreja se interrogar sobre si mesma e para refletir sobre o que atualmente propõe aos jovens e aos adultos. Normalmente, a falta de cultura religiosa, a chamada iliteracia religiosa leva a que as pessoas sejam mais vulneráveis a propostas de uma “espiritualidade” mais fácil baseada no bem-estar pessoal. O documento “*Jesus Cristo, Portador da Água Viva*”, alerta para o facto das propostas da *Nova Era* serem aliciantes para as pessoas que procuram sentido para as suas vidas.

“Ninguém pode subavaliar o fascínio da *Nova Era*. Quando o conhecimento da fé cristã é frágil, pode-se afirmar erradamente que a religião cristã não aspira a uma profunda espiritualidade (...) A *Nova Era* faz parte do cenário cultural dos nossos dias”. Os novos movimentos de espiritualidade ou filosofias de vida são um desafio positivo para a Igreja se interrogar sobre si mesma e refletir sobre o que atualmente propõe aos jovens e adultos”.<sup>133</sup>

Atualmente, no nosso contexto europeu e nas ditas sociedades ocidentais, os cristãos entram facilmente em contacto com este fenómeno da *Nova Era*, que é uma corrente cultural, multifacetada, difusa, sincretista e que promete um novo sentido para a vida fora das religiões institucionalizadas. As pessoas sentem que as religiões tradicionais já não lhes oferecem aquilo de que verdadeiramente precisam. A sociedade é instável e está em constante mudança, a globalização da cultura e os fluxos migratórios levaram a uma perda de referências culturais e as pessoas procuram algo a que se agarrar. No meio da confusão em que o mundo vive, as pessoas precisam de um novo cosmos.

Neste contexto social, as pessoas têm o desejo autêntico de espiritualidade mais profunda, de algo que lhes toque o coração e que dê sentido a um mundo confuso e, muitas vezes alienante. A *Nova Era* é uma variante do esoterismo ocidental, que remonta aos grupos gnósticos dos primeiros tempos do cristianismo que o apóstolo João combate na primeira carta. Estes movimentos culturais são novas formas de gnosticismo que, apesar de serem novas, incorporam elementos do antigo gnosticismo, do paganismo e das correntes filosóficas orientais.

A *Nova Era* atrai muitos cristãos (e muitos alunos) porque valoriza aspetos que, apesar de serem positivos, são vistos de uma forma errada pelo gnosticismo: a dimensão espiritual do homem integrada no conjunto da sua existência; a busca do sentido da vida; a ligação do ser humano e o resto da criação; o desejo de transformação pessoal e social; a recusa de uma visão racionalista e materialista da humanidade valorizando a afetividade. Os seguidores dos movimentos da *Nova Era* procuram viver um estilo de vida diferente: na alimentação, no exercício físico, na procura do bem-estar, procuram uma unificação interior de sentido para a vida.

---

<sup>132</sup> Conselho Pontifício da Cultura, *Jesus Cristo Portador da Água Viva*, Paulinas, Lisboa 2003, p. 17.

<sup>133</sup> *Ibidem*, p. 13.

Nas religiões tradicionais, as pessoas sagravam os lugares de culto. Agora, nos novos movimentos de espiritualidade difusa, o lugar onde se pode encontrar o sagrado é o corpo, que é o novo templo, não o templo a que se refere o Evangelho, mas a sobrevalorização do corpo. O interior da pessoa é onde se faz a passagem para o transcendente, onde se faz a união entre o afeto e a razão. A valorização dos afetos pela *New Age* é importante e nas sociedades ocidentais existe dificuldade em procurar o equilíbrio entre afeto e razão. É isto que falta nas sociedades industrializadas, tecnológicas, mas também dentro de instituições como a Igreja.

Tal como os gnósticos, criticados pelo autor da 1 Jo 4, 7-21, o gnosticismo atual, presente nos movimentos da *Nova Era*, também têm como meta a *gnosis*, a forma superior de conhecimento ou salvação. Não existe distinção entre o bem e o mal, “luz e trevas” podem ser compatíveis. “Não podemos condenar ninguém e ninguém precisa de perdão”<sup>134</sup>. Para o cristianismo, o bem e o mal são incompatíveis, na 1 Jo “luz e trevas” são incompatíveis.

Para o documento “*Jesus Cristo Portador da Água Viva*”, a recusa das instituições e da religião instituída leva a pessoa a procurar uma nova sociedade baseada no “eu” com tendência para a interiorização da religião, em que cada um faz a religião à sua medida. O outro deixa de ter importância, o que interessa é chegar à superação interior do “eu”. A gnose é a fusão com o cosmos no “eu” interior e individual. Esta forma de ver a “Pessoa” pela gnose, fechada no seu eu, entra em conflito com a noção de “Pessoa” existente na 1 Jo 4,7-21, aberta ao outro e ao transcendente. O sentido da vida e a realização plena da pessoa, para a falsa gnose criticada por João, está no conhecimento que é vedado a alguns e apenas para os iluminados. Para o autor da 1 Jo 4, 7-21 o sentido da vida é dado pelo amor gratuito a Deus e aos outros.

Como já foi referido, o culto do corpo e a procura de manter a imagem sempre jovial leva jovens e adultos a manterem uma determinada imagem e a querer imitar os modelos que a sociedade cria. Esses modelos levam a pessoa a querer mostrar uma imagem que não corresponde ao que realmente é. O consumismo acontece porque a moda leva o ser humano a querer seguir uma tendência ou um padrão social. Assim, muitas são as pessoas que levam uma vida de aparência, querendo mostrar aos outros aquilo que realmente não são. O ser humano que vive das aparências não é autêntico e a sua relação com os outros é baseada na mentira.

Podemos pôr em questão que tipo de pessoa está a ser construída e formada pela *Nova Era* com os novos e velhos movimentos onde o gnosticismo está presente. Será uma pessoa com dignidade ou alienada que se dissolve num grupo de pessoas com os mesmos interesses, num anonimato diferente e mais subtil? Será que a pessoa se sente realizada em todas as suas dimensões e existe uma coerência entre o bem-estar interno que cada um procura e o bem comum e o amor aos outros?

Perante as solicitações de uma espiritualidade fácil, que procura o bem-estar pessoal, podemos concluir que viver uma vida autêntica nem sempre é fácil e que a nossa relação com os outros não deve esconder aquilo que verdadeiramente somos por dentro. Na 1 Jo

---

<sup>134</sup> *Ibidem*, p. 24.

4, 7-21, há um apelo constante a sermos coerentes e autênticos: quem ama está bem consigo mesmo e com os outros. O ser humano deve ser coerente: se se amar a Deus deve amar-se os outros. O conhecimento de Deus é inseparável do amor aos outros.

O Deus da *Nova Era* não é um Deus pessoal nem transcendente, mas um Deus cósmico, uma energia cósmica e imanente ao mundo, que apenas proporciona ao homem experiências individuais. Não existe alteridade entre Deus e o mundo, pois são a mesma coisa. Pelo contrário, na 1 Jo 4, 7-21 a pessoa só se realiza na medida em que sair de si e se abrir ao amor de Deus que nos convida a amar os outros tal como Jesus.

Segundo o documento “*Jesus Cristo Portador da Água Viva*” a resposta da Igreja e dos cristãos perante estas correntes de espiritualidade difusa em que o gnosticismo está presente, só pode ser dada através do amor gratuito e generoso testemunhado e vivido pelo autor da 1 Jo 4,7-21. O conhecimento de Deus e a superação de cada pessoa só acontece através da prática da caridade e do amor fraterno que realmente dignifica a pessoa, que oferece a verdadeira felicidade e a liberdade. Se as pessoas estão descontentes com o mundo é porque estão carentes, sobretudo de amor, pois o que procuram nos grupos em que se inserem é afeto e acolhimento.

Tudo na Igreja e no mundo deve ser feito para dignificar a “Pessoa”. Jesus esteve atento a todas as dimensões do ser humano, e não apenas à parte mental, ou à espiritual. A fé do cristão deve ser encarnada na realidade humana do dia-a-dia. Não se pode separar a fé, a caridade e o conhecimento de Deus. Por isso, a Igreja e os cristãos podem ajudar a alertar contra a falsa religiosidade, mas deve, antes de mais, propor a “Pessoa” de Jesus, ouvir e escutar o que precisa, tal como refere o excerto do documento “*Jesus Cristo Portador da Água Viva*”.

“Se a Igreja não quiser ser acusada de estar surda aos desejos das pessoas, os seus membros devem fazer duas coisas: alicerçar-se ainda mais solidamente nos fundamentos da própria fé, e escutar o grito, tantas vezes silencioso, que se eleva no coração das pessoas e que, se não for escutado pela Igreja, as levará para outras paragens. Os fiéis devem ser exortados a unir-se mais intimamente a Jesus Cristo para estar prontos a segui-lo, porque Ele é o caminho autêntico para a felicidade, a verdade sobre Deus e a plenitude de vida para todos os homens e para todas as mulheres em condições de responder ao seu amor”.<sup>135</sup>

### **2.2.3. A Resposta aos novos movimentos de espiritualidade**

A 1 Jo 4, 7-21, escrita segundo o estilo literário de “carta”, é também uma carta aberta às pessoas de hoje, nomeadamente aos cristãos que são convidados a fazer a experiência religiosa de encontro com Jesus Cristo vivo e ressuscitado que fizeram os apóstolos.

Na atualidade, apesar de a sociedade estar marcada pela ausência de Deus, Deus continua presente e o cristão deve voltar a reconstruir a sua experiência religiosa. Segundo Juan Martín Velasco, o homem participa (do Ser) da primeira *verdade* que é *Deus*. O homem

---

<sup>135</sup> Cf. *Ibidem*, p. 14.

finito tende para o infinito. A “religião, antes de ser uma explicação do mundo, uma teoria sobre Deus, ou instituição social, surge como religação. Tal religação faz com que, antes de fazer experiência de Deus, o homem seja experiência de Deus”. A experiência religiosa começa no encontro com o amor de Deus que habita o interior do homem.

Segundo a professora Teresa Messias, o espiritual e o religioso não terminaram, apenas estão a sofrer mudanças. Deus continua presente no mundo de hoje, mas em outros locais, para além dos templos e santuários:

“não é Deus que desaparece da sociedade nem é o mistério profundo do homem e do mundo que se ausenta da experiência humana antes se altera e amplia o quadro de referência em que é feita a busca de sentido, a crença, a descoberta de Deus, a prática e experiência espiritual e/ou religiosa (...) que pode ser feita nas realidades mundanas e conhecimentos humanos, possível também na corporalidade e emotividade humana e não só ao nível da razão, de conteúdos do crer afirmados e do rito normativizado. Existe um ressurgimento da importância da espiritualidade ou de espiritualidades. Agora a espiritualidade está em toda a parte”<sup>136</sup>.

Juan Martín Velasco, na sua obra “*La experiencia cristiana de Dios*” faz uma reflexão sobre a expressão, “Deus está aqui, e eu não sabia”, e sublinha que apesar dos problemas do mundo das variadas solicitações que remetem Deus para segundo plano, existe a esperança de que Deus continua no nosso mundo, no nosso tempo, na nossa vida. O cristianismo, herdado dos antepassados e quase sem ser questionado, um cristianismo de rotina sem dar razões da sua fé, levou à crise atual das instituições, perante fenómenos adversos à religião. O ser humano precisa de se religar com Deus, de fazer uma nova experiência religiosa. Mas não através das formas difusas que encontramos na sociedade como a *Nova Era*. Segundo Juan Martín Velasco, a nova experiência religiosa deve ser semelhante à dos apóstolos, devendo procurar ter um encontro com o Jesus crucificado e ressuscitado.

A cultura global da falta de transcendência alterou a questão de outros tempos “Deus está aqui?” para a questão contemporânea de “Onde está o teu Deus?”. No entanto, com a quantidade de problemas no mundo, com a morte de inocentes e com as injustiças, a questão volta a mudar para “E aqui onde está Deus?” A secularização da cultura acaba, com frequência na secularização das consciências. “O homem acaba por se tornar surdo ao chamamento religioso, instalar-se na indiferença sem notícias de Deus”<sup>137</sup>. Segundo Martín Velasco, o ocultamento de Deus, já referido pelos profetas no Antigo Testamento, é resumido na 1Jo 4, 8 “Quem não ama, não conhece a Deus, porque Deus é amor”. Isto acontece nos países ricos que estão a impor aos outros condições desumanas de vida, dando mostras de que não amamos.

O amor de Deus faz presente o desejo que torna presente o amor humano, mas esse desejo requer uma conversão do ser humano para se dirigir a Deus e transcender-se até Ele e

---

<sup>136</sup> Teresa MESSIAS, *Espiritualidade Cristã e Identidade Crente nas Culturas Juvenis*, In *Communio* XXIX (2012/1), p. 117.

<sup>137</sup> Juan Martín VELASCO, *La experiencia cristiana de Dios*, Editorial Trota, Madrid 2001, p. 21.

descentrar-se n'Ele. A experiência religiosa do amor de Deus leva ao amor do próximo. A oração não se opõe à vida. A experiência religiosa cristã não se faz exclusivamente pelos sentimentos ou pelos atos religiosos separados da vida. A vida de Jesus resumiu-se em ser para os outros, através do serviço e do amor aos irmãos. Jesus Cristo, sacramento de Deus, prolonga-se no sacramento aos irmãos.<sup>138</sup>

Perante as propostas dos novos movimentos religiosos como promotores de sentido, o específico da espiritualidade cristã deve promover a “experiência humana e ao modo como esta se abre e amadurece numa relação de confiança, entrega e aceitação à pessoa de Jesus. Tal como na 1 Jo 4, 7-21 é o acontecimento ou mistério de Jesus Cristo e o agir do Espírito Santo, como Dom supremo, Amor que se comunica ao ser humano e nele atua, que confere o novo predicado de “espiritual cristão. É espiritual tudo o que vem do Espírito Santo.”<sup>139</sup>

A espiritualidade cristã deve proporcionar ao ser humano: tudo o que favorece a abertura à procura de sentido, a possibilidade da relação com o transcendente; a busca da relação com Cristo como presença de Deus encarnado que une o amor do ser humano a Deus e aos outros (1 Jo 4- 7-21); a experiência de comunhão com a Igreja enquadrada pela Sagrada Escritura; pelo contexto biográfico, sociocultural de cada pessoa e pela sua forma concreta de se relacionar com Jesus Cristo e com o mundo marcado pelo agir ético-moral<sup>140</sup>. Para o cristão, a fé e a vida não se podem separar, a relação com Deus só se compreende na relação com os outros. Ao contrário das seitas gnósticas e dos novos movimentos de espiritualidade difusa (que apresentam alguns elementos de religiosidade), o conhecimento de Deus não é algo subjetivo nem está desligado da ética e da dimensão moral.

Perante os desafios de novos movimentos de espiritualidade, os cristãos devem pôr a seguinte questão: o que anunciamos aos outros é Deus amor ou é um juiz castigador e implacável do juízo final? O autor da carta de João é o primeiro a contrariar esta ideia de um Deus castigador. No juízo final, “o amor é o critério para a decisão definitiva sobre o valor ou inutilidade da vida humana”<sup>141</sup>.

Para um cristão, não basta descobrir que Deus o ama se, depois, ficar apenas parado a contemplar esse amor. A certeza de que Deus é amor deve transformar o coração humano, inseri-lo na dinâmica de uma vida nova, convidando-o a rejeitar o egoísmo, a indiferença, o orgulho, a autossuficiência e a viver na comunhão com Deus e com os irmãos.

É na Igreja reunida que os cristãos reforçam a fé em Cristo, à semelhança dos apóstolos quando alcançaram uma fé plena n'Ele, a partir dos encontros com Jesus ressuscitado. Os cristãos, nos dias de hoje, estão convidados a ter uma experiência religiosa com Cristo ressuscitado mas contextualizada nos dias de hoje.

---

<sup>138</sup> *Ibidem*, p. 84.

<sup>139</sup> Teresa MESSIAS, *Espiritualidade Cristã e Identidade Crente nas Culturas Juvenis*, In *Communio XXIX* (2012/1), p. 120.

<sup>140</sup> *Ibidem*.

<sup>141</sup> Bento XVI, *Deus Caritas Est*, 15, Paulinas, Prior Velho, 2006.

#### 2.2.4. Só o Amor fraterno liberta e dignifica a “Pessoa”

Para o cristão e para o mundo em geral, o “amor não é, nem pode ser tratado apenas como coisa intimista e privada mas tem uma força social. A Doutrina Social da Igreja tem a preocupação de mostrar como a caridade social é mais eficaz do que simples justiça social. Na caridade, a justiça está presente, mas é ultrapassada<sup>142</sup>.

“A História da humanidade é uma história de libertação (mesmo apesar de existir sofrimento e injustiça) que acompanhou, desde sempre, a luta pelos direitos e pela dignidade humana. O ser humano percorreu um longo caminho na busca da liberdade e da sua dignidade”<sup>143</sup>.

Apesar de revoluções e pessoas que lutaram pela liberdade, Ruiz de la Peña refere que “o mundo contempla hoje a emergência de novas formas de alienação e de novas ideologias da negação da liberdade”. Segundo o mesmo autor, existem três modelos antropológicos que determinam a liberdade do homem: primeiro, o condutismo e a engenharia social, em que o ambiente é um fator determinante da conduta. Juan L Ruiz de la Peña cita Skinner que nega que exista a liberdade, pois a conduta humana está determinada por vários fatores: genéticos; a cibernética, a engenharia informática e inteligência artificial. A liberdade é um autoengano e o ser humano não se pode considerar responsável pelas suas ações<sup>144</sup>.

Ruiz de la Peña cita, ainda, Gopegui na sua reflexão sobre a liberdade: “se por liberdade se entende a possibilidade de eleição espontânea e não condicionada, quando o homem decide, não possui liberdade, pois está condicionado por causas antecedentes”. O ato volitivo pode ser explicado segundo um esquema cibernético que se pode reproduzir nas máquinas, o qual desvela o carácter ilusório da ideia de liberdade. O ser humano, ao achar que se sente livre pelo direito natural, torna a liberdade o ópio do povo.

Estas teorias são aplicadas no âmbito sociopolítico e trazem consequências antropológicas. Sem a ideia de liberdade responsável, desaparece a ideia de sujeito e “Pessoa”. O homem deixa de viver uma vida com sentido, uma vez que não tem um projeto existencial<sup>145</sup>. Não existe lugar para a subjetividade, para a relação “eu”-“tu” e para a alteridade. Como consequências éticas, Juan L. Ruiz de la Peña refere que fica aberto caminho à lei do mais forte. A nível político e social, como o homem não é responsável, o melhor regime são a autocracia e a oligarquia iluminadas.

Se a pessoa é um sujeito responsável, se a responsabilidade pressupõe a liberdade, então os dois conceitos estão interligados: o ser responsável é livre, e vice-versa. Segundo Juan L. Ruiz de la Peña, a liberdade é um fator fundacional do ser humano, o homem não é

---

<sup>142</sup> Cf. Duarte da CUNHA, *Só o amor gera vida – Pessoa, família, sociedade*, Paulus, Lisboa, 2015, p. 23.

<sup>143</sup> Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Estou Contigo, Manual de EMRC do sexto ano*, Fundação SNEC, Lisboa, 2015, p. 30.

<sup>144</sup> Cf. Juan L. Ruiz de la PEÑA, *Imagem de Deus, Antropologia teológica fundamental*, Presencia teológica, Sal Terrae, Santander, 1988, p. 194.

<sup>145</sup> Cf. *Ibidem*, p. 199.

algo pré-fabricado, não é um objeto, mas um sujeito cujo ser é proposto como tarefa. A liberdade não é a capacidade de eleição de um ou outro objeto, mas de determinado modelo de existência, cuja realização se subordina à eleição de objetos. O ser livre é aquele cuja sorte depende de si mesmo e está obrigado a responder por ela. A liberdade, assim entendida, implica responsabilidade. A liberdade que consiste em fazer o que se quer não é verdadeira liberdade, pois só consiste na capacidade de eleição dos objetos. O homem é mais livre quando faz opções que o levam a ser melhor.

Segundo Juan L Ruiz de la Peña, para o cristianismo a liberdade é uma resposta ao chamamento de Jesus à conversão. Diz Mc 1, 15: “Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo: arrependei-vos e acreditai no Evangelho”; a fé consiste neste chamamento e resposta marcada pela relação dialógica entre dois seres pessoais. A partir de Jesus, Deus e o homem estão frente a frente e o mundo é compreendido pelo diálogo de duas liberdades, a divina e a humana. Para o cristão, a liberdade nasce da percepção de uma palavra que convoca para uma nova forma de viver, oferecendo a liberal gratuidade do perdão e de uma vida nova, que suscita no cristão a capacidade de autodecisão. Para o cristão, acreditar e fazer a experiência da liberdade são uma e a mesma coisa. A liberdade cristã compreende três elementos: primeiro, a “religação”, onde existe uma dependência que, longe de ser alienante, é libertadora.

A dependência de Deus não é uma relação de senhor e escravo, mas de pai e filho (Rm 8, 15-21), de amigo a amigo (Jo 15, 15) numa experiência amorosa que liberta; segundo, a “filiação adotiva”, onde São Paulo opõe “escavidão a filiação, e não a liberdade”. Juan L. Ruiz de la Peña refere, ainda, a parábola do filho pródigo (Lc 15, 11-24), que não encontra liberdade ao sair da casa do pai, mas ao regressar. A liberdade pressupõe uma alteridade entendida como fraternidade, em que existe a ideia de paternidade comum ao “eu” e ao “tu”, que os torna irmãos; terceira, o serviço aos irmãos a partir do amor”. Para São Paulo, a liberdade não é fazer o que apetece: “irmãos, de facto, foi para a liberdade que vós fostes chamados. Só não deveis deixar que essa liberdade se torne numa ocasião para os vossos apetites carnis. Pelo contrário: pelo amor, fazei-vos servos uns dos outros” (Gl 5, 13-15).

A liberdade é muitas vezes condicionada pelo contexto onde se vive: geográfico, cultural, histórico, genético e socioeconómico. A situação fundamental da pessoa é o seu ser frente a Deus. A liberdade será, em primeiro lugar, a de ter uma postura perante Deus, que pode ser de aceitar Deus ou não. Deus não contraria a liberdade do homem de O aceitar ou não. Só pelo amor Deus convence o homem, e mostra a sua onipotência divina, ao criar um ser capaz de dizer “não” ao seu criador<sup>146</sup>. A liberdade autêntica leva o homem a fazer compromissos e a ser-lhes fiel. “A liberdade é um conceito englobante”. Não existe liberdade plena sem as outras liberdades. A liberdade de cada homem depende da liberdade dos outros. Como consequência, não existe plenamente liberdade enquanto existirem a escravatura ou a pobreza.

---

<sup>146</sup> Cf. *Ibidem*, p. 192.

A Igreja, através da *GS, 17*, refere que “a verdadeira liberdade é sinal eminente da imagem divina no homem”. Só ao amor fraterno liberta verdadeiramente a pessoa e a faz sair ao encontro da liberdade dos outros. A liberdade só pode ser possível se cada pessoa for respeitada na sua dignidade.

Só o amor fraterno pode restituir a liberdade e a dignidade aos outros. A conquista da liberdade ao longo da história da humanidade esteve sempre ligada à consciência social que a pessoa é um ser absoluto e é portadora de direitos inspirados no amor fonte de todos os princípios.

Na atualidade, apesar de vivermos numa cultura egocêntrica em que a experiência individual leva ao abandono das instituições tradicionais, a Igreja ainda pode oferecer uma mensagem libertadora e de esperança? Como é que os cristãos se devem posicionar perante a falta de confiança das pessoas na Igreja como instituição? No amor ao próximo, podemos encontrar, de novo, a nossa adesão e pertença à Igreja.

Fora do âmbito das Igrejas, muitos são os jovens e adultos que aderem a movimentos e a grupos com preocupações ambientais, sociais e espirituais. As pessoas valorizam portanto o voluntariado e participam de um modo gratuito nas campanhas de solidariedade, nomeadamente em redes sociais. Muitas pessoas vivem um espírito altruísta e humanitarista. No entanto, em muitas situações, são gestos desprovidos de amor e de contacto pessoal com quem se ajuda (apesar da boa intenção de quem participa numa campanha para uma instituição).

A Encíclica *Deus Caritas Est*, sublinha que o cristão, ao sentir-se amado por Deus, deve sentir-se irmão. A fé é uma experiência pessoal e coletiva com pessoas concretas. A prática do amor é mais eficaz quando é vivida em grupo. Pois a Igreja deve ser uma comunidade de amor. No centro do amor está a pessoa humana e a sua felicidade é também a felicidade de Deus. A Igreja, como sinal do amor de Deus, deve procurar ir ao encontro do sofrimento humano, devendo levar o cristão a não realizar apenas gestos de filantropia e de humanitarismo. Desde sempre, a Igreja sentiu como sua missão o serviço da caridade. Para a Igreja, a caridade não é uma atividade de assistência social que se poderia deixar a outros, mas faz parte da sua essência. Segundo a primeira carta de João, os verdadeiros filhos de Deus vivem a caridade fraterna à semelhança da caridade de Cristo.

O problema da falta de dignidade humana, segundo a Encíclica *Deus Caritas Est*, é uma questão de justiça e faz parte do âmbito da política. No entanto, a justiça é de natureza ética, sendo um problema que diz respeito à razão prática e que deve ser purificada do poder que a pode corromper. Por isso, cruza-se com a fé, que serve de força purificadora da razão. É aqui que entra a doutrina social da Igreja, que não pretende poder, mas antes purificar a razão e contribuir para aquilo que é justo, servindo a formação das consciências de todos, inclusivé a dos políticos que abusam e que se aproveitam do poder para

benefícios pessoais. A Igreja não pode ocupar o papel do Estado, mas é seu dever empenhar-se a favor da justiça<sup>147</sup>.

A Igreja Católica tem tido, ao longo da História, um papel importante na defesa dos direitos humanos. Faz parte da sua missão defender e dignificar todas as pessoas, nomeadamente os mais necessitados e ter uma atitude profética de denúncia perante as situações que vão contra os direitos da pessoa. Os vários documentos da Igreja revelam esta preocupação pela formação integral da pessoa, tendo a família um lugar de destaque: “Pertence aos pais ir dispondo os filhos, desde a infância, para conhecerem o amor de Deus por todos os homens, e ir-lhes inculcando, pouco a pouco, sobretudo com o exemplo, a preocupação pelas necessidades materiais e espirituais do próximo”<sup>148</sup>.

No mundo, a Igreja assume um papel importante na promoção da dignidade humana ao defender que a pessoa tem direito ao bem-estar, onde “o bem comum (...) se torne hoje cada vez mais universal e, por esse motivo, implique direitos e deveres que dizem respeito a todo o género humano”<sup>149</sup>.

A Igreja defende, também, o acesso à educação como fator importante de humanização: “todos os homens, (...), visto gozarem da dignidade de pessoa, têm direito inalienável a uma educação correspondente ao próprio fim... A verdadeira educação, porém, pretende a formação da pessoa humana em ordem ao seu fim último”<sup>150</sup>.

São muitas as instituições da Igreja que tentam dar resposta aos problemas sociais, e também os voluntários que, por amor gratuito e generoso, dedicam a sua vida e o seu tempo para dignificar a vida dos outros.

“Numa sociedade em que está cada vez mais a ganhar força a cultura de morte deve ser contraposta com o amor que não procura o próprio interesse, antes, precisamente na disponibilidade para «se perder a si mesmo» pelo outro (cf Lc 17, 33) se revela como cultura de vida”<sup>151</sup>.

O papa Bento XVI chama a atenção para que, para além de existirem instituições que ajudam a promover e a dar dignidade às pessoas, o cristão não pode deixar de assumir a sua responsabilidade social, que leva a amar o outro, nomeadamente, os mais carentes. Este amor não é só satisfazer as necessidades materiais das pessoas, mas tendo o afeto e o carinho de que elas precisam para se sentirem dignas e amadas:

“Para além do aspeto exterior do outro, dou-me conta da sua expectativa interior de um gesto de amor, de atenção, que eu não lhe faço chegar somente através das organizações que disso se ocupam, aceitando-o talvez por necessidade política. Eu “vejo com os olhos de Cristo” e

---

<sup>147</sup> Cf. Bento XVI, *Deus Caritas Est*, 28, Paulinas, Prior Velho, 2006.

<sup>148</sup> *Concílio Ecuménico Vaticano II, Documentos Conciliares e Pontifícios*, Decreto conciliar, *Apostolicam Actuositatem*, 30, Editorial Apostolado da Oração, Braga, 1983.

<sup>149</sup> *Idem*, Constituição pastoral, *Gaudium et Spes*, 26, Editorial Apostolado da Oração, Braga, 1983.

<sup>150</sup> *Idem*, Decreto conciliar, *Gravissimum Educationis I*, Editorial Apostolado da Oração, Braga, 1983.

<sup>151</sup> Bento XVI, *Deus Caritas Est*, 30, Paulinas, Prior Velho, 2006.

posso dar ao outro muito mais do que as coisas externamente necessárias: posso dar-lhes o olhar de amor de que precisam”<sup>152</sup>.

Como já foi referido várias vezes, o homem só se encontra com Deus e chega ao seu conhecimento através do amor aos outros. Tal como se diz em 1Jo 4,20-21: “Se alguém disser que ama a Deus, mas tiver ódio ao seu irmão, esse é um mentiroso, pois aquele que não ama ao seu irmão que vê, não pode amar a Deus, a quem não vê. E nós recebemos dele este mandamento; quem ama a Deus, ame também o seu irmão”. Este trecho de São João recorda que quem não respeita a imagem de Deus, também não respeita Deus. O diálogo com o “Tu” divino realiza-se no diálogo com o “tu” humano. Ver o outro como uma pessoa é admirá-lo na sua originalidade e captar na sua interpelação a presença de Deus. O outro, ao ser imagem de Deus, não é um simples objeto, mas uma pessoa.

O que significa “nascer de Deus” ou ser “filho de Deus”? É apenas ter sido batizado e ter passado, por um ato institucional para pertencer à Igreja?

“Nascer de Deus” é receber a vida de Deus e deixar que ela se transforme em gestos. Não somos “filhos de Deus” porque um dia fomos batizados, mas porque, um dia, optámos por Deus, porque vivemos em comunhão com Ele, porque damos testemunho de Deus-amor através dos nossos gestos. Não basta ser batizado para conhecer Deus. A fé não é um dado adquirido nem herdado. Ela deve ser fruto de uma adesão consciente a Jesus Cristo.

Se somos “filhos” desse Deus que é amor, “amemo-nos uns aos outros” com um amor semelhante ao de Deus – amor incondicional, gratuito, desinteressado. O amor é uma dádiva de Deus. Por isso, ele deve ser gratuito e generoso. Deste modo, o ser humano “ama, em Deus e com Deus, a pessoa que gosta ou que nem conhece sequer”. O gesto de amor vê o outro para além das suas aparências exteriores. Quando olhamos os outros, só por fora, e os ajudamos, estamos apenas na dimensão filantrópica ou humanitarista, tal como fazem muitas organizações civis.

Aqui se vê a interação entre o amor a Deus e ao próximo, tal como refere a 1Jo. Se, na vida, falta o contacto com Deus, só é possível ver no outro sempre e apenas o outro e não reconhecer nele a imagem divina. Os seres humanos necessitam sempre mais do que de tratamentos tecnicamente corretos. Precisam de atenção no coração. Quem quer desfazer-se do amor, prepara-se para se desfazer do homem enquanto homem. O amor – *caritas* – será sempre necessário, até na sociedade mais justa. Sempre haverá sofrimento a precisar de consolação e ajuda<sup>153</sup>.

---

<sup>152</sup> Cf. *Ibidem*, 18.

<sup>153</sup> Cf. *Ibidem*, 31.

### 3. A categoria de “Pessoa” e as suas dimensões à luz da 1 Jo 4, 7-21

#### 3.1. A “Pessoa” como uma unidade de Corpo e Espírito.

Como vimos até agora, é possível dizer algo da pessoa, mas ela será sempre mais do que se possa dizer dela, porque é e permanece um mistério a desvendar. Além disso, cada pessoa realiza a sua personalidade de modo único, irrepitível, formando uma unidade inseparável de corpo e espírito.

Para o pensamento cristão atual, a realidade corporal e espiritual são inseparáveis: o ser humano é unidade de corpo-espírito. Na linguagem bíblica, a 1 Jo 4, 7-21 refere que Jesus é uma unidade de corpo e espírito. O Jesus histórico encarnado é o Cristo da fé, o Filho de Deus. Em Cristo, dá-se a unidade entre a divindade e a humanidade.

A 1 Jo 4, 7-21 apela constantemente ao amor ao próximo e à relação com os outros que é inseparável da relação com Deus. O amor dá coerência interna à pessoa como ser único e uno.

Só o amor pode unir a pessoa em todas as suas dimensões, quando amamos fazemo-lo com o corpo e com o espírito. Esta relação entre o amor e a visão cristã do corpo e do espírito é feita de um modo sublime na Encíclica *Deus Caritas Est*, em que depois de abordar o amor *eros* (mundano e ligado ao corpo) e o amor *ágape* (fundado na fé e ligado ao espírito) poder-se-á pensar que o *eros* é o amor ascendente, ambicioso, mundano, possessivo, não cristão e *ágape* o amor cristão descendente e oblato. No entanto, veremos que ambos se complementam:

“Na realidade *eros* e *ágape* - amor ascendente e amor descendente – nunca se separam completamente um do outro. Quanto mais os dois encontrarem a justa unidade, embora em distintas dimensões, uma única realidade do amor, tanto mais se realiza a verdadeira natureza do amor em geral (...) Não se pode dar sempre, tem que também receber”<sup>154</sup>.

Desde a antiguidade que, nesta reflexão sobre o amor entre as pessoas e sobre o amor das pessoas para com Deus, podemos encontrar no mundo pré-cristão o amor “eros”. Na Grécia, como noutras culturas, via-se no “eros” amizade. O *eros* era celebrado como força divina e como comunhão com o divino. Para os cristãos a *ágape* é o amor oblato.

O Antigo Testamento não rejeitou o *eros*, mas tentou humanizá-lo e dignificá-lo, o que pode facilmente ser comprovado no livro do Cântico dos Cânticos. Na *Deus Caritas Est* chama-se a atenção para o facto do perigo de se olhar somente para o *eros* como amor possessivo ligado ao corpo e no qual não existe elevação até ao divino, mas apenas degradação do ser humano. Assim, podemos ver que o *eros* precisa de ser “disciplinado e purificado para dar ao ser humano, não o prazer de um instante, mas uma certa amostra de vértice da existência, daquela beatitude para a qual tende o nosso ser”<sup>155</sup>.

---

<sup>154</sup> *Ibidem*, 7.

<sup>155</sup> *Ibidem*, 4.

Bento XVI combate, assim, a ideia, transmitida por Frederico Nietzsche, de que o cristianismo teria dado de beber veneno ao *eros*, ou seja, para o filósofo alemão os cristãos desvalorizavam o corpo.

Assim, na reflexão feita pela Encíclica *Deus Caritas Est* sobre o amor, podemos concluir que entre o amor e o Divino existe uma relação e um caminho de conversão que a pessoa precisa de percorrer com todas as suas dimensões:

“o amor promete infinito, eternidade - uma realidade maior e diferente da existência do dia-a-dia. Ao mesmo tempo, esse caminho para a eternidade não consiste em deixar-se subjugar pelo prazer efemero. São necessárias purificações, amadurecimentos, renúncias que não são a rejeição do *eros*, mas a cura em ordem à sua verdadeira grandeza”<sup>156</sup>.

Esta reflexão sobre o *eros* está relacionada com a visão da “Pessoa” como ser único e inseparável, em que corpo e alma formam uma unidade.

“O ser humano torna-se realmente ele mesmo quando corpo e alma se encontram em íntima unidade; o desafio do *eros* pode considerar-se verdadeiramente superado, quando consegue esta unificação. Se o homem aspira a ser somente espírito e quer rejeitar a carne como uma herança apenas animalesca, então espírito e corpo perdem a sua dignidade. E se ele, por outro lado, renega o espírito e, conseqüentemente, considera a matéria, o corpo, como realidade exclusiva, perde igualmente a sua grandeza”<sup>157</sup>.

Neste sentido, o ser humano só se realiza como pessoa se for uma unidade de corpo e espírito. Ninguém é só corpo ou só espírito. A “Pessoa” quando ama, fá-lo com o corpo e com o espírito. A “Pessoa” é uma unidade e não a soma de duas ou mais substâncias ou dimensões. A visão cristã da pessoa não é dualista, mas sim a afirmação de uma unidade. Duarte da Cunha, na sua obra *Só o amor gera vida*, afirma que a “Pessoa” é um ser único e a sua alma e o seu corpo não podem ser pensados um sem o outro. O corpo humano, não é só um organismo vivo, mas é um ser consciente de si, com interioridade, com capacidade de conhecer, com liberdade para decidir e com a capacidade de se relacionar com aquilo que o transcende.

Pelo contrário, para algumas correntes da cultura grega e para as seitas gnósticas, o amor é apenas *eros* ascendente, pois Deus não assumiu a natureza humana. Para o cristianismo, o amor descendente (*ágape*) e ascendente (*eros*) nunca se separam, pois o ser humano precisa de dar e de receber. O *eros* deve procurar ter em conta a felicidade do outro, doar-se ao outro e existir para ele. Neste sentido, na Encíclica, *Deus Caritas Est*, o ser humano é considerado um ser “uni-dual”, em que espírito e matéria se completam.

O amor dá unidade à “Pessoa”, é o centro das suas dimensões e manifesta-se na capacidade de o ser humano se relacionar com Deus e com os outros. O amor leva a romper com o egoísmo e a viver uma vida autêntica e verdadeira. O amor leva ao compromisso de dignificar os outros. O amor pertence à natureza da “Pessoa” e tem a sua

---

<sup>156</sup> *Ibidem*, 5.

<sup>157</sup> *Ibidem*.

máxima expressão na comunhão de vida. Não é simplesmente sentimento, nem é um simples altruísmo. Implica o dom de si e o acolhimento do outro. Tem a sua perfeição na comunhão ou amizade entendida como uma reciprocidade de amor.

Duarte da Cunha, na sua reflexão sobre a “Pessoa”, refere:

“O amor humano é algo que impregna a pessoa toda e tem de ser compreendido como tal. Amar a outra pessoa implica reconhecê-la como pessoa e afirmá-la como destino do ato de vontade pelo qual alguém quer o bem do amado. O amor abarca todas as dimensões da pessoa e consiste na capacidade de se dar a outra pessoa e de acolhe-la de tal maneira que entre elas nasça uma unidade de vida”<sup>158</sup>.

O amor verdadeiro vê o outro como uma pessoa e implica a inteligência e a vontade de amar. A razão e a liberdade fazem parte do amor, pois o amor não pode ser forçado nem irracional. O amor humano é uma escolha e uma decisão que requer o bem do outro na sua totalidade.

### **3.2. A dimensão corporal da “Pessoa”**

Se o ser humano não fosse corpo, não se podia revelar aos outros, não comunicava e não tinha qualquer tipo de relação humana. É com o corpo que dizemos o que pensamos, que manifestamos os nossos sentimentos e que expressamos o afeto. Se não fôssemos corpo éramos como os bivalves fechados numa concha, sem comunicarmos. O nosso corpo exprime o nosso interior, é com ele que nos alimentamos, que sofremos com a doença ou que nos expressamos a nossa tristeza e alegria. “Existe uma tensão entre biologia e relação, não existe biologia sem relação e vice-versa. O homem mede e conhece o mundo através do corpo”<sup>159</sup>.

O homem, no seu corpo, é feito à imagem e semelhança de Deus. Os cristãos acreditam num Deus que se fez carne, como diz Jo 1, 14: “E o verbo fez-se homem e veio habitar connosco”. As doutrinas gnósticas do tempo da 1 Jo, assim como as seitas gnósticas que foram surgindo ao longo da História até à atualidade, não só afetavam a verdadeira fé, mas a forma como a “Pessoa” era e é entendida. Não é vista como um ser uno, mas um ser dual em que o corpo (matéria) é posto em segundo plano valorizando o espírito (alma). O autor da 1 Jo 4, 7-21 entra em confronto com esta visão e conceção da vida e da “Pessoa Humana”.

O corpo também é um lugar teológico. Podemos confirmá-lo na Bíblia, no Magistério da Igreja, nos documentos da tradição cristã, na arte e na fé. O corpo é um acto onde Deus

---

<sup>158</sup> Cf. Duarte da CUNHA, *Só o amor gera vida, Pessoa, família, sociedade*, Paulus, Lisboa, 2015, p. 148.

<sup>159</sup> António Manuel MARTINS, *Apontamentos das aulas de questões de antropologia teológica*, 2015.

vem ao encontro do homem e o homem vai ao encontro de Deus. O corpo serve, ainda, de mediação do ser humano para o encontro com Deus e com os outros.

Os cristãos não podem separar o corpo do espírito. A carne é o eixo da salvação: a carne de Cristo e a nossa. Ao nascer, Jesus deu-nos a conhecer o Pai através do seu corpo. “A Deus jamais alguém o viu. O Filho Unigénito, que é Deus e está no seio do Pai, foi Ele quem o deu a conhecer” (Jo 1, 18).

Na sua própria morte, Jesus expirou e entregou o seu Espírito ao Pai. “Dando um forte grito, Jesus exclamou: Pai, nas tuas mãos entrego o meu Espírito. Dito isto, expirou” (Lc 23, 46). “Na carne de Cristo, está a presença de Deus. No corpo de Cristo, Deus e o homem coincidem, é o caminho para chegar a Deus”<sup>160</sup>.

Duarte da Cunha, na sua obra “*Só o amor gera vida*”, faz uma reflexão sobre a teologia do corpo, do Papa João Paulo II, que diz que a fé na ressurreição do corpo teve um papel decisivo na formação da antropologia teológica. A antropologia teológica poderia ser teologia da ressurreição. Só à luz da ressurreição do corpo, se pode compreender completamente o que é o ser humano teologicamente e para que está destinado como corpo-pessoa.

No Concílio Vaticano II, a reflexão sobre a “Pessoa” é feita sobre o ser humano inteiro, “corpo e alma, coração e consciência, inteligência e vontade” (GS, n.3). Tenta responder à pergunta “Que é o homem?” (GS, n.10). Apesar de tanto progresso, as questões sobre a identidade do homem continuam por responder. O homem surge como “mistério a esclarecer e não como um mero problema a resolver” (GS, n.10,2). O Concílio tem como ponto de partida a definição bíblica do homem como imagem de Deus, e como ponto de chegada o “mistério do Verbo encarnado” (GS, 22). Segundo Juan L. Ruiz de la Peña, o Concílio trata esta questão antropológica do ponto de vista bíblico-teológico, filosófico, psicológico e sociológico.

A Encíclica *Deus Caritas Est* refere que nem sempre a Igreja deu o lugar devido ao corpo. No entanto, “o modo de exaltar o corpo a que assistimos hoje, é enganador. O *eros* degradado a puro “sexo” torna-se mercadoria, uma simples coisa que se pode comprar e vender; mais, o próprio ser humano torna-se mercadoria”. As correntes atuais da *Nova Era* procuram o bem-estar e o prazer corporal que não dignificam a pessoa e que usam o corpo e a sexualidade como simples matéria. A sexualidade é uma dimensão do ser humano que engloba todas as outras e que não se resume à parte biológica da pessoa.

“Na verdade, encontramos-nos diante duma degradação do próprio corpo, que deixa de estar integrado no conjunto da liberdade da nossa existência, deixa de ser expressão viva da totalidade do nosso ser, acabando como que relegado para o campo do puramente biológico”<sup>161</sup>

---

<sup>160</sup> *Ibidem*.

<sup>161</sup> Bento XVI, *Deus Caritas Est*, 5, Paulinas, Prior Velho, 2006.

### 3.3. A dimensão social e relacional da “Pessoa”

O ser humano realiza-se como pessoa em sociedade, começando por aprender a viver e a conviver com as pessoas com quem vive, na família, depois na escola e nos grupos sociais e culturais em que se insere. No contexto social em que vive, são-lhe transmitidas as primeiras regras e os princípios que vão influenciar os seus comportamentos, as suas atitudes e as suas decisões. Entre todos os grupos de pertença, a família deve assumir o papel principal no desenvolvimento da pessoa. É na família que a pessoa se sente amada (no entanto em alguns casos não) e aprende a amar, onde recebe um nome que lhe confere uma identidade própria<sup>162</sup>.

Juan L. Ruiz de la Peña, na sua obra “*Imagem de Dios*”, refere que a “pessoa humana é um ser relacional, aberto ao diálogo com um “tu”. Também a relação com o “tu” divino se realiza na mediação do “tu” humano como imagem de Deus. A comunidade “interpessoal é um elemento constitutivo da pessoa”.

Nos relatos da criação existentes na Bíblia, podemos ver a importância do carácter social do ser humano. Adão aparece como um ser incompleto sem a relação com o “tu” de Eva. Ambos são «uma só carne», formando a família, célula da sociedade. Ao longo do Antigo Testamento, Israel aparece como um povo que faz alianças com Deus. Deus elegeu um povo e não uma pessoa individual (Dt 26, 5-10). Os patriarcas, os profetas e os reis representam um povo.

No Novo Testamento, a comunidade é também mediadora da salvação<sup>163</sup>. O ser social do homem é um novo aspeto da imagem de Deus que, no mistério trinitário, também é social e relacional. Não se dá a salvação isoladamente, mas sim na comunidade. “A Bíblia vê como fundamento da sociabilidade humana a relação com Deus”. O pecado é a rutura dessa relação com Deus e com os outros: Adão põe as culpas em Eva (Gn 3, 12) e Caim, perante a pergunta de Deus “Onde está o teu irmão?”, disse que não sabia onde estava o seu irmão (Gn 4, 9); mostra que o homem só é responsável por si mesmo, quando for responsável pelos outros. O pecado funciona como fator de desintegração social e a graça restaura a relação com o próximo e com Deus.

O Concílio Vaticano II, na Constituição Pastoral *Gaudium Et Spes* 12, 4, refere que: “foi vontade de Deus santificar e salvar os homens não isoladamente, mas constituindo-o como povo (...) O homem é, pela sua natureza, um ser social, e não pode viver sem se relacionar com os outros”. Como vimos com Santo Agostinho, o ser social humano tem origem na imagem de Deus Trino. O mistério da “Pessoa” está orientado para o mistério do Verbo encarnado. A comunidade é mediadora da salvação do homem.

---

<sup>162</sup> Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Estou contigo, Manual do sexto ano*, Fundação SNEC, Lisboa, 2015, p. 17.

<sup>163</sup> Cf. Juan L. Ruiz de la PEÑA, *Imagem de Dios, Antropología teológica fundamental*, Presencia teológica, Sal Terrae, Santander, 1988, p. 207.

### 3.4. Dimensão espiritual da “Pessoa”

O ser humano é, por natureza, aberto, acolhedor e recetivo. A sua dimensão espiritual de abertura a Deus e aos outros faz com que o homem tenha uma inclinação natural para acolher o próximo. Este acolhimento torna-se real, quando a “Pessoa” dá condições para que os outros se realizem plenamente. Essa realização depende da proteção do direito de liberdade de consciência, à livre manifestação de opinião e à liberdade religiosa. Também devem ser respeitadas e aceites as diferenças culturais, religiosas, sociais e físicas.

Para esclarecer o que significa a dimensão espiritual e a dimensão religiosa, vamos procurar aprofundar ainda mais a definição de “espiritualidade” e de “religiosidade” já referida anteriormente. Procuraremos encontrar uma definição que ajude a saber do que estamos a falar, quando referimos a dimensão espiritual.

Segundo Teresa Messias, a espiritualidade é um termo ambíguo, plurissemântico. Por isso, a definição de espiritualidade não é consensual, mas podemos definir que, de um modo geral, é: “uma certa visão do espírito humano e do que o assistirá para alcançar o seu pleno potencial”. É tudo aquilo que faz o indivíduo crescer e realizar-se como pessoa.

A EMRC aborda a espiritualidade no sentido especificamente cristão e sem ser cristão. Espiritualidade em sentido cristão é a relação interpessoal entre o crente e com Deus Trindade, mediada por Jesus Cristo, e que implica a “Pessoa Humana” em todos os seus níveis e dimensões, operando uma transformação do seu ser e visando a comunhão definitiva. Espiritualidade, fora do campo do cristianismo, é a qualidade ou capacidade de abertura antropológica à alteridade e à transcendência. A experiência humana de realização pessoal que se fundamenta na capacidade de abertura ao outro e ao fundamento último (absoluto) da realidade, seja ou não entendido como transcendente. A realização plena da “Pessoa”, num processo de transcendência e de busca da sua identidade mais profunda.

Segundo a professora Teresa Messias, a espiritualidade é:

“um termo usado de modo abrangente para designar, sobretudo, uma dimensão pessoal de abertura radical e global, implicando as várias dimensões da pessoa, a uma realidade outra, pressentida, experimentada ou conhecida como fundamento e sentido para a vida, difícil de definir”<sup>164</sup>.

A espiritualidade pode estar fora do âmbito do religioso. No entanto, a dimensão religiosa está integrada na dimensão espiritual e, apesar de todas as dimensões da pessoa serem importantes, iremos dar destaque à dimensão religiosa. “A história da ideia de religião revela traços culturais próprios de cada universo linguístico donde emergiu e donde se

---

<sup>164</sup> Teresa MESSIAS, *Espiritualidade Cristã e Identidade Crente nas Culturas Juvenis*, In *Communio*, XXIX (2012/1), p. 120.

desenvolveu. Pelo que, qualquer tentativa de descrição ou definição geral é impossível fora das formas concretas em que historicamente se manifestou e evoluiu”<sup>165</sup>.

Para a professora Teresa Messias, a religião é o conjunto de representações, de ritos, sentidos e regras, individuais e comunitárias, que traduzem uma relação vital com uma realidade mais fundante (alteridade, Deus, sagrado, o sentido último do universo, lei universal) que todas elas fundamenta, ordena e que se constitui um sistema de sentido. A religião, estando inserida na cultura das sociedades, quais serão, então, as semelhanças entre o elemento religioso ou caráter religioso da religião e dos fenômenos sociais? A resposta tem duas correntes: a primeira, onde o fenômeno religioso é específico da religião e que consiste nas relações com o Sagrado entendido como realidade meta-empírica que relaciona o aquém com o além-morte num quadro institucional e estruturado. Aqui estão inseridas as religiões institucionalizadas e tradicionais como o cristianismo; a segunda, a linha analógica, que, embora atenta ao fenômeno específico da religião (possibilidade de comunicação com o transcendente), procura ver as analogias entre as diferentes atividades humanas no domínio da construção simbólica da realidade. A segunda corrente permite ver que existe uma deslocação do estudo da religião do âmbito das crenças específicas e institucionalizadas para o aplicar ao contexto social mais vasto. Existe, na “atualidade, a fragmentação ou pulverização do religioso ou das estruturas de sentido da religião e há uma deslocação ou infiltração do religioso nas atividades seculares”<sup>166</sup>.

Atualmente, as novas crenças saem fora do âmbito das religiões e têm alguns elementos presentes no “fenômeno religioso”, não se podendo considerar religiões, mas novas formas de espiritualidade ou filosofias de vida, o que acontece nas comunidades gnósticas, no tempo da 1 Jo 4, 7-21 e também na atualidade. O autor da carta apela, frequentemente, aos leitores para acreditarem não nas correntes de espiritualidade difusa, mas para realizarem a experiência do encontro com Jesus ressuscitado, tal como ele atesta que fez e é testemunha.

A visão cristã da pessoa transmitida na 1 Jo 4, 7-21 refere que a realização da pessoa acontece quando as dimensões do ser humano estão em constante interligação: a afetividade, a fé, a razão e a vivência da sexualidade fazem parte de um todo que não se pode desintegrar.

Dentro da dimensão espiritual, temos a dimensão intelectual, que era muito valorizada pelos gnósticos que acreditavam e ensinavam que a salvação da alma era obtida por intermédio do conhecimento e não pela fé. Esse conhecimento era esotérico e dependia do conhecimento de alguns mistérios, só revelados aos que participavam nos seus rituais de iniciação e nos mistérios do sistema gnóstico. O objetivo da gnose era a salvação pelo conhecimento de Deus, a iluminação. Os iniciados eram os “pneumatikoi”, pessoas

---

<sup>165</sup> M. Costa FREITAS, “Religião”, In *Logos- Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia, Volume IV*, Verbo, Lisboa, 1992, p. 675.

<sup>166</sup> Cf. Teresa MESSIAS, *Apontamentos da disciplina de Espiritualidade e Culturas Juvenis*, 2017.

verdadeiramente “espirituais”, que desprezavam os não iniciados, como os “psychikoi”, condenados a uma vida animal na terra.

Para combater as heresias gnósticas, João usou a mesma palavra “conhecimento”. Tanto no Evangelho como na primeira Epístola, ele mostra que o importante é conhecer a “verdade” que é o próprio “Cristo” e o “amor” que é o próprio “Deus”. O “conhecimento, para a 1 Jo, deve comportar uma experiência de vida, deve ser conhecimento vivo, que se efetua na comunhão vital entre conhecedor e conhecido”<sup>167</sup>. Na primeira carta de São João, “amar” e “conhecer” tornam-se equivalentes a “crer”. A fé não é um mero assentimento intelectual, mas é um ato vital e existencial. A fé é inseparável da caridade, é agir como filho de Deus, não se pode separar o crer do amar.<sup>168</sup> A fé que faz confessar Cristo é amar concretamente o outro e promover a sua dignidade. A fé como dom antecede o conhecimento intelectual.

Contudo, as seitas gnósticas estavam cientes de “conhecer Deus” e de viver em comunhão com Ele, mas recusavam-se a ver em Jesus o Messias, o Filho de Deus (1 Jo 4,15) que o Pai enviou ao mundo e que encarnou no meio dos homens (1 Jo 4,2). Estas seitas defendiam a pureza de todo o pecado para quem estava no processo de *gnose*. Vangloriavam-se de conhecer Deus, de estarem acima do pecado (1 Jo 1, 8.10) e ao mesmo tempo de amarem a Deus e de viverem em união com Ele<sup>169</sup>. Ao mesmo tempo, desprezavam a moral, os princípios éticos e não queriam saber dos mandamentos (1 Jo 2, 4), nomeadamente o do amor fraterno (1 Jo 2, 9). Como consequência, a filosofia gnóstica produziu, por um lado, uma oligarquia espiritual e, por outro, uma grande imoralidade. Para as correntes gnósticas, não existia pecado, pois a vida moral era desligada da vida espiritual que consistia no caminho feito pelo conhecimento esotérico de Deus. A relação de amor com os outros ficava fora do conhecimento de Deus. Na atualidade, as correntes filosóficas e espiritualistas da *New Age* não consideram o pecado como algo que seja real e com que se devam preocupar, mas o que de facto existe é um desalinho, uma falta de bem-estar pessoal. O “eu” está acima do “nós” e da preocupação pelo outro.

As principais questões dos gnósticos eram, portanto, de ordem cristológica e ética. S. João chama-lhes “anticristos” (1 Jo 2,18.22; 4,3) e “profetas da mentira” (1 Jo 4,1)<sup>170</sup>. Nesse contexto, o autor da 1 Jo 4, 7-21 apresenta uma síntese da doutrina cristã, detendo-se especialmente a esclarecer as questões mais polémicas. Uma dessas questões, e de grande importância para João, é a do amor ao próximo. Os gnósticos achavam que se podia descobrir a “luz” e estar próximo de Deus, mesmo odiando o próximo (cf. 1 Jo 2,9). São João apresenta Deus como “luz” (cf. 1 Jo 1,5-2,27) que ilumina os caminhos dos homens; propõe aos crentes que vivam em comunhão com Deus (cf. 1 Jo 2,28-4,6); mostra como

---

<sup>167</sup> Teodorico BALLARINI; Giacomo DANESI; Felice MONTAGNINI; Bruno RAMAZZOTTI; Tarcisio STRAMARE, *As Epístolas de João, Introdução à Bíblia*, Volume II, Editora Vozes, Petrópolis 1969, p. 410.

<sup>168</sup> Cf. *Ibidem*, p. 407.

<sup>169</sup> Cf. AAVV, *Comentários à Bíblia Litúrgica*, Gráfica de Coimbra 2, Coimbra, 2007, p. 1780.

<sup>170</sup> Werner Georg KUMEL, *Introdução Ao Novo Testamento*, Edições Paulinas, São Paulo 1982, p. 578.

se vive essa comunhão com Deus (cf. Jo 4,7) e apresenta, nesse sentido, os dois grandes pilares da vida cristã: a fé e o amor<sup>171</sup>.

Nas advertências contra as heresias, o autor sublinha os temas do “amor”, da “luz”, do “conhecimento” e da “vida”. Esses elementos repetem-se por toda a carta, sendo o “amor” a nota dominante. Possuir “amor” é a evidência clara de que uma pessoa é cristã, e a falta de amor indica que a pessoa está nas “trevas”, que não está em Deus.

A 1 Jo 4, 7-21 é um apelo à autenticidade da pessoa, referindo que a fé em Deus é inseparável da prática do amor ao próximo. A fé e o conhecimento de Deus, tal como defendiam as seitas gnósticas antigas e defendem as atuais, não é atingida apenas através da razão, do conhecimento e completamente desligada da dimensão moral. A fé está em íntima relação com a vida e faz parte, através dos mandamentos, da prática da justiça, do amor fraterno e da ajuda aos pobres. Assim sendo, ao contrário do que faziam os gnósticos, os cristãos não podem separar a doutrina da moral. Quem desprezar ou prescindir dos princípios éticos e morais, mostra que são falsas todas as pretensões de conhecer Deus e de viver em união com Ele<sup>172</sup>.

O autor da 1 Jo 4, 7-21 não desliga o verdadeiro conhecimento de Deus da relação com os outros, da prática do amor fraterno e das obrigações morais da pessoa. Por outro lado, a fé não pode ser apenas racional, mas deve estar ligada à dimensão emocional: emoções, sentimentos e afetividade. No gnosticismo antigo e no novo gnosticismo os sentimentos e as paixões, são entendidos como sinais do que se deve fazer para que o corpo não aborreça o caminho espiritual e, porque desligado do “eu” verdadeiro que é apenas espiritual, estão fora de qualquer juízo moral. Distingue-se, assim, do que é da alma e do que é do corpo.

Aparentemente, dá-se muita importância ao corpo e ao sexo, mas, na realidade, o que aconteceu é que este deixou de ser uma dimensão da “Pessoa” espiritual, que é chamada a estar ao nível da vontade de Deus, para passar a ser algo que não tem importância e que, por isso, não afeta a vida. Deste modo, a relação sexual não é uma coisa que comprometa a pessoa, pois é uma coisa do corpo e pode estar desligada do amor. O corpo é, assim, tratado como algo externo, não fazendo parte da expressão da pessoa e o sexo é apenas um instrumento para satisfazer e ter paz (ou não), não se podendo falar do ato sexual como ato da pessoa toda ou da relação entre sexo e amor<sup>173</sup>.

A sexualidade não é apenas acto sexual, mas engloba toda a “Pessoa” e faz parte da dimensão espiritual, enquanto capacidade de se dar a outra “Pessoa” para a levar à felicidade completa numa comunhão de vida. O amor integra todas as dimensões da “Pessoa”. Pelo que, quando amamos estamos a amar a totalidade da pessoa, sendo que quem se dá aos outros, se dá na totalidade. A capacidade de amar é o aspeto central da vida espiritual, é a marca da presença de Deus em cada um. Quem ama está aberto aos

---

<sup>171</sup> Cf. *Dehonianos Liturgia*, <http://www.dehonianos.org/portal/liturgia-calendario-geral>.

<sup>172</sup> AAVV, *Comentários à Bíblia Litúrgica*, Gráfica de Coimbra 2, Coimbra, 2007, p. 1781.

<sup>173</sup> Cf. Duarte da CUNHA, *Só o amor gera vida, Pessoa, sociedade, família*, Paulus, Lisboa, 2015, p. 46.

outros, e, eventualmente, também a Deus. Tal como diz São Paulo, quando nos relacionamos com Deus, entramos no mais íntimo de nós mesmos, pois Deus habita o homem: “Já não sou eu que vivo, mas é Deus que vive em mim” (Gl 2, 20).

A inteligência humana é também dimensão espiritual e conduz a pessoa a uma permanente procura do bem e da consciência moral, tornando o homem qualitativamente diferente dos outros seres vivos. Com a sua inteligência, o ser humano, individualmente mas principalmente em grupo, tem a capacidade de descobrir e de criar coisas novas, no campo da ciência, da tecnologia, da psicologia, da filosofia e da arte. Como imagem de Deus, o ser humano colabora na ação criadora de Deus, quando contribui para um mundo melhor, para o bem comum e para a construção de uma sociedade baseada na justiça e do amor.

A Igreja, através da *Gaudium et Spes*, 15, sublinha a importância da criatividade humana, que, através do desenvolvimento científico deve promover o bem comum:

“A natureza espiritual da pessoa humana encontra a sua perfeição na sabedoria que suavemente atrai o espírito do homem à busca do amor da verdade e do bem. Mais do que nos séculos passados, o nosso tempo precisa de uma tal sabedoria, para que se humanizem as novas descobertas dos homens. Está ameaçado, com efeito, o destino do mundo, se não surgirem homens cheios de sabedoria. E é de notar que muitas nações, pobres em bens económicos, mas ricas em sabedoria, podem trazer às outras incalculáveis benefícios”.

As dimensões biológica, social e espiritual da pessoa não são compartimentos estanques, mas estão em íntima relação. No entanto a dimensão espiritual abarca também as dimensões intelectual, moral, volitiva, emocional, sexual e, ainda, a dimensão religiosa, que consiste na capacidade de o homem se relacionar com Deus, sendo que esta dimensão só ocorre no ser humano, uma vez que este é feito à imagem e semelhança de Deus. A dimensão religiosa permite, ainda, à pessoa, interrogar-se sobre a sua existência, sobre a sua capacidade de amar e de perdoar, sobre a sua capacidade criativa, sobre a sua liberdade e sobre a sua abertura à transcendência.

#### **4. Ser “Pessoa” à luz de Deus “Pessoa”**

O autor da 1 Jo 4, 7-21 apresenta Deus como fonte de amor, de caridade. Deus revelou-se como amor através da entrega do seu Filho, Jesus. E é através do amor que o ser humano se une com Deus. O amor não é uma realidade humana, mas divina (*ágape*), que nos faz chegar a Ele<sup>174</sup>.

A abertura e a relação com os outros são constitutivos ontológico da “Pessoa”. Ser “Pessoa” é ser com. Para Kierkegaard, a individualidade da “Pessoa” só se torna real

---

<sup>174</sup> Cf. Teodorico BALLARINI; Giacomo DANESI; Felice MONTAGNINI; Bruno RAM AZZOTTI; Tarcisio STRAMARE, *As Espistolas de João, Introdução à Bíblia, Volume II*, Editora Vozes, Petrópolis 1969, p. 403.

perante Deus, o Tu absoluto e transcendente. A “Pessoa” é tal por ser uma existência em diálogo com o Tu divino. Para Romano Guardini, o homem é “Pessoa” porque Deus é o seu Tu. Na filosofia contemporânea da existência, o motivo religioso da Bíblia, segundo o qual a dignidade advém ao homem por este ser criatura que participa do ser de Deus, chamada a comungar a vida do mesmo Deus. Para Levinas, o homem só projeta autenticamente a sua existência, quando faz da vida uma vocação, isto é, uma resposta amorosa à interpelação divina<sup>175</sup>.

Para Juan L. R. de la Peña, no Antigo Testamento, o Deus da religiosidade israelita não é para o ser humano o absolutamente outro. Na noção bíblica de homem, Deus é sempre segunda “Pessoa”. Na Bíblia, não existe o eu ou o ele como existe para os autores ateístas, onde a afirmação do eu teria de passar pela negação do outro. Assim, a relação Deus-homem aplica-se à dialética “tu” e “eu”. O “tu” não é o “eu”, nem é o outro, é uma parte real do “eu” na comunhão do “nós”. O “eu” não se afirma negando, o “tu” amado ou odiado, mas sim abraçando-o ou recusando-o na simbiose da existência dialogal partilhada.

Só o ser pessoal pode conferir personalidade à sua criatura, quando a criatura o percebe como seu “tu”. A relação “eu-tu” é recíproca. “Deus é o “tu” do ser humano, mas também o ser humano é o “tu” de Deus<sup>176</sup>. Diz Ruiz de la Peña que, ao criar o ser humano, Deus não cria apenas mais uma natureza, mas um “tu”, chamando-o pelo seu nome, pondo-o diante de si como um ser responsável, sujeito de diálogo interpessoal. Cria um ser capaz de responder ao “tu” divino, porque é capaz de responder ao próprio “eu”, criando uma “Pessoa”.

É Deus quem confere pessoalidade e dignidade ao outro. Cada “Pessoa” é um ser absoluto, e por isso, não podemos sacrificar os outros em nosso proveito. Se cada ser humano é de Deus, então deve dar-se aos outros. “Deus, ao ser o fundamento do ser pessoal do homem, é, ao mesmo tempo, o fundamento das relações eu-tu como relações interpessoais<sup>177</sup>. Se o ser pessoal de Cristo é pura relação com Deus Pai, o homem será mais homem, na medida em que realize melhor a sua relação com Deus, em Jesus Cristo. Na primeira carta de João, a finalidade da vida do ser humano é a união com Deus que é “apresentado como fusão contínua de amor” (1 Jo 4, 7). O ser humano une-se a Deus, vivendo no amor (dado por Deus) aos irmãos de um modo gratuito, desinteressado e que atua através da fé<sup>178</sup>. Jesus, ao encarnar, divinizou o ser humano e tornou a “Pessoa” um ser absoluto. Por isso, cada “Pessoa” deve amar e ver o outro como imagem de Deus.

---

<sup>175</sup> Cf. Joaquim Sousa TEIXEIRA, “Pessoa”, In *Logos, Enciclopédia Luso-Brasileira de filosofia, Volume IV*, Verbo, Lisboa/São Paulo, p. 114.

<sup>176</sup> Cf. Juan L. Ruiz de la PEÑA, *Imagem de Deus, Antropologia teológica fundamental, Presencia teológica*, Sal Terrae, Santander, 1988, p. 177.

<sup>177</sup> *Ibidem*, p. 183.

<sup>178</sup> Cf. Teodorico BALLARINI; Giacomo DANESI; Felice MONTAGNINI; Bruno RAM AZZOTTI; Tarcisio STRAMARE, *As Espistolas de João, Introdução à Bíblia, Volume II*, Editora Vozes, Petrópolis 1969, p. 396.

O ser de Deus é o fundamento do ser pessoal do ser humano e, ao mesmo tempo o fundamento das relações eu-tu como relações interpessoais.

### **Conclusão do Capítulo III**

O Deus que anunciamos é esse Deus que é amor ou o juiz castigador e implacável do juízo final? No juízo final, o amor é o critério para a decisão definitiva sobre a utilidade ou a inutilidade de uma vida humana. Para um cristão, não basta descobrir que Deus o ama se, depois, ficar apenas parado a contemplar esse amor. A certeza de que Deus é amor deve transformar o coração do ser humano, e inseri-lo na dinâmica de uma vida nova, convidando-o a rejeitar o egoísmo, a indiferença, o orgulho, a autossuficiência e a viver na comunhão com Deus e com os irmãos.

A disciplina de EMRC deve ser um acto, em que se valoriza positivamente e dignifica “a Pessoa Humana” e em que o aluno se sente amado e chamado a amar os outros. Na aula de EMRC o amor deve ser um acto central que dá sentido à vida, que realiza a “Pessoa”, que a torna feliz e coerente. No capítulo IV iremos refletir como o ensino religioso ajuda o crescimento da “Pessoa” com todas as suas dimensões. Na escola, a disciplina de EMRC, surge como uma mais-valia na vida do aluno ao propor a “Pessoa” de Jesus, através da mensagem de amor presente na 1 Jo 4, 7-21.

## Capítulo IV - A EMRC e a tarefa de dignificar a “Pessoa”.

### 1. A Unidade Letiva “A Pessoa Humana” como tarefa de dignificar a “Pessoa”

A disciplina de EMRC, ao abordar esta Unidade Letiva, procura levar o aluno a construir a sua personalidade e a construir-se como pessoa. No entanto, as aulas de EMRC, para além de serem, por eleição, um espaço de reflexão, devem ser também aulas propícias para fomentar a relação humana, onde o aluno se sinta respeitado na sua dignidade. Ao longo da unidade letiva em estudo, o aluno descobre a relação existente entre direitos e deveres que o comprometem com a tarefa de viver para dignificar as pessoas que vivem ao seu lado.

Num mundo marcadamente mercantilista, em que o sistema de ensino e os currículos estão, muitas vezes, ao serviço de interesses económicos e ideológicos, as pessoas veem a escola como um local onde se preparam para terem profissões rentáveis e bem remuneradas. Todavia, esta visão do ensino e da pessoa é redutora e leva o aluno ao individualismo.

O ser humano deve viver para ser feliz e isso não é mensurável ou quantificável. O amor vive-se no âmbito da espiritualidade que está a ser desvalorizada no mundo escolar.

A dimensão espiritual é uma dimensão englobante e fundamental da pessoa e, por isso, deve ser trabalhada na escola por qualquer disciplina ou por qualquer professor. Porém, sabemos que a disciplina de EMRC pode dar um contributo maior e proporcionar esse desenvolvimento espiritual do aluno, que o leva à interioridade, ao silêncio, à possibilidade e à capacidade de se abrir ao mistério.

A espiritualidade não implica a religião e a inteligência espiritual deve ser desenvolvida em todas as pessoas, sendo ou não crentes em alguma religião ou crença.

Segundo Gardner, a pessoa possui múltiplas inteligências<sup>179</sup>. Na escola, valoriza-se mais o desenvolvimento da inteligência lógica e matemática ou a inteligência linguística, descuidando-se, muitas vezes, a inteligência espiritual em que surgem as questões de sentido, da existência e em que o ser humano constrói o seu projeto de vida. No entanto, deve referir-se que a pessoa só cresce de forma equilibrada se desenvolver todas as suas dimensões.

A EMRC, ao proporcionar o desenvolvimento da dimensão espiritual, leva o aluno a procurar a verdade, a liberdade, a partilha, a solidariedade, o amor e o compromisso pessoal. É no âmbito da dimensão espiritual que o ser humano “sai de si e olha para os outros”, preocupando-se com eles e isto não acontece com as outras dimensões da pessoa. A educação para os princípios só é da ordem espiritual, quando o ser humano os vive. A escuta dos princípios só acontece dentro de cada “Pessoa”, no silêncio, na responsabilidade e quando cada sujeito atua em conformidade com aquilo em que acredita.

---

<sup>179</sup> Howard GARDNER, *Teoria das Múltiplas Inteligências*, Universidade de Harvard, Harvard, 1983.

Só quando o aluno, na disciplina de EMRC, desenvolve a espiritualidade que o faz crescer e a sair de si é que pode caminhar livremente para o mistério e entrar no campo religioso. Na escola, a EMRC não é um complemento às outras disciplinas, mas trabalha juntamente com elas para proporcionar ao aluno um espírito crítico, levando-o a procurar dar sentido à sua vida e a ser promotor de uma sociedade mais justa para que “Pessoa” seja um fim e não um meio.

Segundo Juan Ambrosio:

“as diferentes áreas de ensino devem ter como objetivo a função de mostrar perspectivas de interpretação da realidade circundante e de produção de conhecimento e fundamentação da ação. A este nível, um profundo respeito pela liberdade dos alunos implica a obrigação de lhes proporcionar todas as perspectivas possíveis, não só as científicas e históricas, mas também as estéticas, as filosóficas, as éticas e religiosas, com a finalidade de lhes poder facilitar a construção da sua própria cosmovisão e do seu projeto de vida, como contributos essenciais para a sua personalização”<sup>180</sup>.

Neste contexto, a presença da disciplina de EMRC é fundamental, pois proporciona ao aluno o aprofundamento de todas as dimensões da pessoa, promovendo, assim, a formação integral e a realização plena do aluno como pessoa.

A EMRC deve propor ao aluno um “caminho de indagação e busca, em que o caminho a percorrer e os conteúdos devem ser propostos e não impostos, de tal modo que proporcione ao aluno fazer uma aprendizagem significativa do fenómeno religioso”<sup>181</sup>. A EMRC deve promover, acima de tudo, a dignidade do aluno na escola, na sociedade e na família. Como podemos constatar, as diversas áreas de ensino, sem o ensino religioso, tiram a possibilidade e o direito do aluno a uma educação plena e a possibilidade de descobrir o transcendente que o valoriza positivamente que lhe dá ainda mais dignidade.

Retirar ao aluno a possibilidade de conhecer e de aprofundar todas as suas dimensões, faz correr o perigo de ter uma “construção redutora da Pessoa humana”<sup>182</sup>. A escola deve promover o desenvolvimento das dimensões da “Pessoa”. As disciplinas tanto da área das ciências exatas como da das ciências humanas não conseguem abarcar o desenvolvimento de todas as dimensões e abrem uma lacuna na formação do aluno. A EMRC pode ter um papel importante ao contribuir para o desenvolvimento da dimensão espiritual, estando aberta a todos os alunos e evitando linguagem catequética. Possivelmente, alguns alunos com liberdade e responsabilidade possam ter, na sua vida, a partir da disciplina de EMRC, a experiência religiosa de abertura ao transcendente.

Os conteúdos da disciplina de EMRC, nomeadamente a Unidade Letiva “A Pessoa Humana”, devem promover a felicidade do ser humano e repensar a existência humana

---

<sup>180</sup> Juan AMBROSIO, *Identidade e Finalidades da EMRC*, Texto de Apoio à Disciplina de Didática Específica de EMRC, Documento não publicado, Faculdade de Teologia, Lisboa, 2016, p. 41.

<sup>181</sup> *Ibidem*.

<sup>182</sup> *Ibidem*.

na sua plenitude; a liberdade como condição para se realizar como pessoa; a defesa dos direitos humanos e a dignidade humana; o compromisso do aluno contra as injustiças sociais; a autenticidade da pessoa humana; a vida coerente e verdadeira; a vivência do amor aos outros, principalmente os mais carenciados.

Na escola, os conteúdos das disciplinas são importantes. Porém, muitas vezes, passado pouco tempo, são logo esquecidos pelos alunos. A disciplina de EMRC, quando leva o aluno a refletir, partindo da sua experiência de vida, os conteúdos não se esquecem, porque constroem e dignificam a pessoa.

O aluno deve ter as condições básicas para fazer as suas escolhas, reconhecendo-se como um ser convocado a escolher e a aderir ao que considera ser de valor. Deve considerar-se sempre como sujeito que acolhe, que adere, senhor da sua história, consciente da sua situação no mundo, da sua condição e da existência plena de ser humano. Lara Sayão L. de A. Ferraz, no seu artigo “Religião se aprende na escola”, faz referência a Werneck que diz: “a educação deve apontar para o essencial e não para o acidental e, por isso, deve procurar a autenticidade”<sup>183</sup>.

O ensino religioso proporciona ao aluno “educar-se para o simbólico”, numa sociedade em que os jovens procuram a linguagem simbólica fora da Igreja como instituição. O estudo da linguagem simbólica tem o potencial de levar o aluno a identificar-se com símbolos que sejam capazes de “traduzir e de expressar a dimensão religiosa constitutiva do ser humano”<sup>184</sup>. O simbólico está dentro do campo da espiritualidade e, quando os alunos percebem a linguagem simbólica, é sinal de que estão a crescer na sua inteligência espiritual, ou seja, na sua dimensão espiritual.

Numa sociedade em que estão na ordem do dia os novos movimentos de espiritualidade difusa, com elementos de religiosidade (como a *Nova Era*), o sincretismo difuso e confuso oferece às pessoas uma espiritualidade fácil, baseada no “eu” e não no “nós”. Muitas pessoas procuram uma espiritualidade à sua maneira, juntando elementos de espiritualidade e até aspetos religiosos de movimentos, de religiões (orientais e antigas) ou de crenças, formando uma “filosofia de *bricolage*”<sup>185</sup>. Muitos destes movimentos culturais surgem como uma manifestação contra a sociedade materialista e mercantilista, em que o espiritual ganha força, pois as pessoas procuram respostas e sentido para as suas vidas.

Neste sentido, a disciplina de EMRC tem o papel de promover a interioridade/espiritualidade, ao oferecer espaços a todos os seus membros, que permitem o exercício da memória, da paragem, do silêncio, da interioridade, de modo a que cada aluno se possa

---

<sup>183</sup> Lara Sayão L. de A. FERRAZ, *Religião se Aprende na Escola*, Texto de apoio à disciplina de didática Específica de EMRC, Lisboa, 2016, <http://www.hottopos.com/mirand16/laragp.htm>, 25/05/2017

<sup>184</sup> Juan AMBROSIO, *Identidade e Finalidades da EMRC*, Texto de Apoio à Disciplina de Didática Específica de EMRC, Documento não publicado, Faculdade de Teologia, Lisboa 2016, p. 43.

<sup>185</sup> Fina Antón HURTADO, *Los nuevos movimientos religiosos como productores de sentido*, In *Estudios de Juventud n°53/2001*, Madrid, 2001, p. 41. [http://www.injuve.es/sites/default/files/Revista\\_53-3](http://www.injuve.es/sites/default/files/Revista_53-3).

encontrar consigo próprio e abrir-se aos outros, “experimentando o desejo profundo que habita em cada um”<sup>186</sup>.

Como estamos a ver, na sociedade, existem duas tendências, entre outras: por um lado, o laicismo, que tenta desvalorizar as religiões institucionalizadas, em que Deus (ou o transcendente) parece não ter lugar no meio do ritmo diário frenético e em que a técnica, aparentemente, tudo supera; por outro lado, temos, apesar de toda a técnica, as pessoas que continuam à procura de sentido para a sua vida, a fazer as questões últimas sobre o sofrimento, a felicidade e a morte.

Segundo Fina Antón Hurtado, nas sociedades avançadas, as necessidades básicas das populações estão satisfeitas. Todavia, as pessoas sofrem de carências afetivas e espirituais. É neste contexto social que surgem os novos movimentos religiosos ou de espiritualidade. Como já foi referido neste trabalho, a espiritualidade, não desapareceu. Sofreu sim, uma deslocação das religiões institucionalizadas para o mundo secular e para o horizonte da subjetividade, em que as pessoas procuram compensar a falta de afetividade<sup>187</sup>.

Esta busca de sentido fora, das religiões institucionalizadas, é provocada em grande medida pela desvalorização, por parte das mesmas, da afetividade. Este facto constitui uma oportunidade para a escola e a disciplina de EMRC darem uma resposta a esta procura de espiritualidade. A aula de EMRC deve ser um acto para acolher os alunos de um modo afetivo. Cada aluno deve sentir-se um ser único no grupo/ turma em que tem uma identidade que não é diluída no conjunto. No grupo, o aluno cresce na amizade e no respeito pelos outros, contrariando a tendência do individualismo e do relativismo do mundo atual. O aluno deve sentir-se amado e respeitado na sua dignidade pelo professor e pelos colegas.

A disciplina de EMRC promove a dignidade humana, na medida em que colabora para a missão educativa da escola. Aqui, o mundo e a existência humana podem ser interpretados a partir do religioso que constrói a “Pessoa” humana. O aluno deve ter condições para realizar as suas escolhas, com uma consciência bem formada que o ajude a optar por aquilo que realmente é bom e o realize como ser plenamente humano.

Os conteúdos que são estudados na disciplina de EMRC, desde o primeiro ciclo até ao secundário, têm a preocupação de construir a “Pessoa” humana com base no amor que dignifica. Ao longo do estudo da unidade letiva, “A pessoa humana”, será feito o levantamento de situações de falta de dignidade humana, provocadas pela violação dos direitos humanos. Esta reflexão tem como objetivo levar os alunos a pequenos compromissos com o propósito de respeitar e dignificar os outros, principalmente os mais desfavorecidos. O compromisso deve ser feito dentro da turma, na escola e no meio

---

<sup>186</sup> Juan AMBROSIO, *Identidade e Finalidades da EMRC*, Texto de Apoio à Disciplina de Didática Específica de EMRC, Documento não publicado, Faculdade de Teologia, Lisboa 2016, p. 44.

<sup>187</sup> Cf. Fina Antón HURTADO, “Los nuevos movimientos religiosos como productores de sentido”, In *Estudios de Juventud* nº53/2001, Madrid, 2001, p. 41.

envolvente, para que o aluno seja uma pessoa comprometida na luta contra a falta de dignidade das pessoas.

A disciplina de EMRC colabora, ainda, com a escola, na educação para a cidadania evitando o egoísmo e o individualismo. A “cidadania promove a dignidade da “Pessoa” humana. Tem a ver com a pessoa e não com o indivíduo”: dar atenção ao outro, não negar o outro, abrir-se ao outro, ter o coração no coração do outro”<sup>188</sup>. Através do exemplo de Jesus, proposto nas aulas de EMRC, o aluno descobre que a “cidadania não é uma obrigação, mas uma maneira de ser”, pois Jesus passou a vida a fazer o bem e a restaurar a dignidade a todos, principalmente dos mais pobres.

O desenvolvimento da “Pessoa” não pode depender somente do que dizem as ciências exatas. A experiência religiosa também é importante na educação para a cidadania. A escola não deve proporcionar somente as experiências científica e filosófica/ racional, mas também deve proporcionar a experiência religiosa:

“o importante não é o divino sem mais, como algo que pode ser compreendido ou manipulado, mas o Deus pessoal vivo: a revelação daquele que sendo nos faz ser e fazendo-nos, concede-nos a salvação. Trata-se de uma experiência pessoal porque implica a totalidade da pessoa, e simbólica porque abre novas perspectivas de sentido que vão para além do simples saber e fazer humano”<sup>189</sup>.

Entre estas experiências, existe um modo diferente de acesso à realidade, um diálogo mútuo. Todas elas devem proporcionar um aprofundamento da felicidade, realização e dignificação da pessoa humana.

### **1.1.A importância do texto religioso nomeadamente do texto bíblico na escola.**

No programa de EMRC, os textos religiosos são um elemento importante porque propõem ao aluno uma mensagem de paz e de amor, contribuindo para a construção da pessoa humana, não centrada em si mas nos outros.

O título deste trabalho, Só o Amor constrói e dignifica a Pessoa, encontra a sua fundamentação no tema central da 1 Jo 4, 7-21, que é o amor. Neste sentido, os textos religiosos, nomeadamente a Bíblia, apresentam para a disciplina de EMRC uma parte muito importante dos conteúdos. Os textos Bíblicos são portadores de uma mensagem de paz, de verdade, de autenticidade, de alegria e de amor, que dá sentido à vida e que promove a realização plena e a dignidade de cada pessoa humana.

O professor Armindo Vaz, acerca da importância de os alunos conhecerem a Bíblia, refere:

---

<sup>188</sup> Juan AMBROSIO, *A EMRC e a Cidadania, Oposição e/ou colaboração*, Texto de Apoio à disciplina de Didática Específica de EMRC, Documento não editado, Faculdade de Teologia, 2016, p. 2.

<sup>189</sup> *Ibidem*, p. 4.

“Bíblia incute no formando elevação e humanidade. A tarefa fundamental da escola é a de educar para o bem comum, para a colaboração e paz entre os povos, grupos de pessoas e comunidades interculturais. Ora, a cultura religiosa oferecida pela Bíblia fomenta da maneira mais eficaz esse espírito universalista, pacificador, elevado e integrador de tudo o que sejam valores humanos. O estudo do património cultural que a Bíblia encerra, vai eliminando progressivamente preconceitos e incompreensões (...). O que distingue a Bíblia é a sua capacidade de interrogar cada tempo”<sup>190</sup>.

O estudo da Bíblia ajuda o ser humano na busca da sua verdade plena e abre-lhe janelas que as ciências não são capazes de abrir. O cristianismo marcou a cultura da sociedade ocidental e, para o bem ou para o mal (quando interpretada à letra ou mal interpretada), a Bíblia foi uma referência na conduta da sociedade. Como nem sempre foi estudada devidamente, pode e deve, agora, com novos instrumentos de exegese e de análise crítica literária, ser estudada para extrair a sua verdadeira mensagem de amor que interroga e que interpela o ser humano.

Ao ler o livro da Bíblia vejo exprime-se a verdade do livro do homem que eu sou diante dos outros. Armindo Vaz refere R. Debray, por este ser um agnóstico que reconhece a importância do ensino religioso na escola e refere que a sua falta é uma ameaça cada vez mais sensível dum perda da herança coletiva, dum rutura da memória nacional e europeia. O professor Armindo Vaz acrescenta ainda sobre R. Debray:

“ele propõe que se passe de uma laicidade da incompetência para uma laicidade da inteligência, distinguindo entre o religioso como objeto de culto e o religioso como objeto de cultura. O caminho seria oferecer aos estudantes uma conceção dinâmica do religioso, para além das meras apresentações sociográficas ou arqueológicas. O ensino do facto religioso não tem por que ser um ensino religioso. As religiões dizem respeito à raiz pesada das mentalidades e não apenas à história das ideias”<sup>191</sup>

A EMRC proporciona o estudo da Bíblia como livro sagrado dos judeus e dos cristãos. P. Ricouer afirma que a função do Evangelho parece ser a de restituir a atenção ao outro. O ser humano torna-se verdadeiramente livre e feliz, realizado-se como pessoa quando vive para os outros. Juan Ambrosio refere que:

“O cristianismo ao introduzir o referente Deus-tripessoal (alteridade) e, sobretudo, ao introduzir o referente Deus-Pai, aponta um caminho novo para a relação inter-pessoal. O eu não é só um eu, nem um eu só, mas um eu com, um eu para, um eu com os restantes: eu não sou sozinho; eu sou com os outros; eu sou por causa dos outros, eu sou por causa de ser para os outros”<sup>192</sup>.

---

<sup>190</sup> Armindo Dos Santos VAZ, *A Bíblia, património cultural e formativo*, In *Communio*, XXIII 2006/4, p. 452.

<sup>191</sup> *Ibidem*, p. 453.

<sup>192</sup> Juan AMBROSIO, *A EMRC e a cidadania, - Oposição e/ou colaboração*, Texto de apoio à disciplina de Didática Específica de EMRC, Documento não editado, Faculdade de Teologia, 2016, p. 8.

## 1.2. A EMRC como promotora do diálogo e de Paz na escola e na sociedade

A dignidade do ser humano advém do chamamento para ser o “tu” de Deus. Segundo Juan L. Ruiz de la Pena, “o homem é ser absoluto, porque Deus toma a sério o homem”. Cristo, ao nascer homem e morrer pelos homens, veio confirmar a importância da dignidade da pessoa humana, 1 Co 6, 20.

A EMRC é importante para a dignificação da pessoa, pois a realização pessoal não se pode pensar, nem concretizar sem o compromisso ativo com as realidades sociais que somos chamados a viver. A dimensão religiosa leva o ser humano à intervenção social. O amor de Deus pela humanidade, que leva à resposta humana de amar a Deus e aos outros, faz mudar o mundo e dignifica o ser humano.

“A intervenção na linha da justiça brota daqui (viver como ressuscitados e como ressuscitadores). Esta atitude leva a uma postura interventiva na sociedade, na linha de criação de condições económicas, sociais, culturais, sanitárias ou políticas. Temos de pensar estas realidades no horizonte da pessoa (e, por isso mesmo, no horizonte da transcendência)”<sup>193</sup>.

Ao estudar os “*Princípios Orientadores de Toledo Sobre o Ensino das Religiões e Crenças nas Escolas Públicas*”, encontramos argumentos válidos para ver que o ensino religioso é crucial para o crescimento e para a realização da pessoa, assim como para a promoção da sua dignidade. Começa-se por fazer levantar um problema atual ao qual o ensino religioso, no caso português a EMRC, ajuda a responder. Quando não se cultiva a inteligência espiritual, a sociedade corre o risco de sectarismos e de fundamentalismos.

“Os recentes acontecimentos em todo o mundo, os processos migratórios e as ideias erradas acerca das religiões e das culturas realçaram a importância de questões relacionadas com a tolerância e a não discriminação, assim como a liberdade de religião ou crenças, para a Organização de Segurança e Cooperação na Europa”<sup>194</sup>.

Perante este problema, em que as culturas e as religiões se cruzam, é necessário um conhecimento das religiões para evitar conflitos e para que os cidadãos aceitem e dialoguem com religiões, com crenças e com culturas diferentes. Neste sentido, o ensino religioso na escola tem um papel fundamental, pois, acima de tudo, tem em vista a promoção da dignidade da pessoa ao evitar conflitos e com o compromisso de fomentar uma cultura de respeito e de liberdade religiosa prevista na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Os Princípios Orientadores de Toledo “foram elaborados para contribuir para uma melhor compreensão da crescente diversidade religiosa no mundo e da presença cada vez mais patente da religião no âmbito público”<sup>195</sup>.

---

<sup>193</sup> *Ibidem*, p. 8.

<sup>194</sup> Consejo asesor de expertos sobre libertad de religión o creencia de ODIHR, *Principios orientadores de Toledo sobre la enseñanza acerca de religiones e creencias en las escuelas públicas*, Organización de Seguridad e Cooperación na Europa, Toledo, 2007, Publicado pela OSCE/ODIHR, Varsóvia, 2008, p. 9. <http://www.osce.org/odihhr>

<sup>195</sup> *Ibidem*, p. 13.

Assim, a Declaração de Toledo apela aos diferentes governos das nações que fomentem o ensino religioso para um maior conhecimento das culturas e das religiões, tendo como finalidade acabar com os conflitos e com os preconceitos religiosos.

O documento também refere que o ensino religioso é um requisito para entender uma grande parte da história, da literatura e da arte, e que pode ser útil para aumentar os horizontes culturais. O ensino religioso leva a fomentar o respeito mútuo, a cidadania e a proteger os direitos dos outros.

Na atualidade as instituições estão em crise, tais como a Igreja, a justiça, a militar e a política. As pessoas põem em causa o peso da tradição. Existe uma crise de transmissão da tradição cultural e religiosa que dá identidade a um povo. A memória do passado parece não acompanhar as gerações vindouras. No entanto, a escola é um acto em que o aluno ainda se encontra com o seu passado através do conhecimento. Para o professor Alfredo Teixeira, a escola deve permitir:

“o acesso cultural ao facto religioso que permite ao aluno e à sociedade a reabilitação da memória religiosa; a relevância do religioso na gestão da interculturalidade; o interesse pela religião-património; a necessidade de superar os problemas criados pela iliteracia religiosa”.<sup>196</sup>

Como foi referido, a escola oferece, ainda, a oportunidade de o aluno se encontrar com a cultura do seu grupo de pertença e de o ajudar a inserir-se na sociedade marcada pela falta de memória coletiva e de identidade. Neste sentido, Juan Ambrosio faz referência a Lluís Duch, que defende a importância do ensino religioso como uma estrutura de acolhimento: “O ser humano precisa de estruturas de acolhimento e reconhecimento a partir de várias perspetivas: sociológica; psicológica; cultural; antropológica; linguística; pedagógica; religiosa”<sup>197</sup>

Em seguida, Juan Ambrósio apresenta as estruturas de acolhimento, defendidas por Lluís Duch, relevantes para o ser humano se realizar como pessoa:

“São três as estruturas: a condescendência, a família que é a primeira estrutura; a coresidência, a cidade onde a pessoa se integra na sociedade e no grupo mais amplo, e a cotranscendência, a religião que é o lugar social de Deus. Segundo a estrutura do *religare*, podemos ver que, no ser humano, existe uma predisposição responsorial que os mantém abertos e os religa à alteridade de Deus e ao próximo”<sup>198</sup>.

Na atualidade, numa sociedade em mudança rápida, as pessoas tentam procurar estabilidade, mas a tecnologia torna tudo provisório; as vias e os meios de comunicação

---

<sup>196</sup> Alfredo TEIXEIRA, *A cultura religiosa na escola*, In *Pastoral Catequética* nº5, maio-agosto 2006, Fundação SNEC, Lisboa, 2006, p. 44.

<sup>197</sup> Juan AMBROSIO, *Dimensão Religiosa Condição Humana*, Texto de apoio à disciplina de Didática Específica de EMRC, Documento não editado, Faculdade de Teologia, Lisboa, 2016, p. 5-7.

<sup>198</sup> *Ibidem*, p. 23.

provocam a globalização da cultura; os movimentos migratórios e a mistura de culturas podem levar a conflitos culturais e religiosos, que podem conduzir à perda de identidade por parte das novas gerações. Esta perda de referências pode levar ao relativismo, pois cada um é produtor de sentido, levando ao egocentrismo. A religião ajuda a procurar sentido para a vida e a lidar com a contingência de passar do “caos ao cosmos”<sup>199</sup>.

A disciplina de EMRC não resolve todos os problemas, mas ajuda o aluno a integrar-se na sociedade, respeitando as culturas e as religiões dos seus companheiros de escola ou de bairro. O conhecimento das religiões e o respeito pelas suas tradições, ritos e tempos sagrados é um fator decisivo para a paz, o respeito, a liberdade e para a dignidade da “Pessoa” humana que, como ser absoluto, está acima de qualquer espiritualidade, crença, política ou religião.

Neste sentido, a disciplina de EMRC tem a tarefa única de desenvolver a competência religiosa:

“a dimensão da religiosidade e da transcendência, como chave de leitura do mundo e da existência e como vetor de construção do todo da pessoa, é desenvolvida a partir de quatro aspetos: a sensibilidade religiosa (capacidade de perceber a dimensão religiosa da realidade); os conteúdos religiosos (para perceber a cultura e a tradição); a linguagem religiosa, para conhecer o cristianismo e para saber dialogar com outras religiões; o comportamento religioso, para que cada aluno possa fazer opções livres”<sup>200</sup>.

Esta dimensão religiosa não é outra coisa a não ser a descoberta do amor gratuito e generoso que dá sentido à vida, que dignifica a “Pessoa” e que é a fonte da verdadeira felicidade.

Quando abordamos a importância do ensino religioso na escola, falamos para a escola toda e não só para os alunos que são cristãos ou de qualquer outra religião. No entanto, a EMRC, através dos seus conteúdos, pode, dentro do desenvolvimento das dimensões da “Pessoa” e, nomeadamente, da dimensão espiritual, ajudar o aluno a deparar-se com o mistério que o leva para o campo do religioso. O ser humano é um ser religioso, desde a pré-história até à atualidade, interroga-se perante aquilo que não consegue explicar, mas que o inquieta.

Lara Sayão L. de A. Ferraz no seu artigo a “Religião se aprende na escola”, cita Martin Buber onde este refere que a religião proporciona o diálogo entre o ser humano e o mistério (Deus) que leva a pessoa a assumir o compromisso responsável pelos outros.

“Eu não possuo nada além do cotidiano, do qual nunca sou retirado. O mistério não se abre mais, ele se subtraiu e fixou domicílio aqui, onde tudo acontece como aconteceu. Eu não conheço mais nenhum além daquele de cada hora mortal, de exigência e responsabilidade.

---

<sup>199</sup> *Ibidem*, p. 25.

<sup>200</sup> Cf. Juan AMBROSIO, *A Educação Moral e Religiosa Católica na escola pública*, Texto de apoio à disciplina de Didática Específica de EMRC, Documento não editado, Faculdade de Teologia, Lisboa, 2016, p. 13.

Longe de estar à altura dela, eu sei, porém que sou solicitado pela exigência e posso responder à responsabilidade, e sei quem fala e quem exige resposta. Muito mais eu não sei. Se isto é religião, então ela é simplesmente tudo, o simples todo vivido na sua possibilidade do diálogo. Quando tu rezas e com isto não te afastas desta tua vida, mas justamente te referes a esta vida rezando, quer dizer, admitindo-a, seja no inaudito como no assaltante, quando és chamado do alto, requerido, eleito, autorizado, enviado. Com este teu pedaço mortal de vida estás na mente, este instante não é retirado, ele se apoia no que foi e acena para o resto ainda muito vivo. Não és tragado em uma plenitude sem compromisso, és desejado para a solidariedade”.<sup>201</sup>

Este texto de Martin Buber refere a responsabilidade humana para se ser solidário com o outro. Os conteúdos da unidade letiva “A Pessoa Humana” têm, também, esta finalidade de levar o aluno a abrir-se aos outros e ao transcendente, promovendo também a formação e o crescimento da pessoa humana. A 1 Jo 4, 7-21 é um apelo à resposta humana diante do amor gratuito de Deus que impele a pessoa a amar os outros. O amor compromete o ser humano e torna-o responsável perante os outros, nomeadamente os que são mais necessitados.

O amor evita o relativismo e o egocentrismo dos novos movimentos religiosos ou da espiritualidade como a *New Age*, que não leva à solidariedade gratuita baseada no amor. Ao lecionar a unidade letiva “A Pessoa Humana” verifiquei que, no decorrer das aulas, os alunos foram descobrindo o amor como princípio a ser vivido e que impele à liberdade, solidariedade, partilha, diálogo e humildade. Os alunos refletiram sobre o papel de escutar a consciência para orientar o seu agir moral.

O estudo da unidade foi uma oportunidade de humanização e de promoção do ser humano e da sociedade, onde a escola se insere. Os conteúdos promovem o diálogo entre fé e a cultura, analisando os acontecimentos sobre o ponto de vista do cristianismo. Tal como em todas as unidades letivas, a unidade em estudo promove a interdisciplinaridade, onde o aluno pode encontrar pontos de diálogo entre a fé e a ciência.

---

<sup>201</sup> Lara Sayão L. de A. FERRAZ, *Religião se Aprende na Escola*, Texto de apoio à disciplina de didática Específica de EMRC, Lisboa, 2016, <http://www.hottopos.com/mirand16/laragp.htm>, 25/05/2017

## 2. Como trabalhar a 1 Jo 4, 7-21 na aula no sentido de dignificar a “Pessoa”

A 1 Jo 4, 7-21 é o ponto central da unidade letiva, porque permite fazer a passagem de uma reflexão da pessoa mais filosófica e abstrata, para uma reflexão mais antropológica, existencial e relacional. O foco central do texto é o amor, em que a relação com o transcendente é inseparável da relação de amor para com os outros. O texto é muito rico mas, tanto no Programa como no Manual, acaba por não ser convenientemente explorado. É pretendida uma abordagem do texto mais profunda, que dê pistas para a vida concreta do aluno, sobretudo para o compromisso de dignificar os outros através do amor “oblativo”, gratuito e generoso.

P. J. Franclim Pacheco apresenta um breve resumo de como se deve interpretar nas aulas de EMRC os textos Bíblicos. Tendo como base a Encíclica *Dei Verbum*, 12, apresenta três passos. Primeiro, a crítica literária que procura saber o contexto em que foi escrito e o que o autor inspirado quer dizer. Segundo, a crítica histórica que pretende responder às perguntas para ver se o texto é fiavelmente histórico: quem, quando, onde, como e porquê o escreveu. Terceiro, a hermenêutica teológica para descobrir o sentido espiritual que se encontra no texto, em que o Espírito actua não apenas no autor mas também no leitor<sup>202</sup>.

Segundo Armindo Vaz, os textos Bíblicos apresentam uma carga antropológica e interessa a sua significação, hoje. Não se vai estudar o texto por mero interesse filosófico ou histórico, mas em busca de força para a vida<sup>203</sup>. Depois de usar os métodos científicos no estudo do texto para saber o que ele significava no contexto das comunidades em que foi escrito, é importante atualizar a sua mensagem para interpelar os leitores: professor e alunos. Para tal, será feita a hermenêutica existencial que, segundo Armindo Vaz, “empenha a subjetividade do leitor numa escuta dialogal com o texto e num encontro obediente a ele, sem o deixar descambar para o subjetivismo”<sup>204</sup>. A interpretação da Bíblia deve comprometer o leitor na sua vida. Depois de o leitor descobrir o que o texto queria dizer no passado, deve transportar a sua mensagem para o presente.

Para o efeito, serão propostas duas aulas para se explorar mais pormenorizadamente a mensagem do texto seguindo os dois momentos hermenêuticos.

Na primeira aula, será lido a 1 Jo 4, 7-21 e feito o primeiro momento hermenêutico, dando destaque ao contexto em que foi escrita, à linguagem simbólica e à descoberta do seu significado e da sua mensagem. Os alunos, juntamente com o professor, vão refletir sobre o texto e retirar as seguintes conclusões: cada pessoa é amada por Deus com um amor gratuito; Jesus viveu para dignificar as pessoas; o amor dá sentido à vida das pessoas; só uma vida coerente torna a pessoa feliz; a vida de cada pessoa é coerente e verdadeira, se

---

<sup>202</sup> Cf. P. J. Franclim PACHECO, *A hermenêutica bíblica numa disciplina confessional*, In *Pastoral Catequética, Revista de Catequese e Educação* n° 31-32, Ano X, janeiro-agosto 2015, Lisboa, 2015, p. 87-89.

<sup>203</sup> Cf. Armindo dos Santos VAZ, *Palavra Viva, Escritura Poderosa, A Bíblia e as suas linguagens*, Editora UCP, Lisboa, 2013, p. 432.

<sup>204</sup> *Ibidem*, p. 441.

a relação de amor com Deus está em sintonia com a vida diária, sobretudo nas relações humanas; descobrir a linguagem simbólica e retirar dela ensinamentos.

Na segunda aula, ocorrerá o segundo momento hermenêutico, com a atualização do texto para a vida concreta do aluno e da turma. A proposta é mudar as atitudes de acordo com a mensagem retirada e atualizada a partir do texto religioso.

### **2.1. Planificações nível I, II, III.**

Seguidamente, apresento a planificação nível I e II, em que surge a planificação anual de todo o programa a dar ao longo do ano com as respetivas unidades letivas e com o tema geral de cada aula. Como iremos verificar, a Unidade Letiva Um, “A Pessoa Humana”, é a primeira a ser lecionada e será dada durante o primeiro período letivo. As aulas que proponho para explorar o texto Bíblico 1 Jo 4, 7-21 estão na planificação com uma cor mais clara. A primeira aula que proponho corresponde à aula sete na planificação nível I e II. A Segunda aula corresponde à aula oito na planificação nível I e II.

Apresenta-se também a planificação nível III com a planificação da Unidade Letiva Um “A pessoa Humana”, com as metas da disciplina de EMRC para cada unidade, os objetivos delineados para cada meta e os conteúdos aprofundados para cada objetivo. Nesta planificação, surgem também as experiências de aprendizagem a usar em cada aula. A primeira aula que proponho corresponde, na planificação, à aula sete. A segunda aula corresponde à aula oito.



**Planificação de Nível I e II**  
(Planificação baseada no calendário escolar de 2016/2017)

					Conteúdos		
	Mês	3.ª f	Aulas	/UL	Unidades letivas	Temas	Notas
	1º Período	Set.	20	1		Apresentação	Apresentação do professor, dos alunos e da disciplina. Critérios de avaliação e programa da disciplina.
27			2		UL1 – A Pessoa Humana	Introdução à Unidade Letiva “Quem é a Pessoa?”	
Out.		4	3		UL1 – A Pessoa Humana	Dimensões da Pessoa: dimensão biológica.	
		11	4		UL1 - A Pessoa Humana	Dimensões da Pessoa: dimensão social.	
		18	5		UL1 - A Pessoa Humana	Dimensões da Pessoa: dimensão espiritual.	
		25	6		UL1 - A Pessoa Humana	O Deus Pessoa: leitura e interpretação do texto Bíblico: Salmo 139 (138)	
		1			Feriado - Solenidade de Todos os Santos		
Nov.		8	7		UL1 - A Pessoa Humana	Leitura e interpretação do texto Bíblico 1 Jo 4, 7-21. Só o amor nos torna autênticos e felizes. Dinâmica Luz e Trevas.	
		15	8		UL1 - A Pessoa Humana	Atualização do texto Bíblico 1 Jo 4, 7-21. O que nos impede de ser coerentes, verdadeiros e de amar os outros. Dinâmica tirar a máscara para ser autêntico e amar os outros.	
		22	9		UL1 - A Pessoa Humana	Direitos e deveres da Pessoa. A conquista da Liberdade e dos Direitos Humanos. Declaração Universal dos Direitos Humanos.	
		29	10		UL1 - A Pessoa Humana	Direitos da Criança. Quando os Direitos da Criança não são respeitados. Instituições da Igreja Católica (ou outras) que promovem os Direitos Humanos e da Crianças. Elaboração do manifesto ou compromisso da Turma para dignificar a Pessoa.	
Dez.		6	11		UL1 - A Pessoa Humana	Realização da Ficha de avaliação.	
		13	12		UL1 - A Pessoa Humana	Entrega e correção da ficha de avaliação. Auto e heteroavaliação.	
<b>Aulas previstas: 12</b>					<b>Interrupção letiva do Natal</b>		
2º Período	Jan.	3	13		UL2 - Jesus, um Homem para...	Quem é Jesus de Nazaré?	
		10	14		UL2 - Jesus, um Homem para...	Jesus lega-nos uma nova maneira de entender Deus	
		17	15		UL2 - Jesus, um Homem para...	Viver centrado no amor ao próximo.	
		24	16		UL2 - Jesus, um Homem para...	Uma religião que se manifesta no perdão e fraternidade.	
		31	17		Atividade de Escola	Comemoração do dia de São João Bosco	
	Fev.	7	18		UL2 - Jesus, um Homem para...	A interpelação aos poderosos. A Paixão e morte de Jesus	
		14	19		UL2 - Jesus, um Homem para...	A Ressurreição de Jesus.	
		21	20		UL2 - Jesus, um Homem para...	Dar vida aos outros.	
		28			Feriado - Carnaval		
	Mar	7	21		UL2 - Jesus, um Homem para...	Apresentação dos trabalhos realizados. Entrega e correção da ficha de avaliação.	

3º Período	Abr.	14	22	UL3 - A Partilha do Pão	A alimentação.	
		21	23	Atividade de Escola	Realização da ficha de avaliação de HGP	
		28	24	UL3 - A Partilha do Pão	Significado simbólico-religioso do alimento e da refeição	
		4	25	UL3 - A Partilha do Pão	A produção e o comércio de alimentos. Auto e heteroavaliação	
	<b>Aulas previstas: 13</b>				<b>Interrupção letiva da Páscoa</b>	
	Abr.	25			Feriado - Dia da Liberdade	
	Maio	2	26	UL3 - A Partilha do Pão	A fome, a pobreza e a injusta distribuição dos bens	
		9	27	UL3 - A Partilha do Pão	Instituições vocacionadas a luta contra a fome.	
		16	28	UL3 - A Partilha do Pão	Solidariedade e voluntariado. A partilha dos bens.	
		23	29	UL3 - A Partilha do Pão	A “Última Ceia” e o “Lava-pés”.	
		30	30	UL3 - A Partilha do Pão	O exemplo cristão de ser pão para os outros.	
	Jun.	6	31	UL3 - A Partilha do Pão	Entrega e correção do teste. Auto e heteroavaliação	
		13				
<b>Aulas previstas: 6</b>				<b>Feriado Municipal - Dia de Santo António</b>		
<b>Total de aulas previstas: 31</b>				<b>Encerramento do Ano Letivo</b>		

Feriados			
Todos os Santos	01/11	Dia da Liberdade	25/04
Carnaval	28/02	Sto. António	13/06
Interrupção letiva			
1º período	de 19 de dezembro a 2 janeiro		
2º período	de 27 de fevereiro a 1 de março		
	de 5 de abril a 18 de abril		

Calendário Escolar	
1º período	de 16 de setembro até 16 de dezembro
2º período	de 3 de janeiro a 4 de abril
3º período	19 de abril a 16 de junho

### Planificação de Nível III

Faculdade de Teologia – Universidade Católica Portuguesa



#### Planificação Nível III

Ano Letivo – 2016/2017

Ano/ Turma:6º

Unidade Letiva 1 – A Pessoa Humana

Metas	Objetivos	Conteúdos	Lição	Experiências de aprendizagem	Aulas centradas	
					Prof.	Aluno
			1	- Apresentação do professor, dos alunos e da disciplina. - Critérios de avaliação. - Programa da disciplina. - Material a usar na disciplina.		
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	1. Reconhecer a pessoa como ser único que vive em relação com os outros.	✓ Quem é uma pessoa? • Uma unidade irrepitível;	2	- Introdução da unidade letiva. - Dinâmica “Quem é a pessoa?” - Leitura e exploração do excerto da Encíclica <i>Deus Caritas Est</i> , de Bento XVI (manual p 13)	X	X
		• Um ser em relação com os outros.		- Reflexão sobre a máscara e a origem do termo pessoa. - Dinâmica “Pessoa ser em relação” - Construção de um cartaz no painel a sala.	X	X
	2. Identificar as diferentes dimensões da pessoa valorizando a relação com o transcendente.	✓ Dimensão física: corpo, fisiológica.	3	- Introdução da aula com o Miguel e a Maria. - Dimensões da Pessoa Humana: introdução. - Diálogo sobre a Dimensão Biológica da Pessoa. - Dinâmica “como cuidar do corpo?”	X	X
				- Síntese da aula.		X

		<p>✓ Dimensão social: relação com os outros</p>	4	<p>- Dinâmica “o meu primeiro grupo”</p> <p>- Leitura e reflexão com os alunos sobre o texto da constituição Artº 26.</p> <p>- Dinâmica “aprender a dialogar” e realização do puzzle no painel da turma.</p> <p>- Síntese da aula.</p>	X	X
		<p>✓ Dimensão Espiritual:</p> <p>- Dimensão intelectual, inteligência, imaginação e razão;</p> <p>- Dimensão moral e volitiva: distinção entre bem e mal, escolha; vontade e compromisso;</p> <p>- Dimensão emocional: emoções e sentimentos;</p> <p>- Dimensão religiosa:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Filiação divina e primado da criação;</li> <li>• Capacidade de amar;</li> <li>• Capacidade de se interrogar sobre a existência;</li> <li>• Capacidade criativa e de vivência da liberdade;</li> <li>• Capacidade de se abrir à transcendência.</li> </ul> <p>- Dimensão sexual: a sexualidade abrange a totalidade da pessoa: corpo, inteligência, emoção, vontade, afetividade:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• A vida emocional deve levar à abertura aos outros, que são diferentes;</li> <li>• A linguagem do corpo ajuda-nos a comunicar com os outros.</li> </ul>	5	<p>- Introdução da aula partir do puzzle da aula anterior.</p> <p>- Diálogo sobre dimensão espiritual.</p> <p>- Dinâmica: “O meu coração”. O que é a liberdade.</p> <p>- Partilha da Dinâmica.</p> <p>- Leitura e diálogo sobre o excerto do texto GS,1.</p> <p>- Reflexão com os alunos sobre a sexualidade.</p> <p>- Dinâmica “O meu coração”.</p> <p>- Diálogo: como amar os outros.</p> <p>- Construção de um cartaz.</p> <p>- Síntese.</p>	X	X

<p>E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.</p>	<p>6. Perceber como o elemento fulcral da mensagem cristã é o carácter pessoal da relação de Deus com cada ser humano.</p>	<p>✓ Deus estabelece com todos uma relação pessoal: SI 139 (138)</p>	<p>6</p>	<p>- Diálogo sobre as representações de Deus?  - Dinâmica: Tenho alguma Imagem de Deus? Se sim como o representar?  - Introdução, leitura e interpretação do Salmo 139 (138)  - Escrever no caderno a frase que mais gostaram do Salmo.  - Que ações são atribuídas a Deus.  - Dinâmica: Depois de Ler o Salmo mudei a minha ideia ou imagem sobre Deus? (caso a tenha)  - Partilhar com os colegas a dinâmica.  - Síntese</p>	<p>X  X X  X  X  X  X</p>	<p>X  X  X  X  X  X</p>
<p>G. Identificar os valores evangélicos.</p>	<p>3. Promover a autenticidade como fidelidade ao próprio projeto (vocação).</p>	<p>✓ A ruptura com o egoísmo e a vivência do amor permitem o crescimento saudável e a realização plena da pessoa.  ✓ A autenticidade = verdade  ✓ A aceitação de si mesmo.  ✓ É preciso amar: 1 Jo 4, 7-21  ✓ Procurar a coerência entre o que se é e o que se aparenta ser;  ✓ Ter vontade de ser verdadeiro e de procurar a verdade.</p>	<p>7</p>	<p>- Dinâmica sobre a autenticidade: os símbolos da lupa, do presente e do jarro transparente.  - I Momento Hermenêutico: Leitura e interpretação do texto bíblico 1 Jo 4, 7-1  -Só o amor nos torna autênticos e felizes.  - Dinâmica "Luz" e "Trevas".  - Andar na "Luz": verdade, autenticidade, amor;  - Andar nas "Trevas": ódio, mentira, falta de autenticidade.  Síntese.</p>	<p>X  X  X  X  X  X</p>	<p>X  X  X  X  X  X</p>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ É preciso amar: 1 Jo 4, 7-21</li> <li>✓ Procurar a coerência entre o que se é e o que se aparenta ser;</li> <li>✓ Ter vontade de ser verdadeiro e de procurar a verdade.</li> </ul>	8	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O símbolo da Máscara e os símbolos da aula anterior.</li> <li>- II Momento Hermenêutico – Atualização do texto Bíblico: 1 Jo 4, 7-1</li> <li>- Dinâmica ”tirar a máscara” para ser autêntico.</li> <li>Dinâmica “Tirar a máscara” para amar a Deus e os outros.</li> <li>Síntese.</li> </ul>	X	X
	4 Identificar os direitos fundamentais da pessoa e da criança, a partir da noção de dignidade humana.	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ O ser humano é dotado de direitos e de deveres, reconhecidos pela sociedade:</li> <li>• A Declaração Universal dos Direitos Humanos;</li> </ul>	9	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Diálogo sobre a relação entre os direitos e os deveres.</li> <li>- Reflexão sobre a história da conquista da Liberdade e dos Direitos Humanos.</li> <li>- Vídeo e diálogo sobre a Declaração universal dos Direitos Humanos.</li> <li>- Dinâmica: “decorar os direitos humanos” Diálogo e Partilha.</li> <li>- Síntese-</li> </ul>	X	X
G. Identificar os princípios evangélicos.	4. Identificar os direitos fundamentais da pessoa e da criança, a partir da noção de dignidade humana.	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ A Convenção sobre os direitos da criança.</li> <li>✓ Organizações locais que lutam pela construção de um mundo onde todos tenham condições de existência dignas;</li> <li>✓ A Igreja Católica defende os direitos das crianças, entre outros: <ul style="list-style-type: none"> <li>• à família</li> <li>• ao bem-comum</li> <li>• à educação</li> </ul> </li> </ul>	10	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Vídeo e diálogo sobre os direitos da Criança.</li> <li>- Reflexão sobre situações em que os Direitos Humanos e da Criança não são respeitados.</li> <li>- Diálogo sobre instituições, da Igreja e outras, que se dedicam a ajudar as crianças e lutar pelos Direitos Humanos.</li> <li>- Compromisso de turma para ajudar as crianças e dignificar a Pessoa.</li> <li>- Síntese</li> </ul>	X	X
I. Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade	5. Conhecer organizações católicas que trabalham pela promoção da dignidade humana	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ O contributo da Igreja Católica nos cuidados: <ul style="list-style-type: none"> <li>• assistenciais;</li> <li>• de saúde;</li> </ul> </li> </ul>				X

O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	7. Promover as condições para que cada um viva como a pessoa que é.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• da educação.</li> <li>✓ Como “ser pessoa” e dar condições para que todos sejam “pessoas”: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Estabelecer relações cordiais e verdadeiras;</li> <li>• Escutar;</li> <li>• Partilhar;</li> <li>• Ser atento e amável;</li> <li>• Comunicar bem;</li> <li>• Respeitar os outros;</li> <li>• Amar os outros;</li> <li>• Defender os direitos humanos;</li> </ul> </li> </ul> <p>Cumprir os seus deveres.</p>				
		Unidade Letiva Um “A Pessoa Humana”	11	- Ficha de avaliação sobre a Unidade Letiva 1 “A Pessoa Humana”		X
			12	Entrega e correção da ficha de avaliação. Auto e heteroavaliação		X

## 2.2. I Momento Hermenêutico

O I Momento Hermenêutico corresponde, nas planificações nível I, II e III, à aula 7, que está destacada com uma cor mais clara.

A planificação nível IV da primeira aula está depois do texto explicativo desta aula. A planificação nível IV contém as metas, os objetivos e os conteúdos, assim como as estratégias de aprendizagem, as dinâmicas a usar, o tempo dedicado a cada momento da aula e a forma como será feita a avaliação formativa por parte do docente.

O material pedagógico usado na aula está descrito no plano de aula, na planificação da aula e nos anexos que se encontram em cada uma. Depois da planificação da aula, será explorado o *powerpoint*, usado na aula para ajudar na reflexão dos temas para debater em cada aula.

Será, também, usada uma Bíblia (se possível uma para cada aluno) e também o manual com o texto bíblico e alguns pontos de reflexão.

Sumário:

Leitura e interpretação do texto bíblico: 1 Jo 4, 7-21.

O amor torna-nos autênticos e felizes.

Dinâmica: “luz e trevas”.

A aula começa com a ligação à anterior, em que se estudou a dimensão espiritual, que se manifesta na capacidade de amar. O amor é o tema central do texto bíblico e de toda a Unidade Letiva “A Pessoa Humana”.

A aula está relacionada com o tema da autenticidade e da coerência. A 1 Jo 4, 7-21 vai ajudar a perceber que ser autêntico e coerente é agir em conformidade com aquilo em que se acredita. No entanto, aquilo em que acreditamos tem de estar orientado pelo princípio do amor, levando-nos a fazer o bem e a evitar o mal. Assim, o ser humano deve, em primeiro lugar e acima de tudo, acreditar no amor que o leva à verdade e à felicidade. O amor não deixa a pessoa instalada no seu “eu”, mas vai ao encontro do outro.

Como o texto bíblico é rico em linguagem simbólica e os alunos gostam de símbolos e da linguagem simbólica, serão apresentados, na aula, vários símbolos. A exploração da linguagem simbólica faz os alunos entrar mais facilmente na temática da aula e desenvolver a sua dimensão espiritual, pois são levados para uma realidade que ultrapassa o mundo sensível e que os ajuda a perceber a mensagem do texto.

Serão apresentados aos alunos três símbolos: a lupa, o jarro de vidro e um presente. O professor perguntará aos alunos que objetos preferem. Cada aluno justificará a sua resposta. Depois de todos falarem, será feita a exploração dos símbolos, em diálogo com os alunos.

A lupa impede de ver a realidade tal como ela é, aumentando-a. Muitas vezes, nós queremos parecer maiores e melhores do que aquilo que somos. Gostamos de aparentar e

não estamos a ser verdadeiros nem autênticos, nem coerentes connosco próprios, tentando enganar os outros, mostrando uma imagem distorcida daquilo que somos. No entanto, a lupa também nos faz reduzir a realidade e não a percebemos como ela é.

Depois, será explorado o presente, que é sempre aliciante, mas que não sabemos o que tem dentro e o que esconde. Este simboliza as vezes que olhamos para uma coisa ou para as pessoas que, muitas vezes, julgamos pelas aparências. A aparência externa também é importante, mas o mais importante é o interior de cada pessoa.

Muitas pessoas não revelam o que são por dentro e querem mostrar, por fora, uma imagem daquilo que não são. Quando queremos mostrar aos outros outra imagem de nós, estamos a viver na mentira e no erro e os outros, quando descobrirem, vão deixar de confiar.

Todos devem mostrar aos outros aquilo que são por dentro, devendo ser coerentes entre o que dizem e o que fazem, não tendo receio de mostrar aquilo que são, nem de serem coerentes e verdadeiros com os outros. Quem gosta de si não tem problemas em mostrar aos outros aquilo que realmente é.

Por fim, será explorado o jarro de vidro transparente como simbolo da autenticidade. Este, por ser transparente, permite que vejamos o seu conteúdo e que saibamos que não esconde: o que é por dentro também é por fora. Ser autêntico é não querer esconder aos outros aquilo que realmente somos. Ser coerente e verdadeiro leva à felicidade e a que os outros confiem em nós.

Com estes símbolos, os alunos refletirão sobre que quando se é autêntico, se é feliz, verdadeiro e coerente. A falta de autenticidade mostra uma imagem que não corresponde ao que nós somos realmente, levando à desconfiança e à falta de humildade.

O Manual de EMRC do sexto ano resume a autenticidade e a coerência numa frase: “cada pessoa vale (mais corretamente a pessoa realizasse) digna pelo que é e não pelo que tem”<sup>205</sup>. Esta frase lança-nos a questão “Gosto de mim mesmo?”

Se eu gosto de mim (ou não), não preciso de aparentar ou de mostrar aos outros que sou importante por ter muitas coisas materiais, mas por ser único.

O diálogo sobre a autenticidade vai ser ainda mais aprofundado com o estudo do texto bíblico.

O que nos diz a Bíblia sobre ser autêntico e verdadeiro?

A resposta é sempre: Amor.

Vamos ler um excerto de uma carta que São João escreveu para os cristãos do seu tempo e também para nós.

---

<sup>205</sup> Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Estou Contigo - Manual de EMRC Sexto ano*, Fundação SNEC, Lisboa 2015, p. 26. Esta frase não está formulada, pois a pessoa é um ser e não uma coisa quantificável.

1 Jo 4, 7.21

“Caríssimos, amemo-nos uns aos outros, porque o amor vem de Deus, e todo aquele que ama nasceu de Deus e chega ao conhecimento de Deus. Aquele que não ama não chegou a conhecer Deus, pois Deus é amor.

E o amor de Deus manifestou-se, desta forma, no meio de nós: Deus enviou ao mundo o seu filho Unigénito, para que, por Ele, tenhamos a vida. É nisto que está o amor: não fomos nós que amámos a Deus, mas foi Ele mesmo que nos amou e que enviou o seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados. Caríssimos, se Deus nos amou assim, também nós devemos amar-nos uns aos outros.

A Deus nunca ninguém o viu; se nos amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós e o seu amor chegou à perfeição em nós. Damos conta de que permanecemos nele, e Ele em nós, por nos ter feito participar do seu Espírito.

Nós o contemplámos e damos testemunho de que o Pai enviou o seu Filho como Salvador do mundo.

Quem confessar que Jesus Cristo é o Filho de Deus, Deus permanece nele e ele em Deus. Nós conhecemos o amor que Deus nos tem, pois cremos nele. Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele.

É nisto que, em nós, o amor se mostra perfeito: em estarmos cheios de confiança no dia do juízo, pelo facto de sermos, neste mundo como Ele foi.

No amor, não há temor; pelo contrário, o perfeito amor lança fora o temor; de facto, o temor pressupõe castigo, e quem teme não é perfeito no amor.

Nós amamos, porque Ele nos amou primeiro. Se alguém disser: «Eu amo a Deus», mas tiver ódio ao seu irmão, esse é um mentiroso; pois aquele que não ama o seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a que não vê. E nós recebemos dele este mandamento: quem ama a Deus, ame também o seu irmão.”

No texto bíblico, o ser humano é um ser único e forma uma unidade inseparável de corpo e espírito.

Qual a palavra que mais se repete no texto?

Qual o tema central do texto?

De que frases gostaram mais?

Depois de dialogar com estas perguntas, o professor fará uma breve apresentação sobre o contexto em que o texto foi escrito e fará igualmente a ligação com o autor.

O texto dirige-se aos cristãos de uma comunidade que o autor conhecia. Não se dirige a pessoa alguma em particular, mas a cristãos que não estavam a ser autênticos, coerentes e verdadeiros.

Eram cristãos influenciados por líderes de grupos que pensavam de modo errado. Achavam que Jesus era apenas Deus e que nunca foi realmente uma pessoa como nós,

porque o corpo era menos importante que o espírito. No entanto, como estudamos nas aulas anteriores, o corpo e o espírito são duas realidades importantes que não se podem separar.

O autor da carta apela para os cristãos não se deixarem influenciar por grupos de pessoas que viviam uma religião de aparência e que não eram autênticas. Os grupos que influenciavam os cristãos chamavam-se gnósticos.

“Gnosticismo” vem de gnóstico, de “conhecer”. Para eles era muito importante conhecer Deus. No entanto, eles faziam uma coisa errada: não valorizavam positivamente a atenção aos outros. Podiam conhecer Deus, mesmo odiando os outros. A religião e a fé estavam desligadas da vida do dia-a-dia. Perante isto, podemos dizer que não eram coerentes. A religião e a fé não podem estar desligadas da vida diária.

Deus quer que amemos os outros? Devemos saber muito sobre Deus e depois não ajudar os que precisam?

Como é que as pessoas crentes (ou não crentes) podem chegar a conhecer Deus? Somente através do conhecimento, do estudo, da inteligência ou também através do amor e da relação com os outros? Conhecer Deus não tem relação alguma com o bem dos outros? As pessoas conhecem Deus porque têm a dimensão espiritual que, ao ser desenvolvida, as leva a questionarem-se sobre o sentido da sua vida, sobre o sofrimento, sobre a morte e sobre a alegria.

Muitas pessoas, no tempo da 1 Jo 4, 7-21, (os gnósticos), achavam que era possível conhecer Deus, mesmo odiando os outros e, por isso, João diz que eles viviam nas trevas, na escuridão do pecado e da mentira. Eram verdadeiros e autênticos? O autor da carta chama mentirosos a quem?

A resposta está na vida de Jesus em que o amor a Deus só é possível através do amor ao próximo. Jesus era coerente entre aquilo que dizia e aquilo que fazia.

Neste texto, o autor diz: quando a pessoa ama, conhece, realmente, Deus e não precisa de ter medo nem do sofrimento nem da morte. Quando alguém se encontra com Deus, a única coisa que existe entre essa pessoa e Deus é o amor.

Este texto bíblico ajuda a perceber melhor a dimensão espiritual da pessoa, pois não se pode separar da vida diária, vivida também com a dimensão corporal.

Quando amamos, estamos na dimensão espiritual. Ora é através do amor que podemos chegar à dimensão religiosa e ao mistério que é Deus (ou o transcendente).

Será introduzida linguagem simbólica do texto através da dinâmica “Luz e Trevas”. Será, igualmente, entregue a cada aluno um pedaço de cartolina preta, em forma de retângulo, e branca, em forma de coração, para que cada um escreva a um colega uma mensagem com caneta escura em cada cartolina. Apurar-se-á em qual dos pedaços a mensagem pode ser lida e compreendida, proporcionando a comunicação. O que Significa luz e trevas?

Nas trevas (escuridão) mostramos aos outros aquilo que realmente somos? Somos coerentes nas trevas? A escuridão é sinal de tristeza.

Podemos ter o coração branco (andar na luz) e preto (trevas) ao mesmo tempo? Quando escondemos alguma coisa dos outros, estamos nas trevas ou na luz? O amor faz andar na luz e na alegria.

Para São João, só o amor, andar na luz, nos torna felizes. Amar os outros permite o crescimento saudável e a felicidade da pessoa.

As pessoas que são crentes podem dizer que amam a Deus se não amarem os outros? Viver assim é ser coerente e autêntico?

Para quem é cristão, ser coerente é amar a Deus e amar as outras pessoas.

No primeiro momento hermenêutico, os alunos e o professor devem tirar as seguintes conclusões: através do conhecimento de Jesus podemos ver que a pessoa humana é uma unidade formada por corpo e espírito; como Jesus, devemos ser coerentes entre aquilo que dizemos e aquilo que fazemos; ninguém pode ser feliz sozinho; devemos viver os princípios em que acreditamos e não estar agarrados aos bens materiais; o verdadeiro amor é gratuito e generoso; só o amor é capaz de dar felicidade e dignificar as pessoas; não nos podemos deixar influenciar pelo egoísmo e pelo individualismo que se fecha em si e não se abre a Deus e aos outros.



**Unidade Letiva:** 6º ano, Unidade Letiva 1 “A pessoa Humana”.

**Sumário:** A autenticidade torna-nos felizes. Leitura e interpretação do texto bíblico 1 Jo 4, 7-21. Dinâmica: luz e trevas.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚	Recursos	Avaliação Formativa
G. Identificar os princípios evangélicos.	3. Promover a autenticidade como fidelidade ao próprio projeto (vocação).	- A rutura com o egoísmo e a vivência do amor permitem o crescimento saudável e a realização plena da pessoa.  - É preciso amar: 1 Jo 4, 7-21.	Sumário  <b>Dinâmica:</b> os símbolos da lupa, do presente e do jarro transparente que vão ser explorados e usados na aula para compreender a importância da autenticidade e coerência na vida de cada pessoa.  <b>I Momento hermenêutico.</b> Leitura e interpretação do texto bíblico 1 Jo 4, 7-21.  Contexto e mensagem da 1 Jo 7-7-21  <b>Dinâmica luz e trevas:</b> luz (verdade, coerente e feliz) e trevas (egoísmo, mentira e tristeza).  Ser coerente e verdadeiro é amar a Deus e amar os outros.  Síntese	3m  10  15m  12m  5m 45m	Powerpoint  Powerpoint, lupa, jarro e presente. Anexo 1  Bíblia e projeção do texto.  Anexo 2: cartolina preta e branca.	O professor avalia a participação e compreensão da linguagem simbólica.  O professor observa e avalia as atitudes, a participação e a apreensão da mensagem do texto.  Através da dinâmica, o professor observa se os alunos perceberam o que é ser coerente e autêntico. Entrar na alma e no mundo dos alunos.

**Proposta de Síntese:** Ser coerente, autêntico, verdadeiro e amar as outras pessoas, torna-nos pessoas felizes

**Anexos:**

**Anexo 1:** Levar três símbolos para serem explorados no início da aula: lupa, presente e jarro. Perguntar aos alunos que símbolo preferem e justificar a escolha. Seguidamente, serão explorados em diálogo com os alunos:

1º A lupa - altera a realidade tal como ela é, aumentando-a. Muitas vezes, nós queremos parecer maiores e melhores do que aquilo que somos. Gostamos de aparentar e não estamos a ser verdadeiros nem autênticos, nem coerentes connosco próprios. Tentamos enganar os outros, mostrando uma imagem distorcida daquilo que somos.

2º O presente, que está embrulhado dentro de um papel bonito. O presente é aliciante, mas não sabemos o que tem dentro e o que esconde. Simboliza as vezes em que olhamos para uma coisa, ou até, muitas vezes, para as pessoas e as julgamos pelas aparências. A aparência externa também é importante (a higiene, estar bem vestido e apresentado), mas o mais importante é o interior de cada pessoa.

Muitas pessoas não revelam por fora o que são por dentro e querem mostrar por fora uma imagem daquilo que não são. Quando queremos mostrar aos outros outra imagem de nós, estamos a viver na mentira e no erro e os outros, quando descobrirem, vão deixar de confiar.

Todos devem mostrar aos outros aquilo que são por dentro, devendo ser coerentes entre o que dizem e o que fazem e não terem receio de mostrar aquilo que são, de serem coerentes e verdadeiros com os outros. Quem gosta de si, não tem problemas em mostrar aos outros aquilo que realmente é.

3º O jarro de vidro transparente. Por ser transparente, vemos o seu conteúdo e sabemos que não esconde coisa alguma. Logo, o que é por dentro também é por fora. É símbolo da autenticidade, é não querer esconder aos outros aquilo que realmente somos. Quando somos coerentes, somos verdadeiros e isso leva à felicidade e os outros confiam em nós.

**Anexo 2:** Dinâmica “Luz e Trevas”. Entregar a cada aluno um pedaço de cartolina preta, em forma de retângulo, e a branca, em forma de coração, para que cada um, escreva uma mensagem a um colega com caneta escura. Apurar-se-á em qual dos pedaços a mensagem pode ser lida e existe comunicação.

O que significa luz e trevas? Nas trevas, mostramos o que somos aos outros? Somos coerentes nas trevas? Podemos ser o branco (andar na luz) e preto (trevas) ao mesmo tempo? Quando escondemos alguma coisa dos outros estamos nas trevas ou na luz?

O amor leva a viver nas trevas ou na luz?

**UNIDADE LETIVA 1**



**A Pessoa Humana**

José Luís Figueiredo

**Aula 1** (corresponde na planificação nível I, II e III à aula 7)

**Sumário:**

Leitura e interpretação do texto Bíblico: 1 Jo 4, 7-21.  
Só o amor nos torna autênticos e felizes.  
Dinâmica: "luzes e trevas".



José Luís Figueiredo

**Recorda da aula anterior.**

O ser **humano é um ser único.**

Apesar de ter as dimensões, física, social e espiritual forma uma unidade.

A dimensão espiritual é a capacidade de **amar que pode levar à dimensão religiosa.**



José Luís Figueiredo

**A autenticidade!**

**A autenticidade = ser verdadeiro/ ser feliz**



José Luís Figueiredo

**Qual dos três objetos escolhes para ti?**



José Luís Figueiredo

**O presente é sempre uma surpresa, mas...**



José Luís Figueiredo

Com a lupa vemos, mas...



José Luís Figueiredo

O jarro é ...



José Luís Figueiredo

A falta de autenticidade

Quando **queremos mostrar aos outros aquilo que não somos**, vivendo uma vida de aparência, uma vida que não é autêntica.



José Luís Figueiredo

Cria em nós a vontade de mostrar uma imagem que não corresponde ao que nós somos realmente.



José Luís Figueiredo

**"Cada pessoa é digna pelo que é e não pelo que tem".**

O que é que esta frase quer dizer para nós?



José Luís Figueiredo

Gosto de mim mesmo? Amo-me?



José Luís Figueiredo

O que nos diz a Bíblia sobre ser autêntico e verdadeiro?

Vamos ler um excerto de uma carta que **São João** escreveu para os cristãos do seu tempo e também para nós.



José Luís Figueiredo

1 Jo 4, 7-21

É preciso amar, pois Deus é amor.

"Caríssimos, amemo-nos uns aos outros, porque o amor vem de Deus, e todo aquele que ama nasceu de Deus e chega ao conhecimento de Deus. Aquele que não ama não chegou a conhecer Deus, pois Deus é amor.

E o amor de Deus manifestou-se desta forma no meio de nós: Deus enviou ao mundo o seu Filho Unigénito, para que, por Ele, tenhamos a vida. E nisso que está o amor: não fomos nós que amámos a Deus, mas foi Ele mesmo que nos amou e enviou o seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados.

Caríssimos, se Deus nos amou assim, também nós devemos amar-nos uns aos outros.

A Deus nunca ninguém o viu; se nos amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós e o seu amor chegou à perfeição em nós. Damos conta de que permanecemos nele, e Ele em nós, por nos ter feito participar do seu Espírito.

José Luís Figueiredo

Nós o contemplámos e damos testemunho de que o Pai enviou o seu Filho como Salvador do mundo.

Quem confessar que Jesus Cristo é o Filho de Deus, Deus permanece nele e ele em Deus. Nós conhecemos o amor que Deus nos tem, pois cremos nele. Deus é amor, e que permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele.

É nisso que em nós o amor se mostra perfeito: em estarmos cheios de confiança no dia do juízo, pelo facto de sermos neste mundo como Ele foi.

No amor não há temor; pelo contrário, o perfeito amor lança fora o temor, de facto, o temor pressupõe castigo, e quem teme não é perfeito no amor.

Nós amamos, porque Ele nos amou primeiro. Se alguém disser: «Eu amo a Deus», mas tiver ódio ao seu irmão, esse é um mentiroso; pois aquele que não ama o seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, que não vê. E nós recebemos dele este mandamento: quem ama a Deus, ame também o seu irmão.»

José Luís Figueiredo

De que frase gostei mais?



Qual é a frase mais complicada?

José Luís Figueiredo

Qual o tema central do texto?



Qual a palavra que mais se repete?

José Luís Figueiredo

Contexto da 1 Jo 4, 7-21

S. João, o autor da carta, teve de enfrentar as **seitas gnósticas** do seu tempo e que **influenciavam negativamente os cristãos**.

**Gnóstico** é um termo que deriva do grego "gnostikós", cujo significado remete para algo ou para **alguém que é capaz de conhecer**.

José Luís Figueiredo

Os gnósticos achavam que o **corpo era menos importante do que o espírito.**

Para eles, **Jesus, o Filho de Deus, não podia ter nascido com um corpo como o nosso.**

Era possível **conhecer Deus mesmo odiando os outros.**

José Luis Figueiredo

**São João apela para as pessoas não se deixarem enganar.**

Jesus nasceu e viveu num corpo e era Cristo, o Filho de Deus.

Em Jesus, o corpo e o espírito formam uma unidade.

José Luis Figueiredo

Em Jesus, o ser humano é um ser **único** e forma uma **unidade inseparável de corpo e espírito.**



José Luis Figueiredo

Como é que se pode conhecer Deus?

Apenas através do conhecimento, do estudo e da inteligência ou também através **do amor e da relação com os outros?**



José Luis Figueiredo

Para os gnósticos, era possível conhecer Deus mesmo odiando os outros e, por isso, João diz que eles **viviam nas trevas, na escuridão do pecado e da mentira.**

Eram verdadeiros e autênticos?



José Luis Figueiredo

**É possível amar a Deus sem amar os outros?**

Viver assim é ser coerente e autêntico?



José Luis Figueiredo

**Síntese da aula**

Ser coerente é andar na luz.

Só o amor dá a verdadeira felicidade.



José Luis Figueiredo

### 2.3. II Momento Hermêutico

O II Momento Hermêutico corresponde, nas planificações nível I, II e III, à aula 8, que está destacada com cor mais clara.

A planificação nível IV, para esta aula, contém as metas, os objetivos e os conteúdos, assim como as estratégias de aprendizagem, as dinâmicas a usar, o tempo dedicado a cada momento da aula e a forma como será feita a avaliação formativa por parte do docente.

O material pedagógico, usado na aula, está descrito no plano de aula, na planificação da aula e nos anexos que se encontram em cada uma. Depois da planificação da aula, será apresentado um *powerpoint* usado na aula para ajudar na reflexão dos temas em debate em cada aula.

Será também usada uma bíblia (se possível uma para cada aluno) e também o manual, onde está o texto bíblico escrito e alguns pontos de reflexão.

Sumário da aula: atualização do texto bíblico 1 Jo 4, 7-21. Dinâmica “Tirar a Máscara” para amar.

Nesta aula, será feito o estudo do segundo momento hermenêutico, com a atualização do texto.

Depois de ler e de estudar a mensagem da 1 Jo 4, 7-21, ver-se-á como poderemos responder à pergunta inicial “Quem é a Pessoa?”, que nos apresenta o programa da disciplina.

Para São João, a “Pessoa” constrói-se através da relação de amor com Deus e com os outros. Só o amor dá sentido à vida e realiza a pessoa humana. O amor faz a pessoa sair de si mesma, abrindo-a à relação. O “eu” existe porque existe um “tu”, que é Deus, e um “tu”, que são os outros. A realização plena da pessoa é dada pelo amor gratuito de Deus.

Na atualidade, as pessoas são influenciadas por um novo tipo de gnosticismo. Muitas pessoas acham que a religião está desligada da vida diária.

Para muitas pessoas, e até para muitos cristãos, a procura de sentido é feita fora das religiões institucionalizadas, nomeadamente, fora da Igreja.

Esse caminho leva à busca do próprio “eu” e de um Deus feito à medida de cada um. O amor que cada um procura viver é apenas a busca da sua satisfação pessoal, sem pensar em sair de si para se dar aos outros.

Esta visão da vida e da religião, que exalta o “eu” e leva ao individualismo, não leva à verdadeira construção da pessoa, levando-a, antes, a fechar-se perante a necessidade de dignificar os outros.

No segundo momento hermenêutico, também será usada a linguagem simbólica, para o aluno compreender melhor a mensagem do texto bíblico e o transportar para a sua vida.

Nesta aula, o símbolo a ser usado é a máscara.

Na primeira aula da unidade letiva (e não na aula nº 7), a máscara esteve relacionada com a origem do termo “Pessoa”. “Persona” era a máscara que os atores usavam no teatro.

Mais tarde, era o papel que cada pessoa tinha no teatro. Vemos que a máscara, que esteve na origem do termo “Pessoa”, se apresenta agora como tudo aquilo que cobre o rosto e a verdadeira identidade. A máscara surge, agora, ligada à falta de autenticidade, em que se mostra aos outros uma imagem diferente daquela que se tem.

A máscara tem, ainda, relação com os símbolos da aula anterior: a lupa, o presente e o jarro de vidro transparente. Dentro do presente, são colocadas previamente pelo professor, as máscaras. O professor convida um aluno a desembulhá-lo e a dar uma máscara a cada um.

Depois de aberto o presente e de se refletir com os alunos que, afinal, ele era enganador, debater-se-á sobre as seguintes questões: “Usar máscara é bom ou mau?”; “O que pode significar a máscara?” A máscara impede de ser autêntico e de mostrar aos outros a nossa verdadeira identidade.

Para a atualização do texto bíblico, destaco dele as seguintes frases para refletir:

1 Jo, 4, 7-21. É preciso amar.

“Caríssimos, amemo-nos uns aos outros, porque o amor vem de Deus, e todo aquele que ama, nasceu de Deus e chega ao conhecimento de Deus. Aquele que não ama, não chegou a conhecer Deus, pois Deus é amor.

E o amor de Deus manifestou-se desta forma no meio de nós: Deus enviou ao mundo o seu Filho, para que, por Ele, tenhamos a vida...

A Deus nunca ninguém o viu; se nos amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós...

Se alguém disser: «Eu amo a Deus», mas tiver ódio ao seu irmão, esse é um mentiroso...”.

A reflexão vai ser desenvolvida através de perguntas em diálogo com o texto bíblico.

1ª Dinâmica: “tirar a máscara para ser verdadeiro e autêntico”.

Escrever na máscara a resposta às seguintes questões:

Qual o significado de autenticidade, coerência e verdade?

Que máscaras devo tirar para ser verdadeiro e autêntico? Se gostas de ti próprio, precisas de usar máscara?

Reflexão sobre o texto.

O autor da carta diz que já viu Deus?

Segundo o texto, como podemos conhecer Deus?

Que máscaras nos impedem de amar os outros?

Quas máscaras podem impedir de conhecer Deus?

O autor da carta disse que nunca viu Deus, mas que viu Jesus, que deu a vida pelos outros. São João acredita que Jesus é Filho de Deus e que nos deu a imagem de Deus como pai e amor, porque amava profundamente as pessoas.

São João convida, na sua carta, a que cada pessoa tenha a sua experiência religiosa de se encontrar Jesus. Deus não se pode ver, mas pode ser sentido quando se ama os outros. O amor faz parte da dimensão espiritual e abre ao transcendente e ao encontro com Deus. O amor dá sentido à vida, ao sofrimento, dando alegria e abrindo-nos aos outros.

O cristão, ou o crente em Deus, não é mais do que os outros, mas sente-se transformado pela alegria de procurar Deus e de o escutar na família, na escola, na oração, nos amigos, nos pobres e nos doentes. Tal como o autor do texto bíblico diz e sente, também cada pessoa é convidada a fazer a experiência de ser amado e de amar.

Assim sendo, faz todo o sentido interrogarmo-nos se podemos fazer uma experiência semelhante à dos cristãos. É certo que a nossa experiência será sempre diferente, atendendo ao contexto no qual vivemos, no entanto parece inegável que podemos fazer a experiência do autor da primeira carta de São João ao amar Deus e ao amar os outros. Deus quer que todos nós sejamos felizes: quando mostramos aos outros aquilo que somos; quando dizemos a verdade e quando nos aceitamos como somos.

2º Dinâmica “tirar a máscara para amar os outros”.

Na máscara, cada aluno escreve a resposta à pergunta “Que máscaras tenho de tirar para amar e para dignificar os outros?”.

O segundo momento hermenêutico deve ajudar os alunos e o professor a tirarem as seguintes conclusões: ninguém pode ficar indiferente ao sofrimento dos outros; a tarefa de dignificar a pessoa é de todos; o verdadeiro amor é gratuito e generoso; a Igreja propõe a todos o compromisso de lutar e de dignificar os outros; dignificar não é apenas dar esmola e ajudar sem olhar o coração humano, mas é a atenção através de pequenos gestos de amor; a ter uma postura crítica perante as propostas descomprometidas e vazias dos movimentos culturais como a *Nova Era*.





Planificação das Aulas – Nível IV

Plano de Aula nº 8

**Unidade Letiva:** 6º ano, Unidade Letiva 1 “A pessoa Humana”.

**Sumário:** Atualização do texto bíblico 1 Jo 4, 7-21. Dinâmica “Tirar a máscara” para amar.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚	Recursos	Avaliação Formativa
G. Identificar os princípios evangélicos.	3. Promover a autenticidade como fidelidade ao próprio projeto (vocação).	<p>- É preciso amar: 1 Jo 4, 7-21.</p> <p>A autenticidade = verdade</p> <p>+ A aceitação de si mesmo.</p> <p>+ Procurar a coerência entre o que se é e o que se aparenta ser;</p> <p>+ Ter vontade de ser verdadeiro e de procurar a verdade.</p>	<p>Sumário</p> <p>Ligação com a aula anterior através dos símbolos.</p>	5m	Powerpoint	<p>O professor está atento à participação e apreensão da mensagem do texto.</p> <p>O professor avalia a participação e a compreensão da linguagem simbólica.</p> <p>Observar se os alunos perceberam que se devem comprometer a ser autênticos e coerentes.</p>
			<p>2º <b>Momento hermenêutico</b> do texto bíblico</p> <p>1 Jo 4, 7-21 Atualização do texto.</p> <p>Definir: coerência, autêntico e verdade.</p> <p>Ser coerente e verdadeiro é amar a Deus e amar os outros.</p>	12 m	Anexo 3: lupa, jarro e presente.	
			<p>1º <b>Dinâmica “tirar a máscara”</b> é ser autêntico.</p> <p>Cada aluno vai refletir e escrever na máscara sobre tudo aquilo que o impede de ser autêntico, coerente, feliz e verdadeiro.</p>	11m	Anexo 4: Máscara e teatro.	
			<p>2º <b>Dinâmica “Tirar a máscara”</b> para amar a Deus e os outros.</p> <p>Cada aluno vai refletir e escrever na máscara o que impede de amar os outros.</p>	12m	Máscara em papel para cada aluno.	
			Síntese	5m 45m		

**Proposta de Síntese:** Só o amor dá felicidade e dignifica as pessoas.

**Anexos:**

**Anexo 3:** Levar três símbolos que foram explorados na primeira aula para fazer a ligação com a aula passada: a lupa, o presente e o jarro de vidro transparente.

Dentro do presente, vão as máscaras. O professor convida um aluno a desembulhar o presente. Depois de aberto, os alunos, vão concluir que o presente, afinal, é enganador. O embrulho esconde a máscara que nos impede de sermos autênticos e de mostrarmos aos outros a nossa verdadeira pessoa.

Ligar-se-á a máscara de teatro com a origem do termo “pessoa”, do latim, *persona*, verificando o papel que o ator tem no teatro e contrapondo-o com a máscara que impede de ver o verdadeiro rosto.

**Anexo 4:** Dinâmica “Tirar a máscara”. Entregar-se-á uma máscara em papel a cada aluno, na qual este vai escrever a resposta à pergunta “Que máscaras preciso de tirar para ser autêntico e para amar os outros?”.

Depois, a dinâmica é partilhada e os alunos descobrem que, para amar os outros, devemos tirar as máscaras da mentira e do egoísmo.

**Aula 2** (corresponde na planificação nível I, II e III à aula 8)

**Sumário:**  
 Atualização do texto Bíblico 1 Jo 4, 7-21. Dinâmica "Tirar a máscara" para amar.



José Luís Figueiredo

**Ser autêntico e verdadeiro**




José Luís Figueiredo

**"Quem é a pessoa?"** na 1 Jo 4, 7-21

Para São João, a pessoa constrói-se através da relação de **amor com Deus e com os outros**.

Só o **amor dá sentido à vida e realiza a "Pessoa"**



José Luís Figueiredo

Posso ser feliz sozinho?

Posso amar sozinho?



José Luís Figueiredo

**O que significa a máscara?**



José Luís Figueiredo

**Todos temos máscaras?**

**Usar máscara é bom ou mau?**



José Luís Figueiredo

• **É preciso amar.** 1 Jo, 4, 7-21

“Caríssimos, amemo-nos uns aos outros, porque o amor vem de Deus, e **todo aquele que ama nasceu de Deus e chega ao conhecimento de Deus. Aquele que não ama não chegou a conhecer a Deus, pois Deus é amor.**”

E o amor de Deus manifestou-se desta forma no meio de nós: Deus enviou ao mundo o seu Filho, para que, por Ele, tenhamos a vida...

A Deus nunca ninguém o viu; **se nos amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós...**

Se alguém disser: «Eu amo a Deus», mas tiver ódio ao seu irmão, esse é um mentiroso...”

### Dinâmica tirar a máscara

**Que máscaras devo tirar para ser verdadeiro e autêntico?**



José Luís Figueiredo



José Luís Figueiredo

Se gostas de ti próprio, precisas de usar máscara?



José Luís Figueiredo

**Tirar a máscara para conseguir ver Deus.**

- O autor da carta diz que já viu Deus?
- Segundo o texto, como poderemos conhecer Deus?



José Luís Figueiredo

**Que máscara temos de tirar para amarmos e sermos amados pelos outros?**



José Luís Figueiredo – DEP CSH

São João viveu no grupo de Jesus e mostra que o **encontro com Deus só acontece no encontro com os outros.**

**Jesus dá-nos a imagem de Deus-amor**, porque amava profundamente as pessoas.



José Luis Figueiredo

São João convida cada pessoa a ter a mesma experiência que ele teve no encontro com Jesus ressuscitado.



José Luis Figueiredo

O cristão tenta ver Deus e escutá-lo:

na família;  
na escola;  
na oração;  
com os amigos;  
nos pobres;  
nos doentes.



José Luis Figueiredo

O cristão sente:

- Que é amado por Deus.
- Alegria quando faz o bem e ama os outros.



José Luis Figueiredo

**Deus quer que todos nós sejamos felizes:**

- quando mostramos aos outros aquilo que somos.



José Luis Figueiredo

- Felizes quando dizemos a verdade.



José Luis Figueiredo

-Felizes quando nos aceitamos como somos.



José Luis Figueiredo

Dinâmica tirar a máscara para amar os outros.

Como posso amar os outros?



José Luis Figueiredo

Proposta de síntese.

Só o amor dá felicidade e dignifica as pessoas.



José Luis Figueiredo

## Conclusão

Constituiu um dos centrais objetivos e uma das principais preocupações do presente trabalho a tarefa de responder à pergunta “Quem é a Pessoa?”, feita na Unidade letiva “A Pessoa Humana”. Ora, ao tentar reunir esforços no sentido de dar uma cabal resposta a esta questão, aquilo que se pode dizer sobre a Pessoa é sempre muito escasso. No entanto, para ajudar a responder a esta questão, foram referidos autores do âmbito da teologia, sociologia e filosofia que tiveram, como objetivo e centro das suas reflexões, a “Pessoa Humana”. Para além destes autores, ao longo da história, muitas foram as pessoas que lutaram pela liberdade, com a preocupação de dignificar o ser humano.

Uma das personalidades foi, sem dúvida, São João Bosco. Ao longo deste ano letivo, tive a oportunidade de conhecer melhor a sua vida e o seu pensamento, ao realizar a minha experiência letiva no âmbito da Prática de Ensino Supervisionado, na Escola Salesiana de Manique. O projeto educativo desta instituição escolar é pautado pela pedagogia do fundador. Para ele, a “educação é uma questão do coração e, na escola da vida, o amor é a única lição fundamental a aprender”. Assim sendo, compreendi, de modo mais profundo, que o amor é o fim último na vida da “Pessoa Humana”.

A pedagogia de São João Bosco, está subjacente um aspeto importante que é referido neste trabalho: a “Pessoa” é um acto unitário composta de várias dimensões. Nenhuma delas pode ser descurada na educação, uma vez que a escola procura a formação integral do aluno. Ela é o local indicado para desenvolver todas as dimensões da pessoa. O aluno deve ser visto não como um número, mas sim como um ser chamado pelo seu nome próprio, com afeto e amor. Só a educação, com amor, promove plenamente o desenvolvimento intelectual, físico, social e espiritual do aluno.

Constitui, por isso, um grande desafio da disciplina de EMRC dar a devida atenção a todas as dimensões da “Pessoa Humana”. Todavia, é inevitável que a dimensão espiritual tenha um especial destaque, pois a mesma proporciona a cada aluno, através da dimensão religiosa, a possibilidade de abertura ao transcendente.

Os alunos esperam que o professor seja um educador, e não apenas alguém que transmite unicamente conteúdos. Procuram o afeto que o ritmo frenético da sociedade não dá. O amor, quando está presente no ambiente escolar, promove o desenvolvimento da dimensão espiritual. Assim sendo, a “Pessoa” e o amor são indissociáveis. Só o amor dá coerência, unidade e sentido à vida da pessoa.

Diante do profundo e insondável mistério que é o ser humano, somos relegados para o de Deus. Tive a oportunidade de constatar esta relação ao estudar a origem do termo “Pessoa”, que surgiu a partir de questões Cristológicas e Trinitárias.

A reflexão sobre a “Pessoa”, a partir da 1 Jo 4, 7-21, conduz-nos para o Mistério da Santíssima Trindade, entendido como relação das três “Pessoas Divinas”. O autor da carta apresenta uma reflexão teológica onde Jesus, o Cristo, foi enviado pelo Pai para salvar a humanidade, tornando-se presente na Igreja, através do Espírito Santo, que é o próprio amor de Deus comunicado.

Tal como referi no trabalho, Deus não é apenas *logos*, ideia pura, mas também relação, *dia-logos*. Esta forma dialógica de Deus, que é uno no amor, também é aplicada ao ser humano que, através do amor, encontra a unidade entre as suas dimensões e a abertura aos outros para os amar sem medida.

Esta relação de amor, que encontramos em Deus, ajuda o aluno a dar passos na sua construção como “Pessoa”. O seu “eu” só se constrói na abertura e na relação de amor com o outro. A “Pessoa Humana” não é o somatório das suas dimensões, mas uma unidade dinâmica em que as mesmas se complementam.

Ao refletir sobre a 1 Jo 4, 7-21, podemos ver o apelo que o autor faz ao leitor, seja ele crente ou não, para que viva na verdade, na autenticidade e na coerência. Não basta ser batizado para conhecer Deus, pois a fé não se constitui como um dado adquirido nem herdado. A fé não é um mero assentimento intelectual, mas é para ser efetivamente vivida. A fé é inseparável da caridade, não se podendo efetuar a separação entre o crer e o amar.

O autor da primeira carta de João 1 Jo 4, 7-21 escreveu aos cristãos do seu tempo, influenciado pela sua experiência religiosa de encontro com Jesus. Através da vida de entrega de Jesus, ele chegou à conclusão de que Deus é Amor e só conhece verdadeiramente Deus quem ama o seu próximo. O evangelista São João propõe a cada leitor a oportunidade e a possibilidade de realização da experiência religiosa, através da abertura ao amor, que só é possível se cada um desenvolver a sua dimensão espiritual. O amor que realiza a “Pessoa” leva à experiência religiosa que, dentro ou fora do cristianismo, só é realmente verdadeira se levar a amar o próximo, se conduzir à felicidade e a ir para além da simples solidariedade. Recordo Juan Martín Velasco, que afirma: “a experiência cristã de Deus terá a sua manifestação mais autêntica no serviço e no amor aos irmãos”.

Ao realizar este trabalho, que tem como ponto de partida a 1 Jo 4, 7-21, podemos pensar que as aulas de EMRC são apenas para cristãos, ou para alunos com alguns conhecimentos teológicos. Como sabemos, a disciplina é aberta a crentes, não crentes, cristãos ou de outras religiões. Os conteúdos estudados são propostos pelo professor de um modo aberto e livre. O Jesus histórico e o Jesus da fé deve ser proposto como um modelo a seguir e um caminho de felicidade.

Nas aulas de EMRC, o estudo de textos religiosos, é importante para conhecer as religiões e a cultura de um povo. Os princípios do Evangelho marcaram a sociedade ocidental e ainda se encontram presentes, oferecendo uma proposta de vida baseada no amor.

O estudo da linguagem simbólica ajuda os alunos a perceber os símbolos (religiosos ou não) presentes na cultura e na vida do dia-a-dia. O próprio Jesus escolheu símbolos como a “água”, “pão”, “vinho”, “luz”, “vinha” e “pastor”, para fazer chegar aos homens a Sua mensagem. A comunicação da Sua mensagem ficaria empobrecida sem o devido uso da linguagem simbólica. Ao longo da minha experiência como professor de EMRC, constato que a experiência do aluno conhecer Jesus (sendo crente ou descrente, cristão ou de outra religião), suscita nele atitudes de autenticidade, coerência, respeito mútuo e de

solidariedade para com o próximo. Ao mesmo tempo, torna-se uma significativa e preciosa ajuda no processo de construção de uma consciência livre, madura e responsável.

No presente trabalho, é referido que, apesar do secularismo e do abandono das religiões institucionalizadas por parte dos jovens, a procura do religioso e da espiritualidade não acabou. No entanto, assiste-se, à transferência do âmbito da religiosidade para o contexto privado, em que cada pessoa constrói a sua espiritualidade com elementos de religiosidade.

Neste sentido, as Igrejas e os cristãos devem assumir que os novos movimentos com elementos de religiosidade ou que os novos movimentos de espiritualidade difusa são um apelo à mudança. Assim também a disciplina de EMRC pode ser um espaço para dignificar a pessoa, ajudando o aluno a discernir o caminho que deve seguir perante as múltiplas ofertas da sociedade. Propõe-se, pois, a Pessoa de Jesus como exemplo de entrega aos outros.

No contexto atual, o ensino religioso é uma oportunidade para dignificar a “Pessoa” e valorizar a vida humana, tendo em conta os seguintes fatores negativos, a saber: os novos movimentos de espiritualidade difusa, como a *New Age*, que afeta a sociedade, incrementando o individualismo; a sociedade marcada pela tecnologia e pela economia que está cada vez mais anónima; a vida humana que aparece, muitas vezes, ameaçada pelo progresso científico, parecendo que ninguém é responsável.

Este trabalho teve, também, como referência, a Encíclica *Deus Caritas Est*. Bento XVI, ao fazer a análise da sociedade, refere que a cultura de morte está a ganhar cada vez mais força, devendo ser contraposta com a cultura do amor. O amor não procura o próprio interesse, mas sim a “disponibilidade para se perder a si mesmo pelo outro (cf Lc 17, 33) que se revela como cultura de vida”. O ensino religioso, no contexto escolar, assume-se, pois, como defensor de uma cultura de vida que implica a procura do bem comum.

A disciplina de EMRC não resolve todos os problemas. Todavia, é inegável que se revela como uma preciosa ajuda para que o aluno se integre na sociedade, respeitando as culturas e as religiões dos outros. Deste modo, esta disciplina contribui para a formação integral do aluno e para a educação da cidadania, que deve ser feita em diálogo com outras disciplinas para que o aluno faça um caminho baseado no constante diálogo cultura/fé. Ao ter como preocupação central a “Pessoa”, assume-se como uma mais-valia e como uma oportunidade de humanização, de promoção do ser humano e da sociedade na qual a escola está inserida.

Ao realizar esta reflexão realizada neste trabalho cresci como “Pessoa”: ser mais coerente entre o que digo, o que penso e o que faço; acreditar que só é possível conhecer Deus se amar os outros; aprofundar as dimensões da pessoa, nomeadamente a espiritual e a religiosa; ver os alunos como pessoas que devem ser amadas e respeitadas; ser consciente da importância dos textos religiosos (Bíblia) e da sua exploração; fiquei mais rico ao conhecer o pensamento de autores, de obras e de documentos da Igreja; conhecer melhor

e procurar dar resposta aos novos movimentos de religiosidade e de espiritualidade; acreditar que a EMRC pode transformar a escola e a vida dos alunos; só o amor constrói a “Pessoa” e é o meio e o fim último do ser humano.

## **Campo bibliográfico**

### **1. Principal Fonte**

A Bíblia de Jerusalém, Edições Paulinas, São Paulo, 1985

*Bíblia Sagrada*, Edição Pastoral Paulus, Lisboa 1993

*Bíblia Sagrada*, Difusora Béblica Franciscanos Capuchinhos, Lisboa/Fátima, 2008

### **2. Fontes do Magistério**

Bento XVI, *Encíclica Deus Caritas Est*, Paulinas, Prior Velho, 2006.

*Concílio Ecuménico Vaticano II, Documentos Conciliares e Pontifícios*, Constituição pastoral, *Gaudium et Spes*, Editorial Apostolado da Oração, Braga, 1983.

*Concílio Ecuménico Vaticano II, Documentos Conciliares e Pontifícios*, Decreto conciliar, *Apostolicam Actuositatem*, Editorial Apostolado da Oração, Braga, 1983.

*Concílio Ecuménico Vaticano II, Documentos Conciliares e Pontifícios*, Decreto conciliar, *Gravissimum Educationis*, Editorial Apostolado da Oração, Braga, 1983.

Conferência Episcopal Portuguesa, *Educação Moral e Religiosa Católica, Um valioso contributo para a formação da personalidade, Nota Pastoral de 27 de abril de 2006.*  
<http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/educacao-moral-e-religiosa-catolica-um-valioso-contributo-para-a-formacao-da-personalidade/>

Pontifício Conselho da Cultura, *Jesus Cristo, Portador da Água Viva*, Paulinas, Lisboa, 2003.

### **3. Fontes curriculares**

Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica 2014*, Fundação SNEC, Lisboa, 2014.

Secretariado Nacional de Educação Cristã, *O girassol, manual do 1º ano de EMRC*, Fundação SNEC, Lisboa, 2015.

Secretariado Nacional de Educação Cristã, *O tesouro, manual do 2º ano de EMRC*, Fundação SNEC, Lisboa, 2015.

Secretariado Nacional de Educação Cristã, *O amor, manual do 3º ano de EMRC*, Fundação SNEC, Lisboa, 2015.

Secretariado Nacional de Educação Cristã, *A luz da vida, manual do 4º ano de EMRC*, Fundação SNEC, Lisboa, 2015.

Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Conta comigo, manual do 5º ano de EMRC*, Fundação SNEC, Lisboa, 2015.

Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Estou contigo, manual do 6º ano de EMRC*, Fundação SNEC, Lisboa, 2015.

Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Quero saber! manual do 7º ano de EMRC*, Fundação SNEC, Lisboa, 2015.

Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Quero descobrir! manual do 8º ano de EMRC*, Fundação SNEC, Lisboa, 2015.

Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Quero ser! manual do 9º ano de EMRC*, Fundação SNEC, Lisboa, 2015.

#### **4. Estudos e Monografias**

AMBROSIO, Juan, *A experiência religiosa e as suas múltiplas expressões culturais*, Texto de apoio à disciplina de Didática de EMRC, Documento não publicado, Faculdade de Teologia, Lisboa, 2016.

AMBROSIO, Juan, *EMRC e cidadania – Oposição e / ou colaboração*, Texto de apoio à disciplina de Didática de EMRC, Documento não publicado, Faculdade de Teologia, Lisboa, 2016.

AMBROSIO, Juan, *Educação Moral e Religiosa Católica na Escola Pública*, Texto de apoio à disciplina de Didática de EMRC, Documento não publicado, Faculdade de Teologia, Lisboa, 2016.

AMBROSIO, Juan, *A opção metodológica em EMRC*, Texto de apoio à disciplina de Didática de EMRC, Documento não publicado, Faculdade de Teologia, Lisboa, 2016.

AMBROSIO Juan, *Dimensão religiosa condição humana*, Texto de apoio à disciplina de Didática de EMRC, Documento não publicado, Faculdade de Teologia, Lisboa, 2016.

ARENDS, Richard, *Aprender a Ensinar*, McGraw-Hill Interamericana de España, S.A.U., Madrid, 2008.

BALLARINI, Teodorico; DANESI, Giacomo; MONTAGNINI, Felice; RAMAZZOTTI, Bruno; STRAMARE, Tarcisio, *As Espistolas de João, Introdução à Bíblia*, Volume II, Editora Vozes, Petrópolis, 1969.

BALTHASAR, Hans Urs Von, *Solo el Amor es digno de Fe*, Ediciones Sigueme, Salamanca, 1971.

AAVV, *Comentários à Bíblia Litúrgica*, Gráfica de Coimbra 2, Coimbra, 2007

Consejo asesor de expertos sobre libertad de religión o creencia de ODIHR, *Principios Orientadores de Toledo Sobre La Enseñanza Acerca De Religiones e Creencias En Las Escuelas Públicas*, Organização de Segurança e Cooperação na Europa, Toledo, 2007, Publicado pela OSCE/ODIHR, Varsóvia, 2008.

<http://www.osce.org/odihhr>

CUNHA, Duarte, *Só o amor gera vida, Pessoa, família, sociedade*, Paulus, Lisboa, 2015.

FREITAS, M. Costa, *Religião*, In *Logos, Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia, Volume IV*, Verbo, Lisboa, 1992.

GEVAERT, Joseph, *El problema del hombre, Introduccion a la antropologia filosofica*, Ediciones Sigueme, Salamanca, 1997.

GONÇALVES, J. Cerqueira, *Santo Agostinho*, In *Logos, Enciclopédia Luso-Brasileira de filosofia, Volume I*, Verbo, Lisboa, 1992.

KUMMEL, Werner Georg, *Introdução ao Novo Testamento*, Edições Paulinas, São Paulo, 1982.

LEVINAS, Emmanuel, *Totalidade e infinito*, Edições 70, Lisboa, 1980.

MORGEN, Michèle, *As Cartas de São João - Cadernos Bíblicos 49*, Difusora Bíblica, Lisboa, 1995.

NEVES, Joaquim Carreira, *Escritos de São João*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2004.

PEÑA, Juan L. Ruiz de la, *Imagem de Deus, Antropología teológica fundamental, Presencia teológica*, Sal Terrae, Santander, 1988.

PINTO, Joaquim de Sousa, *Personalismo*, In *Logos, Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia, Volume IV*, Verbo, Lisboa, 1992.

PIRES, Celestino, *Essencialismo*, In *Logos, Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia, Volume II*, Verbo, Lisboa, 1992.

PUJOL, Jaime; DOMINGO, Francisco; CÍL, Anastasio; BLANCO, Mateo, *Introducción a La Pedagogia de La Fé*, Eunsa

RATZINGER, Joseph, *Introdução ao cristianismo*, Principia publicações universitárias e científicas, Cascais, 2006.

SCHELKE, Karl Hermann, *Teologia do Novo Testamento nº1, Sua história literária e teológica*, Edições Loyola, Lisboa, 1970.

SESBOUÉ, Bernard, *Pensar e viver a fé no terceiro milénio*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1999.

SILVA, Carlos, “Platão”, In *Logos, Enciclopédia Luso-Brasileira de filosofia, Volume IV*, Verbo, Lisboa, 1992.

TEIXEIRA, Joaquim Sousa, “Pessoa”, In *Logos, Enciclopédia Luso-Brasileira de filosofia, Volume IV*, Verbo, Lisboa, 1992.

VAZ, Armindo dos Santos, *Palavra Viva, Escritura Poderosa – A Bíblia e as Suas linguagens*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2013.

VELASCO, Juan Martín, *La experiência cristiana de Dios*, Editorial Trotta, Madrid, 2001.

VELASCO, Juan Martim, *Introducción a la Fenomenologia de la Religión*, Editorial Trotta, Madrid, 2006.

## **5. Revistas**

AMBROSIO, Juan Francisco, “O Amor uma gramática para dizer Deus”, In *Communio XXII (2005/4)*, p 401-417.

AMBROSIO, Juan Francisco, “A Educação Moral e Religiosa Católica na Escola Pública”, In *Communio XVIII (2001/5)*, p. 437-449.

BECKERT, Cristina, “Do Amor Desejo ao Amor Mandamento”, In *Communio XXII (2005/4)*, p 451-458.

COY AFRICANO, María Elizabeth, “La Educación religiosa escolar en un contexto plural – Reflexiones preliminares”, In *Franciscanun, Revista de las Ciencias del Espíritu, Volume LII, n° 154, julio-diciembre de 2010*, Facultad de Filosofía e Facultad de Teología, Bogotá, 2010, p. 51-83.

GALVÃO, H. Noronha, “Amar o Amor, Um Motivo Agostiniano das Confissões”, In *Communio XXX (2013/3)*, p. 277-285.

HURTADO, Fina Antón, “Los nuevos movimientos religiosos como produtores de sentido”, In *Estudios de Juventud n° 53/2001*, Madrid, 2001, p. 33-43.

LOURENÇO, João, “A amizade na Bíblia”, In *Communio XXX (2013/3)*, p. 268-275.

MARTINS, António Manuel, “Para uma Antropologia Cristã da afetividade”, In *Communio XXII (2005/4)*, p. 431-450.

MENDONÇA, José Tolentino, “O Livro Cântico dos Canticos pode servir a uma educação dos afetos?” In *Communio XXII (2005/4)*, p. 343-400.

MENDONÇA, José Tolentino, “A mediação cultural um novo contexto para a transmissão religiosa”, In *Communio XXIII (2006/4)*, p. 435-441.

MESSIAS, Teresa, “Espiritualidade cristã e identidade crente nas culturas juvenis”, In *Communio XXIX 20012/ 1*, p. 113-128.

PACHECO, P. J. Franclim, “A hermenêutica bíblica numa disciplina confessional”, In *Pastoral Catequética Revista de Catequese e Educação n° 31-32, Ano X – janeiro-agosto 2015*, Fundação SNEC, Lisboa, 2015, p. 83-93.

TEIXEIRA, Alfredo, “A cultura religiosa na escola”, In *Pastoral Catequética n° 5, Ano II, maio-agosto 2006*, Fundação SNEC, Lisboa, 2006, p. 41-67.

VAZ, Armindo dos Santos, “A Bíblia, Património cultural e formativo”, In *Communio XXIII (2006/4)*, p. 443-454

VLOET, Johan Van des, “Religião, Espiritualidade e Educação”, In *Communio XXIII (2006/4)*, p. 411-421.

WILLAIME, Jean-Paul, “Escola Pública e Religiões na Europa de Hoje”, In *Communio XXIII (2006/4)*, p. 403-410.

## 6. Webgrafia

A. FERRAZ, Lara Sayão Lobato, *Religião se Aprende na Escola, Texto de apoio à disciplina de Didática de EMRC*, Lisboa 2016,  
<http://www.hottopos.com/mirand16/laragp.htm>

Dehonianos *Liturgia, Ano B, 6 Domingo da Páscoa*,  
<http://www.dehonianos.org/portal/liturgia-ano-a/>

Escola Salesiana de Manique, *Projeto Educativo 2010-2014*.  
<http://www.manique.salesianos.pt/>, 22/04/2017

Escola Salesiana de Manique, *Plano de Desenvolvimento Curricular Salesianos de Manique, Desafia-te a Fazer Maravilhas*, Escola 2016,  
<http://www.manique.salesianos.pt/>, 22/04/2017

<http://www.injuve.es/sites/default/files/Revista53-3.pdf>

<http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/educacao-moral-e-religiosa-catolica-um-valioso-contributo-para-a-formacao-da-personalidade/>

<http://www.osce.org/odihr>

ROSA, José M. S., *Introdução a Santo Agostinho, De Trinitate / Trindade*, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2008, [www.lusosofia.net](http://www.lusosofia.net) 15/06/2017. Estudo feito a partir da tradução da obra de Santo Agostinho, *De Trinitate Livros IX-XIII*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2007.

